

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA
MESTRADO**

**TÚMULOS PRÉ-HISTÓRICOS EM POÇO COM CÂMARA, NO
AMAPÁ: CARACTERIZADORES ÉTNICOS**

Edinaldo Pinheiro Nunes Filho

**RECIFE-PE
2003**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA
MESTRADO**

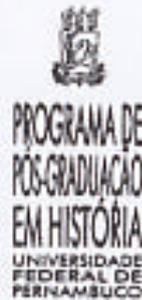
**TÚMULOS PRÉ-HISTÓRICOS EM POÇO COM CÂMARA, NO
AMAPÁ: CARACTERIZADORES ÉTNICOS**

Edinaldo Pinheiro Nunes Filho

Orientadora: Prof^ª . Dr^a . Maria Gabriela Martin Ávila

Trabalho de Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Pernambuco, para a obtenção do grau de Mestre em História do Brasil, área de concentração em Pré-História Brasileira.

**RECIFE-PE
2003**

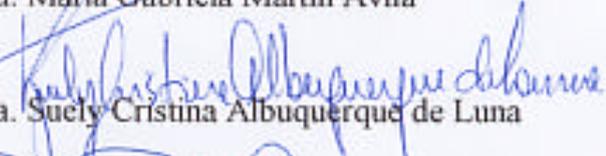


ATA DA DEFESA DA DISSERTAÇÃO DO ALUNO EDINALDO PINHEIRO NUNES FILHO

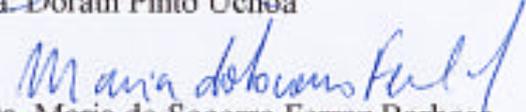
Às 9:00 do dia 29 (vinte e nove) de outubro de 2003 (dois mil e três), no Curso de Mestrado em História da Universidade Federal de Pernambuco, a Comissão Examinadora da Dissertação para obtenção do grau de Mestre apresentada pelo aluno **Edinaldo Pinheiro Nunes Filho** intitulada "*Túmulos pré-históricos em Poço com Câmara no Amapá: caracterizadores étnicos*", em ato público, após arguição feita de acordo com o Regimento do referido Curso, decidiu conceder ao mesmo o conceito "**APROVADO COM DISTINÇÃO**" em resultado à atribuição dos conceitos das professoras: MARIA GABRIELA MARTIN ÁVILA (ORIENTADORA), SUELY CRISTINA ALBUQUERQUE DE LUNA E DORATH PINTO UCHÔA. Assinam também a presente ata, a Coordenadora, Profª Maria do Socorro Ferraz Barbosa e a secretária Luciane Costa Borba para os devidos efeitos legais.

Recife, 29 de outubro de 2003


Profª Dra. Maria Gabriela Martin Ávila


Profª Dra. Suely Cristina Albuquerque de Luna


Profª Dra. Dorath Pinto Uchôa


Profª Dra. Maria do Socorro Ferraz Barbosa


Luciane Costa Borba

Nunes Filho, Edinaldo Pinheiro.

Túmulos Pré-Históricos em Poço com Câmara, no Amapá:
Caracterizadores Étnicos. Recife, UFPE, 2003. 125p.il.

Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Pernambuco,
2003.

Inclui bibliografia e anexos.

1. Pré-História – Amapá – Poços Funerários. 2. Arqueologia –
Túmulos Pré-históricos. 3. Etnografia – Fontes Históricas. 4.
Sepulcros Pré-históricos.

I. Título

903.5 (811.6)

CDU (2. ed.)

UFPE

930. 108116

CDD (21. ed.)

BC-200-394

A

Edinaldo e Raimunda Nunes, meus pais;

À Fátima Pinheiro, minha mentora;

À Prof^a . Gabriela Martin, minha fada madrinha;

À Ana Regina e Chen Chuan, minha eterna gratidão;

À Simone Nunes, meu grande amor e,

À Beatriz Nunes, minha eterna paixão.

AGRADECIMENTOS

Ao CNPq – Conselho Nacional de desenvolvimento Científico e Tecnológico que possibilitou a viabilização deste trabalho e de meu aperfeiçoamento profissional;

Ao Governo do Estado do Amapá, através da Secretaria Estadual de Educação, pela licença recebida para cursa o curso de pós-graduação na Universidade Federal de Pernambuco – UFPE;

À UFPE, Curso de Pós-Graduação em História, na pessoa da Prof^a. Dr^a. Gabriela Martin Ávila que se revelou além de uma ótima educadora, amiga, competente orientadora, pelo carinho e incentivo constante dado à realização deste estudo, meu eterno reconhecimento;

Aos professores (as) do Curso de Pós-Graduação em História, Área de Concentração Pré-História, Anne-Marie Pessis, Adelson Santos, Ricardo Pinto, Lúcia Valença e Niéde Guidon pela enriquecedora convivência, que com seus ensinamentos, debates e discussões muito contribuíram para o meu amadurecimento profissional e acadêmico;

Aos colegas e funcionários que passaram a fazer parte do meu novo universo por ocasião do curso de Mestrado, em especial a Mauro Farias, Raoni, Marluce, Iago, Andréa, Luciane, Marli, Carmem, Ana Nascimento, Suely Luna, Irma Asón e todos que de alguma forma colaboraram para a realização deste trabalho;

A direção, técnicos e funcionários do Museu Histórico do Amapá Joaquim Caetano da Silva, em especial a Adervan Lacerda, José Limeira, Ernandes, Jorge Pimentel e todos que de alguma forma auxiliaram na realização deste trabalho, minha eterna gratidão;

À Adriana Lavoura pelos desenhos, mapas, trabalho de campo e pela ajuda recebida durante a análise do material cerâmico;

Aos meus familiares, em especial a minha irmã Ana Regina e meu cunhado Paulo Chen, pelo apoio e incentivo recebido em Recife, durante a jornada percorrida em busca de uma realização profissional; a minha irmã Ana Cristina, minha sobrinha Winna Chen por terem compartilhado e vivenciado diariamente noites e dias de intensa busca pelo conhecimento acadêmico;

A minha esposa Simone Nunes e filha Beatriz pela compreensão e auxílio recebido durante os momentos de separação, dificuldades e solidão, meu eterno agradecimento.

RESUMO

Este trabalho apresenta um estudo sobre a forma de sepultamento em túmulo com câmara lateral utilizado pelos grupos pré-históricos que viveram na Amazônia, em especial no Estado do Amapá. Trata-se de um estudo analógico-dedutivo sobre as particularidades dos túmulos com câmara descobertos em território amapaense e na Colômbia. As fontes utilizadas para o desenvolvimento deste trabalho foram fontes históricas, etnográficas, antropológicas e arqueológicas. As discussões teóricas foram apoiadas em estudos etnográficos e arqueológicos que possibilitaram as reflexões sobre o método de sepultamento em poço com câmara praticados na Amazônia. Assim, foram analisados quatro túmulos pré-históricos com câmara lateral amapaenses, sendo utilizado nesse estudo quatro caracterizadores étnicos: a forma do túmulo, a hierarquia social, os tipos de urnas e o local do sepultamento. Com a finalidade de definir o mobiliário dos quatro poços funerários, foram então, fixados critérios de análise da forma, decoração e técnica da cerâmica funerária. Possibilitando assim, a definição das características das peças cerâmicas dos poços funerários amapaenses e o estabelecimento de cronologias absolutas e relativas.

PALAVRAS-CHAVE: Sepultamento, Túmulo com Câmara Lateral, Etnográfico, Arqueológico, Caracterizadores Étnicos, Poços Funerários, Câmara Funerária.

Abstract: This work presents a study about the form of burial in tomb with lateral chamber used by pre-historical groups that lived at the Amazônia, in special in the state of Amapá. It's an analogical-deductive study about the details of tombs with chamber discovered in territory of Amapá and at the Colômbia. The sources utilized to development from this work were historical, ethnographic, antropologic and archaeologic sources. Theoretical discussions were supported in ethnographicals and archaeologicals studies that possibilited reflexions about the method of burial in shaft with camera practised at the Amazônia. So, four pre-historical tombs with lateral chamber from Amapá were analysed, utilizing on this study four ethnic characters: the form from the tomb, the sociable hierarchy, the types of urns and the place of burial. With the finality to define the furnishings of four funeral shafts, were fixed manners to analyse the form, decoration and tecnic of the funeral ceramics. So possibiliting the definition of the characteristics from ceramics pieces of the amapaenses funeral shafts and the establishment of absolute and relative chronologies.

Key Words: Burial, tomb with lateral chamber, ethnographical, archaeological, ethnic characters, funeral shafts, funeral ceramics.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	9
CAPÍTULO I	11
GEOGRAFIA DO ESTADO DO AMAPÁ	11
CAPÍTULO II	15
AS PESQUISAS ARQUEOLÓGICAS NO AMAPÁ	15
2.1. Pesquisas Realizadas no Amapá	15
2.2. Fases Arqueológicas Amapaenses	19
CAPÍTULO III	28
OS TÚMULOS EM POÇO COM CÂMARA NO AMAPÁ.....	28
3.1. Os Túmulos em Poço com Câmara no Amapá	28
3.2. Sítios Arqueológicos de Túmulo em Forma de Poço Encontrados no Amapá	32
CAPÍTULO IV	46
SÍNTESE BIBLIOGRÁFICA SOBRE OS TÚMULOS EM POÇO COM CÂMARA DA AMÉRICA DO SUL	46
4.1. Tratamento dos Mortos na Amazônia	46
4.2. Método de Sepultamento em Poço com Câmara	50
4.3. O Mobiliário Fúnebre dos Poços Funerários: Traços Estilísticos	54
CAPÍTULO V	59
CARACTERIZADORES ÉTNICOS UTILIZADOS NO ESTUDO DOS TÚMULOS EM POÇOS COM CÂMARA LATERAL	59
5.1. Forma do Túmulo	59
5.2. Tipo de Urnas Utilizadas	63
5.3. Hierarquia Social nos Túmulos	65
5.4. Locais dos Sepultamentos	68
CAPÍTULO VI	70
ANÁLISE DAS PEÇAS CERÂMICAS DO MOBILIÁRIO DOS POÇOS FUNERÁRIOS DO AMAPÁ	70
6.1. Características das Peças: Forma, Decoração e Técnica.....	70
CONSIDERAÇÕES FINAIS	80
NOTAS	85
REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA	88
ANEXOS	94

INTRODUÇÃO

Esse trabalho de dissertação tem por objetivo estudar os enterramentos pré-históricos nos túmulos de poço e câmara localizados no Amapá e suas possíveis relações com os tipos semelhantes localizados em outras regiões da Amazônia.

O Amapá é o único Estado Brasileiro que tem apresentado até agora registro arqueológico da utilização de poços com câmara lateral para sepultamentos indígenas com o emprego de urnas cerâmicas como mobiliário fúnebre.

No presente trabalho estudamos os poços fúnebres descobertos no Amapá, em épocas e lugares diferentes, no intuito de caracterizar essa forma de enterramento como própria de grupos étnicos específicos.

Os túmulos estudados, seguindo a seqüência cronológica dos achados foram: Monte Curú I e II - Igarapé do Holanda - Cunani, 1895; São Francisco - Rio Novo - Cunani, 1994; Retiro do Bidú - Rio Cupixi, 1997.

Apesar do registro e da existência significativa de artefatos cerâmicos e líticos encontrados nos túmulos de poço com câmara do Amapá, guardados nas reservas dos museus do Estado do Pará (Emílio Goeldi) e Amapá (Joaquim Caetano da Silva), ainda não existem trabalhos científicos significativos sobre o estudo dessa forma de sepultamento pré-histórico, no Brasil.

Na Colômbia e no Equador existe um grande número de registros arqueológicos sobre sepultamentos em túmulo subterrâneo com fossa e câmara, com produção bibliográfica mais expressiva.

Com o reconhecimento do fato arqueológico, no qual os grupos pré-históricos do Amapá praticavam o sepultamento secundário em urnas de cerâmica, as quais eram colocadas em túmulos subterrâneos de câmara lateral, formulamos três hipóteses relativas aos motivos que levaram a adoção dessa forma de enterramento na região amazônica em geral e no Amapá em particular.

Hipóteses:

1. Como forma de proteção, diversos grupos pré-históricos adotaram o sepultamento em poço com câmara. O poço para esconder o sepultamento e a câmara para proteger as urnas funerárias.

2. A técnica de sepultamento em poço com câmara teria começado como uma necessidade que se tornou ritual.

3. Como a técnica é muito prática, especialmente em regiões onde não existem cavernas ou abrigos rochosos, diversos grupos a adotaram na Amazônia.

A metodologia adotada nesse trabalho foi dividida em quatro fases de pesquisa:

1º) Mapeamento dos sepultamentos em poço na Amazônia com destaque para as técnicas utilizadas, formas existentes, dimensões, localização espacial, estrutura encontrada;

2º) Tipos de cerâmica que foram localizados dentro dos poços;

3º) Cronologias (absolutas ou relativas) e quando não existiam foram citadas as possibilidades cronológicas por aproximação;

4º) Relacionamos as sepulturas de poço com cerâmicas antropomorfas ou com motivos antropomorfos na decoração.

Adotamos na análise dos dados arqueológicos dos quatro túmulos de poço com câmara, os seguintes caracterizadores étnicos: forma do túmulo, tipos de urnas utilizadas, hierarquia social nos túmulos e locais dos sepultamentos.

O Capítulo I tratará da Geografia do Estado do Amapá, sua localização, vegetação, relevo, hidrografia e clima.

O Capítulo II relatará As Pesquisas Arqueológicas no Amapá, pesquisas realizadas – Pioneira ou Especulativa-Descritiva, Sistemática ou Científica e Integrada – e fases arqueológicas amapaenses.

O Capítulo III dedicar-se-á aos Túmulos em Poço com Câmara no Amapá, quais são e onde foram localizados e descreverá cada um deles com suas particularidades.

O Capítulo IV fará uma Síntese Bibliográfica sobre os Túmulos em Poço com Câmara da América do Sul, desde o tratamento dos mortos na Amazônia, o método de sepultamento em poços com câmara até o mobiliário fúnebre dos poços funerários: traços estilísticos.

O Capítulo V tratará dos Caracterizadores Étnicos Utilizados no Estudo dos Túmulos em Poços com Câmara Lateral, com destaque para a forma do túmulo, a hierarquia social, os tipos de urnas e o local do sepultamento.

O Capítulo VI fará a Análise das Peças Cerâmicas do Mobiliário dos Poços Funerários do Amapá, com ênfase em características das peças: forma, decoração e técnica.

CAPÍTULO I

GEOGRAFIA DO ESTADO DO AMAPÁ

Localização

O Estado do Amapá está localizado no extremo Norte do Brasil, na área da região Amazônica ou região Norte, da América do Sul, próximo à área caribenha.

Mapa n°01: Localização do Estado do Amapá



Tendo como coordenadas geográficas:

Latitude:

Extremo Norte - Cabo Orange 4° 20' 30" N

Extremo Sul - A 32 Km da Foz do rio Jarí - 1° 13' 30"S

Longitude: (com relação ao meridiano de Greenwich)

Extremo Leste - Cabo Norte - 49° 54' 45" WGr

Extremo Oeste - Nascente do rio Jarí - 54° 47' 30" WGr

O Amapá é banhado a leste pelo Oceano Atlântico e o rio Amazonas. O seu litoral com 242 Km de extensão vai do Cabo Orange ao Cabo Norte, isto é, da foz do rio Oiapoque a foz do rio Amazonas.

Vegetação

As características geográficas do Amapá apresentam, do ponto de vista da vegetação, quatro zonas bem diferenciadas: a costa, onde predominam a vegetação homogênea de manguezais e siriubais (1); a região de floresta de várzea, com vegetação heterogênea (2); a região de campos: cerrado e campina (3), e a floresta de terra firme onde se ressaltam platôs ravinados (4).

Relevo

O relevo do Estado do Amapá é pouco acidentado, pois, cerca de 95% da sua área encontra-se abaixo de 300m de altitude, e 72%, abaixo de 200m. Quatro unidades morfológicas podem ser identificadas: a planície litorânea formada por terrenos baixos e alagadiços; as planícies aluviais, nos baixos e médios cursos de rios (várzeas); o baixo platô arenítico, estreita faixa de terrenos tabulares situada à oeste da planície litorânea; e o planalto cristalino, na porção central e ocidental do estado, com grandes extensões de colinas e morros, dominados por cristas montanhosas (Serra do Tumucumaque, com cerca de 540m de altitude; Serra Lombard; Serra Estrela, Serra do Navio, etc.) (Amapá, 2003).

Hidrografia

Mapa nº02: Estado do Amapá



Fonte - BRASIL, Atlas. Almanaque Abril, 2001.CD-ROM.

O Amapá possui uma bacia hidrográfica constituída de muitos rios que se destacam pela sua importância econômica. Os rios amapaenses na sua maioria deságuam no Oceano Atlântico.

Dentre eles podemos citar: o rio Araguari, nasce na Serra do Tumucumaque e deságua no Atlântico. este rio possui 36 cachoeiras; o rio Oiapoque, serve de linha divisória entre o Brasil e a Guiana Francesa, e também possui várias cachoeiras; o rio Jari, afluente da margem esquerda do rio Amazonas, separando o Amapá do Estado do Pará, possui inúmeras cachoeiras; o rio Amapari é afluente do rio Araguari e corta a Serra do Navio.

A bacia hidrográfica formada pelos rios Araguari-Amapari é a mais importante do Estado tanto pela sua contribuição de energia de força hidráulica, como pela aproximação do rio Amazonas.

Os rios mais extensos do Amapá são o Oiapoque, na fronteira com a Guiana Francesa, e o Araguari; ambos correm diretamente para o Oceano Atlântico.

Além dos rios merecem destaque inúmeros lagos e lagoas existentes no Amapá, como: Lago Grande, Lago dos Bagres, Lago Floriano, etc. A maioria dos lagos seca durante o verão. Na época das chuvas os lagos enchem e são navegáveis.

Existem inúmeras ilhas no Amapá e um arquipélago - do Bailique - localizado na planície litorânea, em terrenos baixos e alagadiços (Amapá, 2003).

Clima

Em todo o estado predomina o clima equatorial superúmido, a máxima absoluta pode-se estimar em 36°C e a mínima 20°C. O regime pluviométrico diverge de localidade para localidade, isto devido à umidade do ar, a proximidade do mar e a floresta.

Durante o ano duas estações são definidas: o inverno e o verão, o inverno caracterizado pelas fortes descargas pluviais que vão desde fins de dezembro até agosto, e o verão com predominância dos ventos alísios e vai de setembro a dezembro.

CAPÍTULO II

AS PESQUISAS ARQUEOLÓGICAS NO AMAPÁ

2.1. Pesquisas Realizadas no Amapá

Apesar da existência de pesquisas arqueológicas realizadas desde fins do Século XIX (Ferreira Pena, 1872-77; Emílio Goeldi, 1895; Lima Guedes, 1896; Curt Nimuendaju, 1915; William Farabee, 1916; Betty Meggers, 1949; Peter Hilbert, 1953, e outros), ainda se sabe muito pouco sobre a região. Porém, sabe-se que o Amapá foi ocupado muito antes da era cristã por grupos pré-históricos de procedência e nível cultural diferentes (Guapindaia & Machado, 1997).

A reconstituição da pré-história do Amapá é fruto das pesquisas realizadas pelos pesquisadores – etnólogos, antropólogos e arqueólogos – do Museu Paraense Emílio Goeldi, desde o Século XIX até os dias de hoje, por isso, é importante iniciar este capítulo, falando das pesquisas arqueológicas realizadas pelo Museu Goeldi, na Amazônia.

A história da pesquisa arqueológica no Amapá começa com a própria pesquisa arqueológica na Amazônia e, com o nascimento das pesquisas arqueológicas do Museu Paraense Emílio Goeldi (Barreto, 1992).

A história da pesquisa arqueológica na Amazônia Brasileira e Estado do Amapá pode ser estudada em três fases bem distintas:

Pioneira ou Especulativa-Descritiva (5) (1870-1948), caracterizada pela pesquisa sem ordenação metodológica e sistematização científica, porém contribuiu de maneira significativa para o conhecimento arqueológico da região. A característica dessas pesquisas e dos trabalhos publicados decorrentes das mesmas, estava voltada para a tradição de colecionar e estudar esses produtos sob uma visão artística ou um ponto de vista estilístico.

Esse período pioneiro de pesquisas no Amapá, na época em que o Amapá era dividido em área da Província do Pará e região do Contestado, foi significativo para o museu Goeldi, museus nacionais e estrangeiros, pois, puderam adquirir várias coleções arqueológicas com peças provenientes de diversas áreas do Amapá, fruto das descobertas de muitos sítios arqueológicos realizadas por pesquisadores como: Ferreira Penna (1872-77); Lima Guedes (1896); Emílio Goeldi (1895); Nimuendajú (1915); William Farabee (1916); Eurico Fernandes (1935).

Sistemática ou Científica (1948-1965), tem seu início com as pesquisas de Meggers & Evans quando estabeleceram as primeiras seqüências culturais da foz do Amazonas. Não se busca mais peça primorosa e bela, ou as possíveis relações com técnicas artísticas, porém os próprios processos da evolução e da mudança das culturas.

A segunda fase de pesquisa arqueológica no Amapá compreende meados do Século XX (1948) até a implantação do Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas - PRONAPA (1965) (6). Participaram desta fase de pesquisa arqueológica no Amapá: Betty Meggers, Clifford Evans (1948-49) e Peter Hilbert (1953). Esse período é fortemente marcado pela chegada do casal de arqueólogos norte-americanos, na Amazônia, para pesquisar a pré-história da foz do rio Amazonas.

Com a chegada em Belém do Pará dos Evans, em 17 de julho de 1948, teve início de fato a pesquisa científica no Amapá (7), pois, eles passaram a usar procedimentos técnicos e metodológicos ainda não usados na Amazônia e revolucionários para a época (Barreto, 1992). Adaptaram-se de técnicas relativamente novas e até então inéditas na região, como a escavação estratigráfica, a análise tipológica e quantitativa dos restos cerâmicos, a seriação, a definição de seqüências culturais no tempo e no espaço (fases), o estudo de padrões de assentamento e a utilização da teoria do difusionismo com a adoção de explicações ecológicas (determinismo ecológico) – baseadas no conceito de limitação ambiental – para elucidar o desenvolvimento cultural na região (Barreto, 1992).

Todavia, as idéias e métodos de pesquisa dos Evans vão influenciar toda uma geração de arqueólogos brasileiros e também irão orientar as pesquisas arqueológicas desenvolvidas pelo Museu Goeldi entre as décadas de 50 e 80.

O primeiro trabalho que, arqueologicamente, abrange todo o ex-território do Amapá, devemos a Clifford Evans e Betty Meggers, nos anos de 1948-1949 (Hilbert, 1957).

Integrada (1965), esse período apresenta nos anos de 1965 a 1970 uma fase integrativa, na qual o Museu Paraense Emilio Goeldi desempenha papel importantíssimo na realização de pesquisas integradas ao Programa Nacional de Pesquisa Arqueológica (PRONAPA) e Programa Nacional de Pesquisa Arqueológica na Bacia Amazônica (PRONAPABA). Esse período representa um esforço coordenado entre pesquisadores e professores de 11 universidades brasileiras e museus também brasileiros, sob o co-patrocínio da Smithsonian Institution, com a colaboração do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (atual IPHAN) e do CNPq, visando, sobretudo o conhecimento dos processos pelos quais, os sucessivos grupos de imigrantes anteriores à colonização européia, com diferentes padrões de

subsistência, adaptaram-se as diversas condições ecológicas do Brasil (Brochado et al. 1969 *apud* Figueiredo, 1976)

A terceira fase de pesquisa arqueológica no Amapá abrange o período do Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas - PRONAPA (1965-71) e o Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas na Bacia Amazônica – PRONAPABA (8) (1976-82) até os dias de hoje. Fazem parte deste período: Ana Machado e Conceição Correa (1985); Edithe Pereira (1985-86); Klaus Hilbert e Mauro Barreto (1988); Igor Chmyz, (1992) (9); Ana Machado, (1995); Ana Machado e Vera Guapindaia, (1996); Vera Guapindaia, (1997).

Como já foi comentado em parágrafo anterior é a partir da segunda fase da pesquisa arqueológica na Amazônia, sistemática ou científica, que o modelo dos Evans começa a ser utilizado.

Não obstante, com o PRONAPA e PRONAPABA esse modelo científico ganha força e adeptos na Amazônia, especificamente dentro do Museu Emílio Goeldi. Isso é explicado, pelo fato dos financiadores dos dois programas de pesquisa serem os norte-americanos, no caso a Smithsonian Institution.

Esse modelo é fortemente influenciado pela teoria difusionista, adotada pelo casal Evans, e amparada pelo determinismo ecológico, o qual foi crucial para direcionar a pesquisa pré-histórica em toda a Amazônia (10). Entretanto, os resultados desses procedimentos metodológicos e teóricos foram contestados por outros estudiosos da adaptação cultural aborígine na Amazônia, pois, alguns pesquisadores a serviço do PRONAPA e PRONAPABA, não contextualizavam os sítios pesquisados, deixando de lado os biófitos - vestígios da paleofauna - e os ecofitos - vestígios da paleoflora - (Anna Roosevelt, 1990).

Segundo Roosevelt (1990), os microvestígios são importantes para a compreensão do relevo, clima, fauna e flora no período Pleistocênico Antigo e no Holocênico, que por sua vez ajudam na confirmação ou não de teorias científicas para a pré-história, por isso que a pesquisa extensiva do Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas na Bacia Amazônica – PRONAPABA, mesmo utilizando métodos e técnicas arqueológicas modernas, os pesquisadores desse programa pouco estudaram a paleofauna e a paleoflora da região Amazônica.

As teorias arqueológicas nos trabalhos dos pré-historiadores geram contendas científicas, e surgem descobertas e explicações sobre quem foram os indígenas que produziram esses testemunhos da cultura material encontrados pelos arqueólogos nos eixos Norte-Sul e Leste-Oeste na Amazônia e particularmente no Estado do Amapá.

Certas interrogações sobre as origens, desenvolvimento e adaptações das populações pré-históricas no Amapá, acham respostas nas pesquisas interdisciplinares. A pesquisa arqueológica no Amapá dispõe no momento de importantes informações levantadas pela antropologia e a lingüística, sobre os grupos étnicos que vivem e viveram na região.

Atualmente existem no Estado do Amapá cinco grupos indígenas, que estão distribuídos em todo a região: Região Norte – Waiãpi (Tupi-Guarani), Palikur (Aruak), Kariupuna (Sem língua original) e Galibir (Karib); Região Central – Waiãpi (Tupi-Guarani); Região Sudoeste – Aparai (Karib).

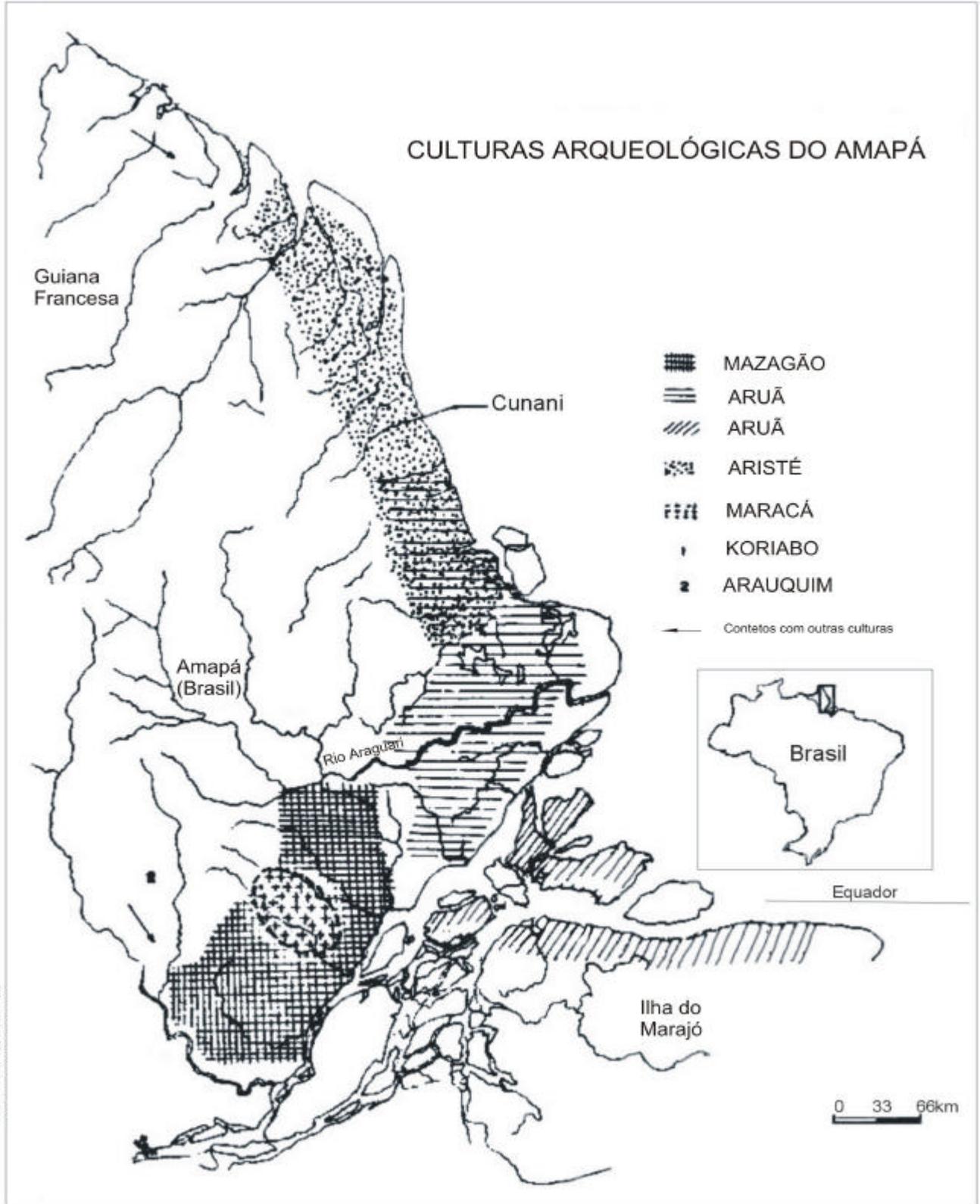
A glotocronologia produziu considerável número de dados sobre quatro grupos indígenas que vivem no Amapá, a partir da análise lingüística de três troncos lingüísticos indígenas – Tupi-Guarani, Aruak e Karib -, chegou-se a dados estimados da chegada desses grupos na região entre 2.000 a 3.000 anos antes do presente (Greg Urban, 1992).

Todavia, o PRONAPABA, a partir de dados levantados em pesquisas de campo extensivas, com poucas escavações, que não ultrapassavam os dois metros quadrados, quadriculas pequenas e, coleta de superfície, produziu uma interpretação, com a ajuda da etnografia, de que o clima e solo na pré-história da Amazônia, eram impróprios para a agricultura intensiva (Evans & Meggers, 1965).

Os pesquisadores que seguiam a linha determinista ecológica partiam do princípio de que na Amazônia pré-colombiana não poderia florescer nenhuma sociedade complexa, ou seja, não aceitavam a evolução cultural e o desenvolvimento independente e irradiador de cultura na América do Sul (Anna Roosevelt, 1991).

2.2. Fases Arqueológicas Amapaense

Mapa nº03: Localização Geográfica das Fases Arqueológicas Amapaenses



Fonte: Coirolo, Alícia Durán et al (1997)

O termo fase arqueológica é usado para indicar qualquer complexo (conjunto de culturais associados entre si) relacionados no tempo e no espaço em um ou mais sítios. (André Prous, 1992). No Amapá existem quatro fases ceramistas pré-históricas.

Os arqueólogos Betty Meggers e Clifford Evans, Mário Simões, P. Hilbert e outros interpretaram os vestígios materiais, estabelecendo quatro fases arqueológicas para o Amapá, sendo: Aruã, Aristé, Mazagão e Maracá.

As fases arqueológicas definidas especificamente para o Amapá, pelos Evans, no final de suas pesquisas na foz do rio Amazonas (1948-1949), foram três: Aruã, Aristé e Mazagão, essas três fases arqueológicas identificadas no Amapá sobreviveram até o contato com o europeu. Entretanto, Mário Simões, em 1972, denominou a coleção das urnas Maracá existentes no museu Goeldi como fase Maracá, considerada como fase flutuante, pois, não se enquadra em nenhuma das grandes Tradições Ceramistas da Amazônia (Mapa nº05).

Passemos, então, para a definição das quatro fases arqueológicas existentes no Estado do Amapá.

Fase Aruã

Fase cerâmica de tradição ainda não estabelecida representa a mais antiga evidência de ocupação humana no Estado (Hilbert, 1957).

Localização geográfica: Estado do Amapá; Ilhas Mexiana, Caviana e Marajó, no Estado do Pará. Na ilha de Marajó ocupou a parte litorânea, de Chaves para leste até o cabo Maguari e em direção sul até a cidade de Soure (Simões, 1972).

Refere-se a grupos de caçadores-coletores com agricultura incipiente. Seus sítios são pequenos e rasos, inferindo pequeno número de pessoas e curta permanência no local.

O traço diagnóstico desta fase é a predominância da cerâmica simples (sem decoração) e, a frequência de cerâmica triturada no tempero da pasta utilizada para a confecção dos vasilhames. Quando decoradas, as peças apresentam-se escovadas, ponteadas, incisadas e, com aplicações. Neste caso, tiras de pasta são aplicadas ao redor do gargalo ou do ombro das peças.

Completam o seu acervo assadeiras utilizadas, provavelmente, para cozer pão de mandioca; figuras toscas relacionadas, possivelmente, a práticas religiosas; lâminas de machado polidas; contas de pendentos de jadeíta, alguns se assemelham à cabeça de um urubu.

Alinhamentos de pedras toscamente trabalhados representando sítios cerimoniais, assim como a prática de enterramentos secundários em grandes urnas depositadas na superfície do solo em sítios cemitérios, também a caracterizam.

Filiações para esta fase são encontradas nas Guianas e nas Antilhas.

Com a entrada das fases Aristé e Mazagão na região do Amapá, os grupos ligados à fase Aruã iniciaram movimento migratório descendente em direção às ilhas situadas no Pará. Conseqüentemente, os sítios localizados neste Estado são mais recentes.

Datação relativa: séculos XIII a XVII (Simões, 1972).

Fase Aristé

Relacionada a Tradição Policroma (11), os grupos indígenas desta fase cerâmica estabeleceram-se no extremo norte do Amapá, na mesma época em que os grupos da fase Mazagão se estabeleceram na parte sul do Estado.

Localização geográfica: metade norte do Estado do Amapá, limitada ao norte pelo rio Oiapoque e ao sul pelo rio Araguari-Amapari (Simões, 1972).

Seus sítios são rasos, sugerindo curto período de ocupação. Situam-se ao longo dos rios e igarapés, afastados dos cemitérios. Segundo Hilbert (1957), “A relativa densidade dos depósitos misturados com pouca terra, sugere o uso de casas palafíticas, iguais às habitações caboclas de hoje”.

Os sítios-cemitérios caracterizam-se pela disposição de urnas funerárias expostas em abrigos ou cavernas. Quando não dispunham desses abrigos naturais, abriam poços artificiais ou, depositavam-nas na terra (Hilbert, 1957).

No interior das urnas, além da terra preta e ossos de enterramento secundário ou restos de cremação (12) são encontrados, ocasionalmente, pequenas lâminas de machado, figuras de argila ou contas e pendentos de jadeíta ou de vidro.

Como na fase Mazagão, esta fase também apresenta diferenciações temporais, que podem ser diagnosticadas através de modificações observadas tanto na pasta dos vasilhames como na decoração. De acordo com Clifford Evans (1955), primeiramente era usada somente areia como tempero da pasta, sendo a decoração predominantemente incisa e raspada. Neste momento era comum à prática de enterramento secundário em cavernas (Hilbert, 1957).

No segundo período desta fase, as peças apresentam na pasta, como tempero, fragmentos de cerâmica moída. Ocorre, ainda, a incorporação da cremação dos mortos e a

substituição gradativa da decoração incisa e raspada pela pintura a qual, inicialmente, é feita em grandes faixas e seções, tornando-se depois mais complexa e com motivos curvilíneos (Hilbert, 1957).

Como nas demais fases registradas no Estado do Amapá, nesta igualmente, ocorrem contas de vidro de procedência européia demonstrativa de contatos com europeus depois de 1500.

Datação relativa: séculos XV a XVI (Simões, 1972).

Fase Mazagão

Esta fase arqueológica cerâmica está relacionada à Tradição Cultural Inciso Ponteadado (13).

Entre os séculos XV e XVI, grupos da fase Mazagão, provavelmente, oriundos do Amazonas ou alguns de seus afluentes, imigraram para a parte sul do atual Estado do Amapá, ocupando a área limitada ao norte pelo rio Araguari-Amapari, e ao sul pelo rio Jarí. Posteriormente concentraram-se no rio Vilanova, entrando em contato com a fase Maracá, da qual copiaram alguns padrões da cerâmica (Hilbert, 1957).

As ocupações correspondem a sítios habitações e cemitérios e, pelas dimensões sugerem pequenos contingentes populacionais.

A cerâmica desta Fase mostra na pasta, como tempero ou antiplástico, areia, quartzo triturado e cariapé (14). Reflete, também, através da decoração, modificações temporais: em primeiro estágio caracteriza-se por sulcos, geralmente profundos e largos, obtidos pelo desbaste da superfície das peças com cacos, conchas, etc., (raspagem) e, por incisões grosseiras. Mais tarde observa-se um aprimoramento na decoração, que se torna mais precisa. São entalhes bem definidos, às vezes preenchidas com tabatinga (15). Os motivos variam entre desenhos retilíneos, linhas paralelas e pontilhadas.

Seus artefatos líticos limitam-se a lâminas de machados, martelos e polidores.

Nos sítios cemitério encontram-se urnas funerárias com enterramentos secundários em cavernas. Relacionados aos rituais funerários aparecem contas de vidro européias, machados de pedra e, pequenos vasilhames.

Correlações com a fase Mazagão podem ser feitas com outras registradas na Venezuela e Colômbia. A decoração incisa, principalmente, pode ser relacionada com os estilos Arauquim e, com os dos aspectos Arauquim e Ronquim, registrados no Orinoco

(Venezuela). Quando preenchidas com tabatinga, podem ser comparadas a espécies originárias das regiões de Medellín e Tierradentro (Colômbia). A sua penetração na Amazônia deve ter se efetuado pelo noroeste, através de rios e igarapés (Evans, 1955).

Data relativa: séculos XV a XVI. A presença de contas de vidro junto às urnas funerárias inferem a sua contemporaneidade com o europeu (Evans, 1955).

Fase Maracá

Fase cerâmica ainda sem filiação cultural (Simões, 1972), ocorre na região onde, predominantemente se observa à fase Mazagão.

Está representada por sítios cemitérios: geralmente grutas onde eram depositadas as urnas funerárias, as quais podem ser tubulares, zoomorfas, antropomorfas e antropozoomorfas. As primeiras são simples e tem a forma de cilindro oco, com tampa. As zoomorfas representam, segundo Ferreira Pena (1872), jabutis e tartarugas.

As urnas antropomorfas, normalmente representam a figura humana sentada em um banco de argila. O corpo é cilíndrico, assim como os braços, cujas mãos apóia-se sobre os joelhos. As pernas são representadas com as panturrilhas extremamente grossas e, os pés apóiam-se no solo. Tanto as mãos, como os pés são estilizados, sendo os dedos em número de 3 a 7, definidos por incisões. Os órgãos genitais são representados com realismo.

A cabeça é retratada na tampa das urnas, mostrando no topo, um disco plano ou não.

Já as urnas antropozoomorfas são uma mistura de características animais – corpo – e humanas – cabeça (Guapindaia & Machado, 1997).

As urnas desta fase, comumente, guardam ossos cremados. Eram lacradas através de cordões que, enfiados por orifícios executados na parte inferior da tampa e, na superior do corpo uniam-se, também, pela aplicação de argila na junção o que a tornava hermeticamente vedada.

Para a confecção da cerâmica utilizavam, como tempero da pasta, areia, cinza preta e cariapé. As superfícies das peças são ásperas e, as paredes dos recipientes espessas e irregulares.

A presença de contas de vidro junto às urnas antropomorfas evidencia o contato destes grupos com os europeus e, permite estabelecer contemporaneidade (Guedes, 1897) (16).

Comparações com a fase Maracá podem ser encontradas na Colômbia, Equador e Venezuela (EVANS, 1955).

Datação relativa: intrusiva na fase Mazagão (século XVI-XVII) (Simões, 1972).

A partir do exposto sobre a pesquisa arqueológica no Amapá, podemos considerar que os grupos étnicos pré-históricos que viveram no Amapá foram grupos de Horticultores de Floresta Tropical (17), de procedência e nível cultural diferentes (Betty Megger, 1977; Clifford Evans, 1955).

Sendo assim, esses grupos possuíam uma característica comum: a agricultura itinerante, modo primitivo de cultivar a terra, um processo típico da região tropical, que consiste no preparo do solo através de queimada, derrubada e coivara. Este tipo de agricultura desgasta muito rapidamente o solo, obrigando a troca constante dos locais de cultivo. A alimentação destes grupos baseava-se no cultivo da mandioca ou do milho, na caça, pesca e coletas de frutos silvestres.

O estudo de materiais arqueológicos coletados no Amapá, Guianas e, sobretudo os estudos em arquivos históricos, os Evans, relacionaram as fases Aristé, Mazagão e Maracá como sendo de origem andina e a fase Aruã sendo de origem antilhana (Evans, 1955).

Segundo Clifford Evans (1955), os grupos pré-históricos pertencentes às fases arqueológicas amapaenses utilizaram a via interior e costeira como vias migratórias, isto é, essas culturas pré-históricas Aristé, Mazagão e Maracá usaram os igarapés e rios navegáveis, ao passo que, os Aruã utilizaram a via costeira (Mapa nº04).

Betty Meggers (1977) considera a Amazônia como uma região de ambiente pobre e inibidor do desenvolvimento cultural, pelo que atribuem as suas culturas pré-históricas a invasões provenientes do exterior.

Por outro lado, Anna Roosevelt (1992), em *Sociedades Pré-Históricas do Amazonas Brasileiro* apresenta uma nova seqüência pré-histórica de desenvolvimento cultural na Amazônia, a qual relata que as terras baixas tropicais da grande Amazônia foram ocupadas muito cedo e constituíram a base de importantes desenvolvimentos culturais para as Américas.

A Amazônia, como área de instalação humana na Pré-História parece ser muito mais rica, mais complexa e variada do que se pensava..., é importante considerar o facto de algumas áreas terem abundantes recursos para sustentar povos caçadores-recoletores, horticultores e agricultores. Estas zonas incluem as grandes planícies aluviais de sedimentos provenientes dos Andes, as extensas costas e

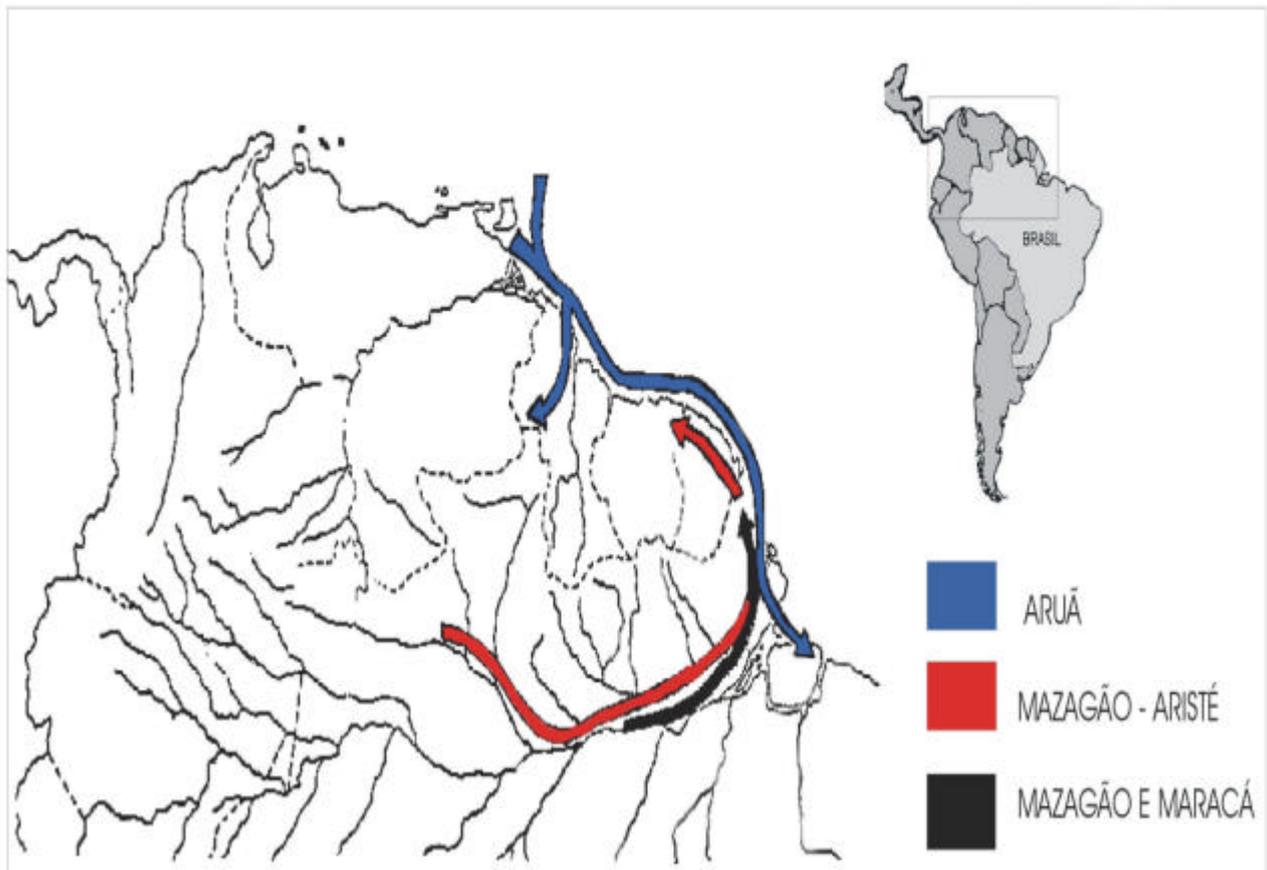
estuários e as regiões mais elevadas, com solos muito ricos em nutrientes, formados sobre rochas vulcânicas ou substratos calcários (Roosevelt,1992. pp.17/18).

Para Roosevelt (1992) a data de ocupação da Amazônia por grupos pré-históricos estaria entorno de 11.800 anos antes do presente, segundo pesquisa realizada em Monte Alegre-PA.

No Amapá as datações obtidas por C-14, colocam as populações pré-históricas mais antigas em 3.750 ± 110 A.P. (Beta 30746) (18).

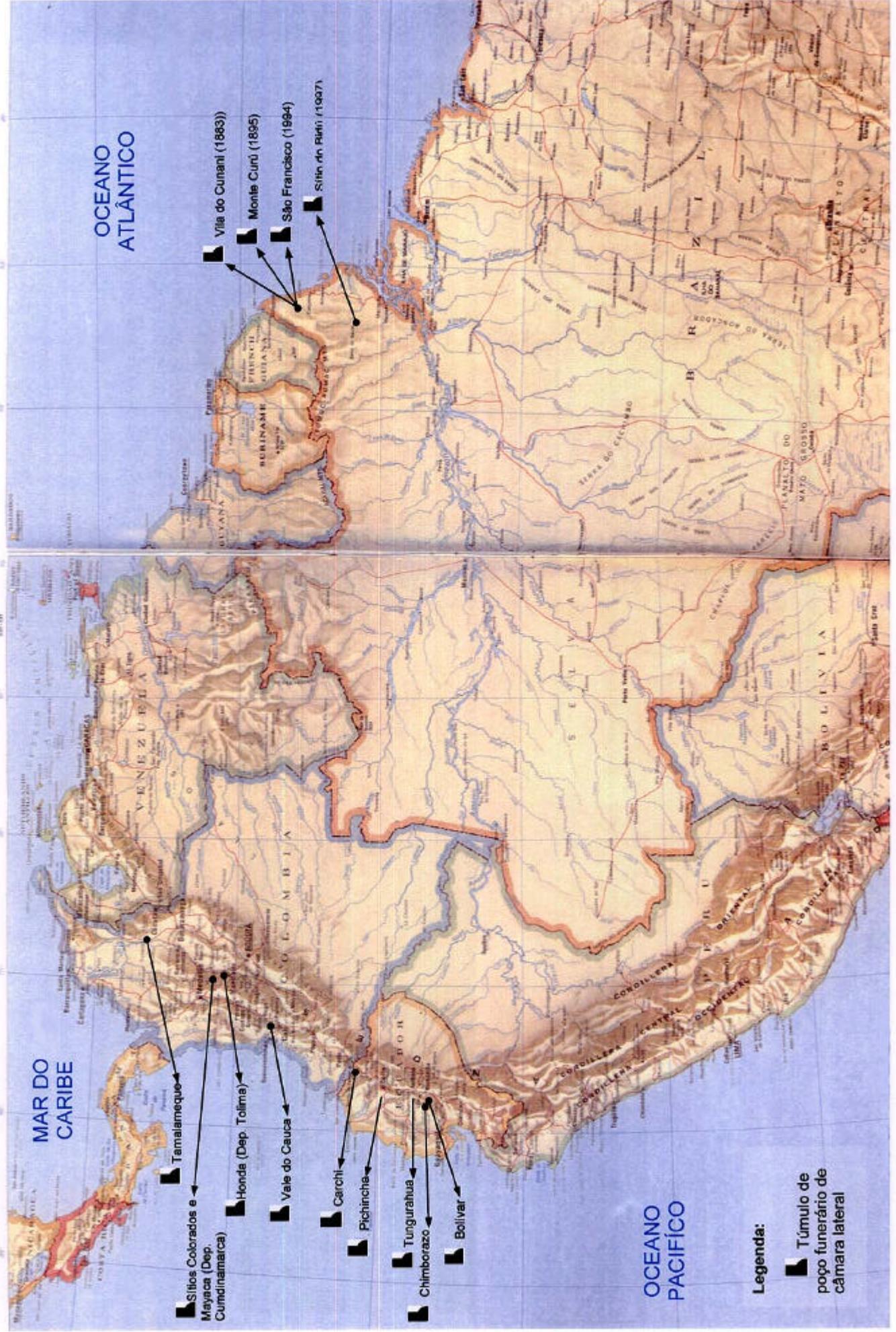
Mapa n°04: Rotas Migratórias das Culturas Pré-históricas Amapaenses

A PRINCIPAL DIREÇÃO DE MIGRAÇÃO E DIFUSÃO DAS CULTURAS NO ESTADO DO AMAPÁ. (EVANS, 1955).



Mapa com localização dos túmulos de poços funerários

Escala: 1:12.000.000



CAPÍTULO III

OS TÚMULOS EM POÇO COM CÂMARA NO AMAPÁ

3.1. Os Túmulos em Poço com Câmara do Amapá

O termo poço que utilizamos para designar os túmulos arqueológicos pré-históricos do Amapá é empregado no sentido de perfuração que se faz no solo com o propósito de guardar ou proteger algo.

Os pesquisadores da pré-história que trabalham nos países latino-americanos (Meggers, 1966; Reichel-Dolmatoff, 1997; Uribe e Dávila, 1984; López e Garcia, 2000) utilizam o termo tumba com mais frequência que o termo poço, onde tumba significa sepultura, ou seja, lugar onde se sepultam os mortos.

O primeiro a utilizar o termo poço, como recinto funerário, foi Henri A. Coudreau (1886), quando fez referência ao achado de um poço funerário na localidade de Cunani no Amapá, por conta da construção de uma nova igreja: “... *Je trouvai, dans un puit funéraire situé au milieu du tertre sur le quel se construit la nouvelle église, sept urnes cinéraires en partait état de conservation*”.

O segundo a utilizar o termo poço, como recinto funerário, foi o zoólogo suíço Emílio Augusto Goeldi (19) (1905), onde em seu relatório “*Excavações Archeologicas em 1895: As cavernas funerarias artificiaes de Indios hoje extinctos no Rio cunany (Goanany) e sua ceramica*”, ele utiliza poço como sinônimo da palavra caverna artificial. Goeldi utiliza várias vezes o termo poço em seu relatório: “*Removido a muito custo este disco, nos deixava ver um poço com cerca de 2 1/2 m de profundidade e,... Descendo ao poço, vi do lado de...*” (Goeldi, 1905).

No Amapá foram localizados até o momento seis registros da existência de túmulos pré-históricos em poços com câmara - Vila Cunani (1883), Monte Curú I e II (1895), Pacoval (1985), São Francisco (1994) e Retiro do Bidú (1997) - nos quais foram encontradas urnas funerárias e vasilhames de cerâmica, representando o mundo social, simbólico e religioso dos grupos pré-históricos que habitaram diferentes partes da área amapaense (Mapa nº 06).

Mapa nº06: Localização dos Poços Funerários no Estado do Amapá



Autoria – Adaptada por Adriana Lavoura a partir de Mapa do Estado do Amapá In: Brasil, Atlas. Almanaque, 2001. CD-ROM.

No momento, a Colômbia é o país onde temos o maior número de registros arqueológicos de túmulos em poço com câmara da América do Sul, com as mesmas características físicas e ritualísticas dos túmulos descobertos no Estado do Amapá (Figura nº01), e ainda com muitas semelhanças morfológicas entre as urnas funerárias (20) (Figura nº02) (Reichel-Dolmatoff, 1997; Uribe & Dávila, 1984; López & García, 2000).

Figura nº01: Tumba de Câmara Lateral, Tamalameque, baixo rio Magdalena (Colômbia).

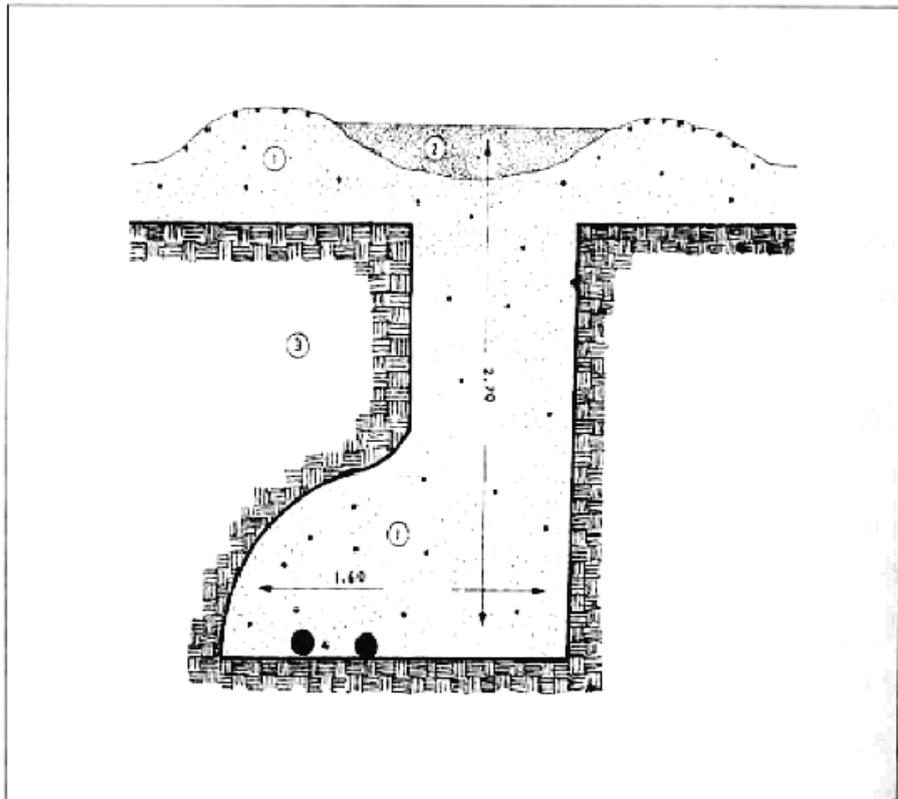


Figura 54. Corte transversal de una tumba de cámara lateral. Tamalameque, bajo río Magdalena, Sabana de San Luís.

Fonte - Reichel-Dolmatoff, 1997.

Figura nº02: Imagem de uma urna da Colômbia



Figura 55. *Urna funeraria, Tamalameque.*
Colección Dr. Carlos García,
Tamalameque.

Fonte - Reichel-Dolmatoff, 1997.

3.2. Sítios Arqueológicos de Túmulo em Forma de Poço Encontrados no Amapá

Sítio Arqueológico AP-CA-11: Vila Cunani - rio Cunani - Município de Calçoene

Sítio habitação da fase Aristé, localizado no centro da cidade de Cunani, visitado e prospectado pelo Sr. Newton Cardoso, em 1949, o qual realizou um pequeno corte-experimental e coletou algumas peças de cerâmica (Simões e Araujo-Costa, 1978:65), Neste mesmo local em 1883, Henri Coudreau (Coudreau, 1886) descobriu um poço funerário, sendo considerado o primeiro poço funerário achado no Amapá (Pascual Gaborit, 2000). Este achado é registrado por Coudreau, em sua obra “*La France Equinoxiale*”, no capítulo “*Excursion a Counani*” ele relata que achou um poço funerário na comunidade de Cunani, quando se construía a nova igreja da comunidade. Dentro do poço foram encontradas sete urnas cinerárias em perfeito estado de conservação.

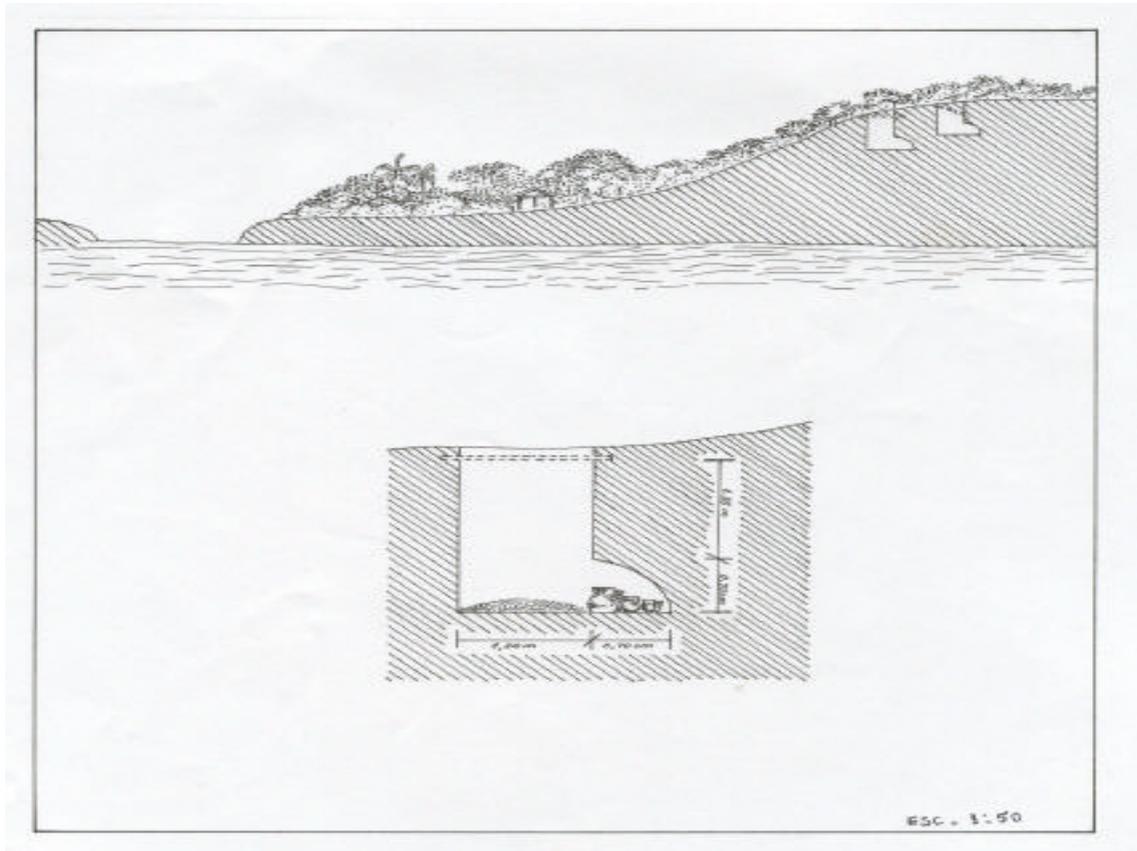
O próprio Goeldi (1905), faz menção de que na comunidade de Cunani foram desenterrados potes inteiros de cerâmica decorados com desenhos, quando da reforma da capela da comunidade, os quais foram parar nas mãos de padres franceses e estes levaram para a cidade de Caiena, Guiana Francesa. Fato registrado por Goeldi (1905):

*“... da nossa chegada na aldéa do Cunany (Guanany),...
Disseram-nos... por ocasião de uma renovação da capella, cavando-se a terra para a collocação de esteios para a tosca torre,...
encontraram-se potes inteiros ainda, de mui boa conservação, bonito aspecto e bellos desenhos, contendo alguns d’entre elles agua clara e limpida... alguns d’estes potes foram parar a Cayenna, levados por uns padres francezes uns annos antes”.*

È importante ressaltar que não encontramos nenhum registro gráfico do achado feito por Coudreau na comunidade de Cunani, em 1883.

**Sítio Arqueológico AP-CA-10: Monte Curú ou Renovado - Igarapé do Holanda -
Município de Calçoene**

Figura nº03: Imagem dos dois poços do Monte Curú



Fonte - Adaptada por Adriana Lavoura (2002) a partir de figura 3 de Barreto (1992) In: Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi, série Antropológica. 8(2), 1992.

O sítio arqueológico do Monte Curú ou Renovado foi descoberto pelo Goeldi e o Tenente-Coronel Aureliano Pinto de Lima Guedes (1848-1912), entre os meses de outubro e novembro de 1895, na época do achado eles realizavam uma expedição científica - região do Amapá, então conhecida como Guiana Brasileira. A expedição estava a serviço do então Museu Paraense de História Natural e Etnografia, hoje Museu Paraense Emílio Goeldi.

O objetivo da expedição era realizar um levantamento científico na região que naquela época continuava alvo de uma disputa territorial entre o Brasil e a França (Barreto, 1992). As investigações arqueológicas começaram com grande otimismo e uma descoberta quase acidental, a exemplo do que relata Goeldi (1905):

“... acerca dos costumes sepulchraes dos antigos Indios residentes na foz do Amazonas, fez-nos esperar, que proprias

investigações e pesquisas talvez não ficassem sem resultados. De facto, de inesperado successo já foram coroados os nossos primeiros passos na procura de localidades dignas de excavações archeologicas. N'uma exploração do Igarapé do Hollanda, tributario esquerdo do rio Cunany, desembocando no rio-mar pouco abaixo da villa, descobriu-se n'um morro, chamado Monte Curú, uma pedra lavrada, quasi como um d'aquelles marcos, em toda parte usados para limites de terrenos. Este pedaço de granito... estava em posição obliqua, que intencional, quer casual por queda posterior. Refletindo-se a sua significação, não se tardou em descobrir, que elle marcava o meio entre dous grandes discos, granitos tambem... Estes discos por sua vez eram as tampas protectoras,... que cobriam duas espaçosas cavernas,... artificiaes e de forma particular...”.

O achado do sítio arqueológico do Monte Curú rendeu muito para a expedição, pois foram achados dois túmulos subterrâneos, isto é, dois poços com câmara (Figura nº 03). Foram retiradas dos poços dezoito peças de cerâmica, em perfeito estado de conservação, além de fragmentos de cerâmica, uma asa zoomorfa (Figura nº 04).

O relatório feito por Goeldi, não especifica o número de urnas encontradas em cada poço. Ele generaliza as peças encontradas como se fosse somente em um poço, conforme seu relato:

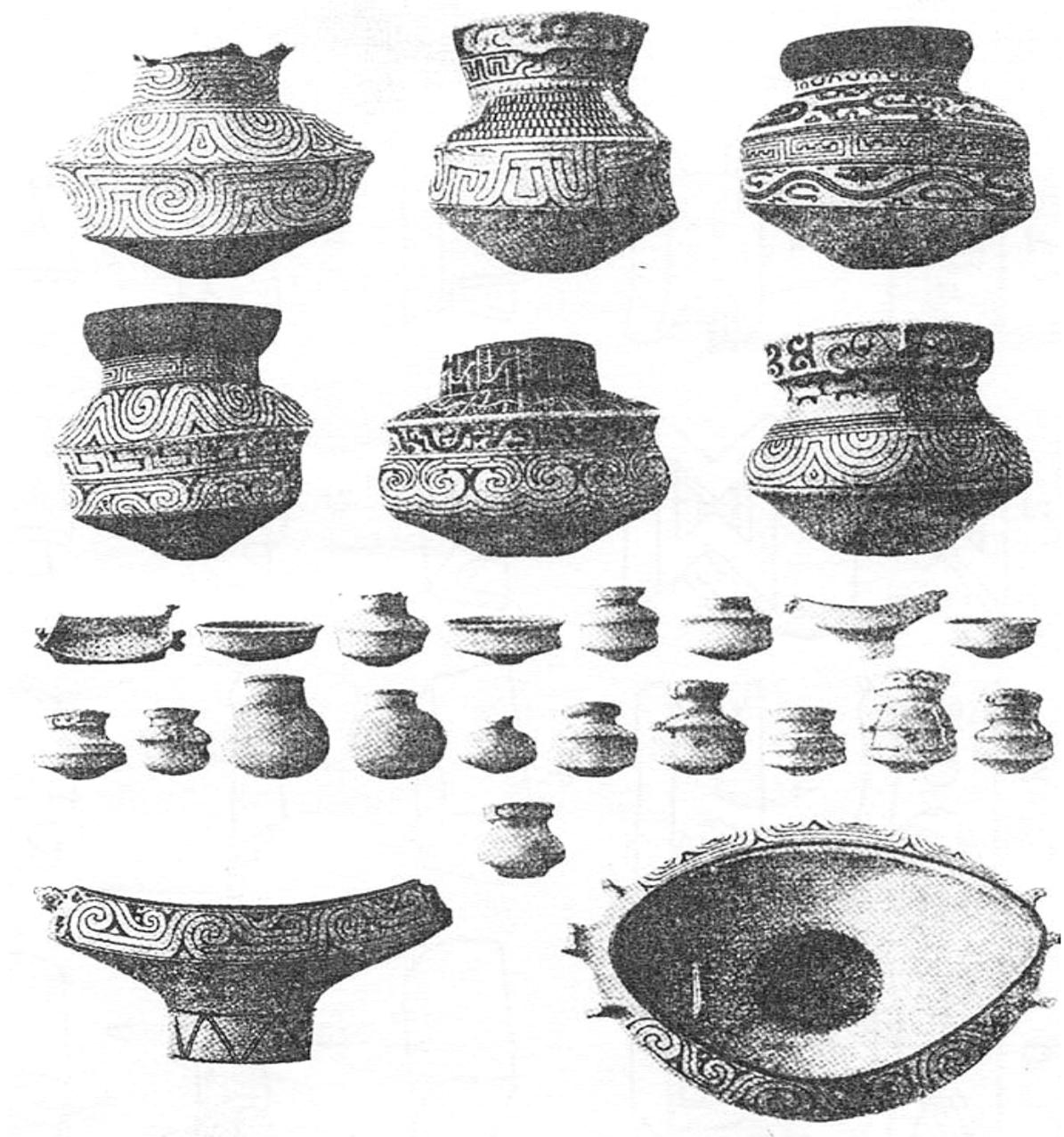
“N'este escavado, que para mim representa o verdadeiro papel de mausoleo, é que estavam collocadas 18 igaçabas... de diversas formas e tamanhos, notando-se duas a duas semelhantes. O logar mais central era occupado pelas maiores, e as menores enchiam o resto do espaço... Retiraram-se d'esses poços sepulchraes 18 vasos inteiros além de fragmentos, azas...” (Goeldi, 1905).

Analisando o desenho do perfil longitudinal de um dos poços do Monte Curú (Figura nº05 e nº06) constatamos que o mesmo apresentava treze peças inteiras e duas tampas. Evidenciando assim, que os dois poços possuíam peças cerâmicas, sendo treze peças em um poço e cinco noutro, além dos fragmentos cerâmicos.

Betty Meggers e Clifford Evans (1957: 103-167 *apud* Coirolo, 1997) identificaram as peças funerárias de Cunani como sendo da Fase Aristé, depois de realizarem uma pesquisa

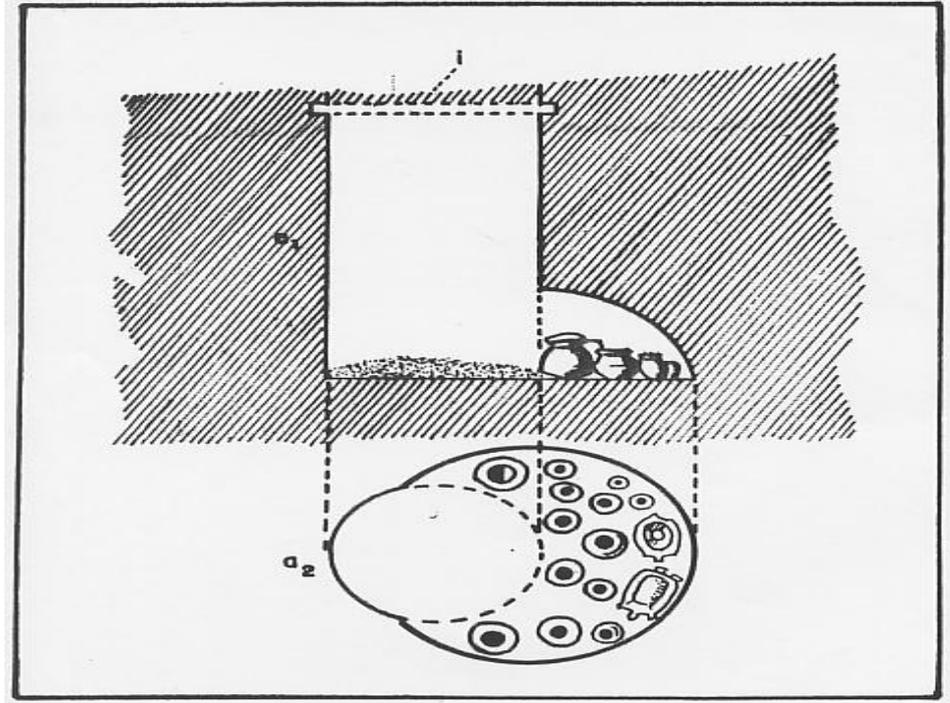
arqueológica trabalhando na costa do Amapá e nas Ilhas do arquipélago de Marajó, em 1949. Concluíram também que a coleção Cunani pertence à Tradição Policroma de grande dispersão na Bacia Amazônica.

Figura nº04: Vasilhames de Cerâmica encontradas nos dois poços funerários do Monte Curú



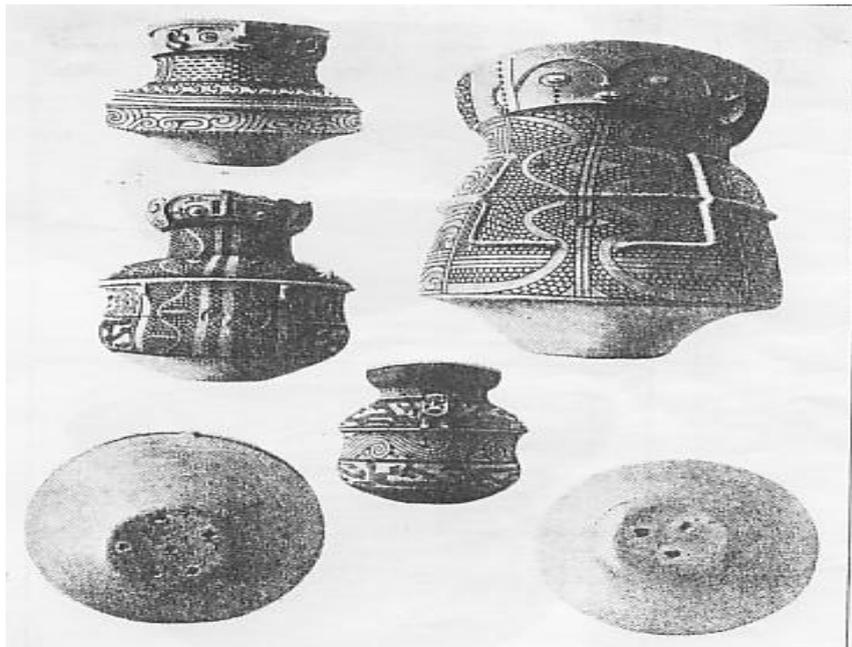
Fonte - ROTH, Walter Edmund. Arts and crafts of Guiana Indians, 1970. (Coleção Monte Curú faz parte do acervo arqueológico do Museu Goeldi)

Figura nº05: Perfil longitudinal de um poço funerário encontrado por Goeldi no Cunani



Fonte: Goeldi, Emílio A. (1905)

Figura nº06: Urnas funerárias e tampas do Monte Curú



Fonte: Goeldi, Emílio A. (1905)

Sítio Arqueológico AP-MA-03: Pacoval - Município de Macapá

O sítio arqueológico do Pacoval foi descoberto no mês de dezembro de 1985, no bairro do Pacoval, município de Macapá, durante a escavação dos alicerces da casa do prefeito municipal Sr. Jonas Pinheiro Borges. Na época o resgate foi coordenado por arqueólogos do museu paraense Emílio Goeldi.

O trabalho arqueológico foi concluído em fevereiro de 1986, ficando sob a guarda do Museu Amapaense Joaquim Caetano da Silva todo o acervo resgatado (Pereira et al. 1986).

O resultando dessa descoberta foi à coleta de um grande número de vasilhas cerâmicas funerárias, utilitárias e artefatos líticos.

Segundo o relatório de Pereira; Kern e Veríssimo (1986), no sítio do Pacoval teria sido encontrado durante a construção das fundações da casa, um poço funerário de 1,5 x 1,5m, com duas urnas antropomorfas acompanhadas de dois vasos. Contudo, não foi localizado pelos pesquisadores do museu Goeldi nenhum vestígio da existência desse poço. Todavia, ficaram as peças antropomorfas como testemunho desse sepultamento subterrâneo (Figura nº07).

Durante as conclusões de Pereira; Kern e Veríssimo (1986), são feitas comparações das urnas antropomorfas do possível poço do sítio arqueológico do Pacoval, com urnas funerárias das fases Mazagão e Aristé. Chegando-se à conclusão de que existe correspondência morfológica, decorativa e tecnológica dessas urnas com as duas fases citadas (Figura nº07).

Foram feitas coletas de carvão para datação por C-14. Entretanto, nunca esse material foi enviado para nenhum laboratório especializado, ficando até o presente momento guardado no museu Joaquim Caetano da Silva.

Figura nº07: Urna e tampa antropomorfadas encontradas no Sítio Arq. do Pacoval

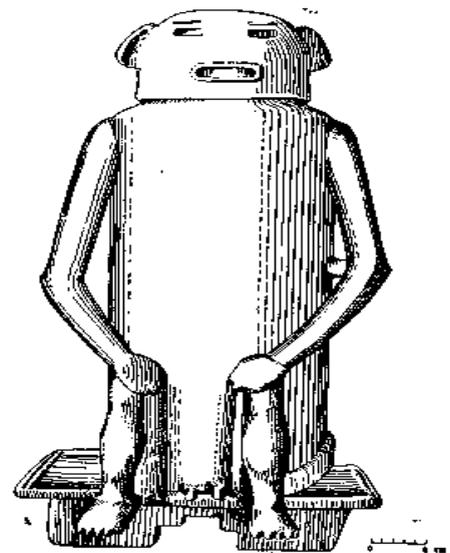


Autoria: Edinaldo Filho

Figura nº08: a) Sítio Arqueológico Cemitério Valentim e b) Urna Funerária reconstituída do sítio Valentim – Fase Mazagão



a)

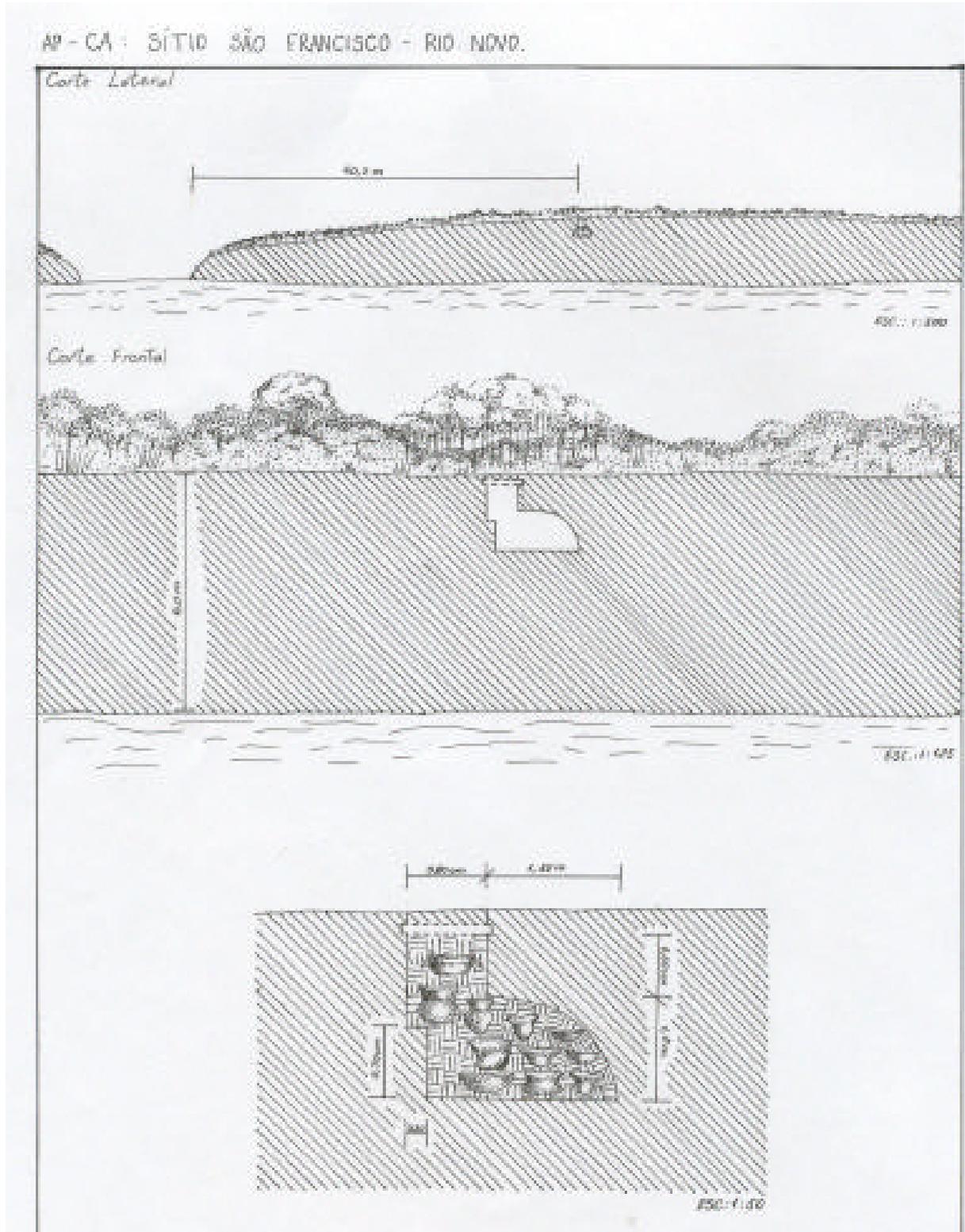


b)

Fonte: Meggers, Betty (1957)

Sítio Arqueológico AP-CA-13: São Francisco - Rio Novo - Município de Calçoene

Figura nº09: Poço Funerário São Francisco



Autoria: Adriana Lavoura

O sítio arqueológico São Francisco foi encontrado em 1994, por um agricultor. O sítio está localizado na margem direita do rio Novo afluente do rio Cunani, a 33 km do município de Calçoene. O descobrimento desse túmulo subterrâneo foi casual, conforme o relatório de Salvamento Arqueológico na Região de Calçoene (Figura nº 09):

“Em novembro de 1994, quando o Sr. Rosendo Sarmiento dos Santos, morador de lugar desde 1984 e oriundo de Cunani, encontrava-se junto com sua esposa, Sra. Maria do Socorro Moreira Santos e seu filho Ivanildo trabalhando na roça para plantar mandioca, depois de derrubada a mata e feito a queima depararam-se com uma laje de 150 X 120 X 20 cm, batendo com a enxada soava a ôco, ficaram intrigados com isso, mas continuaram com o trabalho, realizando a plantação do tubérculo. Meses depois, durante a colheita o Sr. Rosendo, junto com Ivaldo e Natanael (genro do Sr. Rosendo) fizeram alavanca com um pau e retiraram a tampa. Logo a seguir, escavaram o poço que continha terra e recipientes em cerâmica. Eles retiraram do mesmo 11 peças, sendo que as primeiras foram quebradas (na certeza, procurando ouro) entre o sedimento, existente no interior das mesmas”. (Coirolo & Nunes Filho, 1996)

Esta descoberta arqueológica foi registrada por uma equipe formada por pesquisadores do Museu Paraense Emílio Goeldi e Museu Amapaense Joaquim Caetano da Silva, sendo feito somente os trabalhos de localização, registro do local do achado e recebimento das peças arqueológicas dos moradores do local, pois, o poço sepulcral já tinha sido escavado e as peças arqueológicas retiradas, já estavam limpas sem seus conteúdos e algumas delas eram utilizadas como utensílio doméstico (Coirolo e Nunes Filho, 1996).

“As dimensões do poço sepulcral: Boca: 1,50 m de diâmetro, Profundidade: 1,60 m. A 80 cm de profundidade existe um degrau de 30 cm, a 100 cm de profundidade o poço alarga-se em direção norte formando uma câmara lateral da qual foram retiradas as peças de maiores dimensões, a base desta câmara mede: 1,35 m X 1,00 m. O poço, o corte lateral apresenta uma forma de bota semelhante aos poços do Monte Curú, descobertos por Emílio Goeldi e Aureliano Guedes em 1895.

As peças retiradas do poço apresentam formas diversas sendo todas decoradas por aplicação de pintura vermelha. Elas encontram-se deterioradas e somente quatro peças estão inteiras...” (Coirolo & Nunes Filho, 1996).

Foram encontradas onze peças funerárias no poço do São Francisco, rio Novo. Todavia, a equipe arqueológica recebeu do agricultor somente dez vasilhames, somando as inteiras e as fragmentadas. (Figura nº 10).

Figura nº 10: Peças de cerâmica do poço Svo Francisco



Autoria: Edinaldo Filho

Coirol e Nunes Filho (1996) afirmam que no local onde está o túmulo subterrâneo, São Francisco, há vestígios cerâmicos de superfície por cerca de 1 km ao longo da margem do rio. Segundo eles, a pesquisa arqueológica está comprometida, pois, a área onde está o poço funerário vem sendo trabalhada durante vários períodos como roça de mandioca, o que provocou a destruição dos 30 cm de terra preta escura (Figura nº 11). A conclusão dos dois pesquisadores é que possivelmente na área também poderia ter existido uma aldeia indígena de grandes dimensões. Essa conclusão foi confirmada pela descoberta e coleta de alguns fragmentos cerâmicos e terra preta *in situ* (Figura nº 12).

Figura nº11: Imagem Panorâmica do Sítio São Francisco



Autoria: Edinaldo Filho

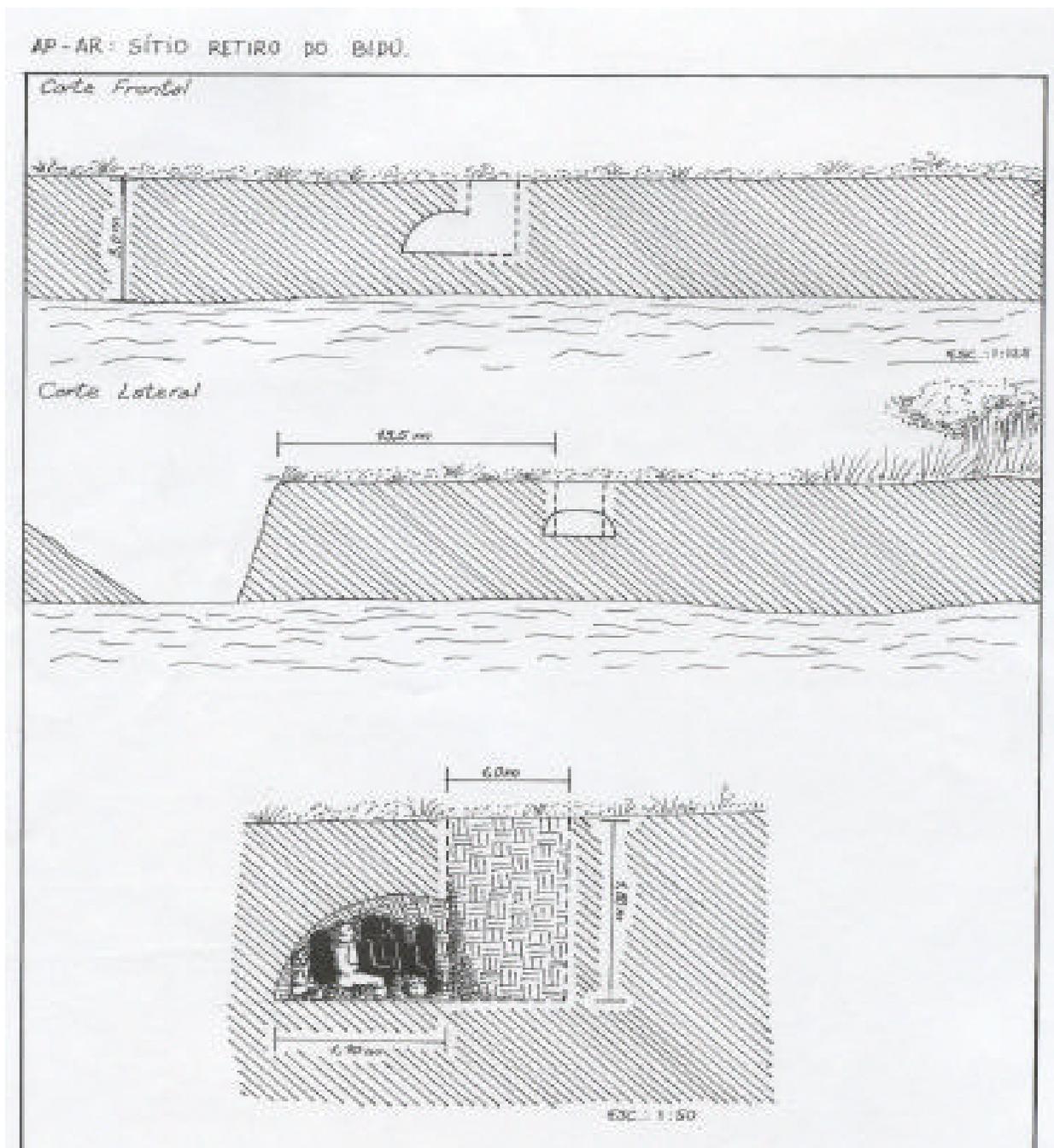
Figura nº12: Fragmentos de cerâmica encontrados no Sítio Svo Francisco



Autoria: Edinaldo Filho

Sítio Arqueológico AP-AR-01: Retiro do Bidú - Rio Cupixi - Município de Porto Grande

Figura nº13: Poço Funerário do Retiro do Bidú



Autoria: Adriana Lavoura

O sítio arqueológico Retiro do Bidú foi localizado em 1997, por um colono, durante a abertura de um buraco de 1,50 X 1,50 metro de diâmetro por 1,80 m de profundidade para construção de uma latrina. Esse achado ocorreu no rio Cupixi (21) e o sítio foi cadastrado segundo os procedimentos do PRONAPABA, como AP-AR-01: Retiro do Bidú. A sua localização é nas coordenadas de N 00° 34' 47" e W 051° 47' 50" (22) (Queiroz & Lacerda, 1998) (Figura nº13).

“O sítio está localizado em área de terra firme, em um platô de elevação, com vegetação de mata, a sua volta. É do tipo cemitério, muito embora se encontre em sua superfície, fragmentos cerâmicos de vasilhas utilitárias, podendo ser do tipo habitação, também.

O material arqueológico foi encontrado a 1,80 cm de profundidade, tendo, o buraco, 1,20 cm de largura. À época do achado, 1997, havia moradores no local, mas, hoje está abandonado. A roça de macaxeira, coqueiros, bananeiras estão cercados pelo mato. A dimensão do sítio é de, aproximadamente 70 m² a 80 m², de acordo com os fragmentos cerâmicos encontrados na superfície percorrida pela equipe” (Queiroz & Lacerda, 1998).

Depois de cinco anos do achado do poço funerário do Bidú, em dezembro de 2002, realizamos uma visita ao referido sítio arqueológico.

Verificamos *in loco* que os dados registrados no relatório de Queiroz & Lacerda (1998), estão equivocados, pois, no local do sítio arqueológico não há nenhum vestígio direto ou indireto de que na área tenha existido um sítio-habitação, ou seja, não existem indícios da presença ou atividade humana na superfície ou profundidade de que a área tenha sido um sítio-habitação, não encontramos fragmentos cerâmicos, como diz Queiroz & Lacerda (1998) terem encontrado.

O poço sepulcral do Retiro do Bidú apresenta características diferentes dos outros poços do Cunani. O poço não apresentava tampa cobrindo o túmulo como acontece nos outros dois poços localizados no Amapá e a cerâmica funerária também é diferente, com características antropomorfas (Figura nº 14 e 15).

Figura nº14: Tamba de Granito do Poço Funerário do São Francisco



Autoria: Edinaldo Filho

Figura nº15: Urnas Antropomorfas do túmulo do Retiro do Bidú.



Autoria: Adervan Lacerda

CAPÍTULO IV

SÍNTESE BIBLIOGRÁFICA SOBRE OS TÚMULOS EM POÇO COM CÂMARA DA AMÉRICA DO SUL

4.1. Tratamento dos Mortos na Amazônia

“O homem sempre se preocupou com seus mortos e os rituais fúnebres, da simples deposição do corpo numa cova às cerimônias mais complexas, acompanha a sociedade humana desde os albores da história”. (Martin e Asón, 2001).

Antes do contato com o europeu, as principais nações indígenas amazônicas praticavam rituais funerários complexos. As quais realizavam a exumação após enterros primários, dando destino variado aos ossos, que podiam ser queimados e consumidos em bebidas, distribuídos entre os parentes, colocados em urnas, e outros rituais secundários, comprovando assim a complexidade de suas práticas mortuárias e suas múltiplas facetas (Chaumeil, 1997).

Segundo Reichel-Dolmatoff (1997:163), a proliferação e diversificação do enterro secundário em urnas funerárias representam um costume muito antigo no Velho Mundo e na América teve uma ampla distribuição. Realiza-se em duas fases: um enterro primário em que o cadáver fica enterrado durante certo período ritual, seguido pelo enterro secundário. Este processo ritual pode ser observado em algumas tribos da Colômbia, contudo é o desenterro que têm maior importância, pois, nele se comprova o desaparecimento do defunto e com este fato a sociedade (viúva, devedores, parentes) fica absolvida de certas obrigações. Deste modo, o enterro secundário pode converter-se em uma festa coletiva de regozijo em que o morto por fim acredita-se haver encontrado o caminho do outro mundo e já não possuía mais vínculos diretos com o mundo dos vivos.

Investigações recentes têm revelado a extrema complexidade do tratamento do morto nas sociedades pré-históricas e atuais das terras baixas da América do Sul (Chaumeil, 1997, Castro, 1992).

Essa complexidade funerária é observada por Chaumeil (1997) em sua obra “*Entre la Memoria y el Olvido: Observaciones sobre los ritos funerarios em las tierras bajas de América del Sur*”, o qual diz:

“... es poco frecuente encontrar um tratamiento uniforme para todos los muertos em uma cultura dada, variando mucho su destino em función de edad, sexo, status social, lugar del deceso y forma de morir (muerte em casa o em outra parte, lenta o violenta, etc.)...”

Em P. Clastres (1980) (23) *apud* Chaumeil (1997), a noção de ancestralidade é fundamental para marcar a distância que separa o pensamento andino orientado até o culto dos mortos e o pensamento amazônico que busca, sobretudo abolir a recordação do morto para jogá-lo no esquecimento. Esta vontade de exclusão dos defuntos se refletia em práticas freqüentemente observadas de abandono das tumbas, destruição dos bens do morto e proibição de divulgação do seu nome.

Já Chaumeil (1997) afirma que os rituais antigos e atuais dos grupos indígenas das terras baixas da América do Sul, em particular a região do Orenoco-Amazonas são mecanismos de esquecimento e memorização dos mortos com ou sem tratamento das relíquias. Portanto, considera a necessidade de uma revisão do tema funerário nas terras baixas e apresenta seis tipos de tratamento funerário: inumação simples e dupla, incineração, mumificação, endocanibalismo, enterro em plataforma (sepultura aérea) e possíveis combinações entre eles.

A **inumação** foi o modo funerário mais difundido nas terras baixas da América do Sul. A inumação pode ser simples ou primária (direta na terra ou em uma urna) e ou dupla/secundária (com um lapso de tempo entre o primeiro e o segundo, considerando como definitivo e indicando o fim do luto) (Chaumeil, 1997).

Para Métraux (1947) *apud* Chaumeil (1997), a inumação secundária em urnas é característica de todos os grupos Arawak e outras sociedades não pertencentes a essa família lingüística (Antilhas, Orenoco, norte e sul do Amazonas, Juruá-Purús, Mojo). Os ossos (inteiros ou reduzidos a cinzas), ou são inumados novamente, ou são depositados em urnas ou em cestos funerários. Estes recipientes se conservam geralmente na cabana do defunto ou se colocam em cemitérios comunitários. Como muitas outras práticas ancestrais, a conservação dos ossos dos defuntos no domicílio tem desaparecido devida o contato com a cultura ocidental, sendo implantada em nossos dias pelo enterro cristão em sepulturas individuais.

Segundo o padre Gumilla (1758) *apud* Chaumeil (1997), relata: “*Los Caribes recuperan y conservan los huesos de sus Capitanes (un año después del entierro) en una caja colgada del piso de sus casas para no perder su recuerdo...*”. Contudo, alguns Arawak e Caribe das Guianas preferiam distribuir os ossos aos familiares dos defuntos, que os guardavam em forma separada. A conservação dos ossos era em urnas ou em pacote (Chameil, 1997).

Os Palikur do município do Oiapoque, no Estado do Amapá, mantinham cemitérios clânicos até data recente. Eles tratavam os ossos, por ebulição ou defumação e por putrefação em uma sepultura primária; depois de um período de conservação com a família do defunto, se procedia ao depósito em uma segunda urna (Grenand, 1987 *apud* Chaumeil, 1997). Os ossos dos que faleciam longe de sua aldeia eram repatriados a necrópole de seu clã (Barrère, 1743, citado em Rostain, 1994).

Ainda no Amapá, encontramos registro de que os grupos pré-históricos das fases Aristé, Maracá e Mazagão praticavam a inumação secundária, onde os ossos de seus parentes eram depositados em urnas e depois sepultados em grutas-cemitério (Evans, 1955; Barreto, 1992; Guapindaia, 1997).

A **incineração ou cremação** simples se praticava sobre todo o norte do Amazonas, nas Guianas, em particular entre as populações Karib. Nos Aparai, a cremação era o privilégio exclusivo dos xamãs e dos chefes (Linné, 1929 *apud* Chameil, 1997). A cremação era essencialmente um tratamento antiputrefação, oposto a exposição do corpo exposto ou abandonado.

A **mumificação** era um tipo de tratamento funerário muito importante nas culturas andinas, e era também nas terras baixas, principalmente no rio Amazonas, em uma época anterior à conquista. Esse tratamento funerário era um procedimento seletivo aplicado prioritariamente às pessoas eminentes como chefes, grandes guerreiros e xamãs.

O **endocanibalismo** é o modo de tratamento funerário, que às vezes acompanha o canibalismo da carne. Essa prática foi muito difundida no continente americano. Era praticada no norte do litoral Atlântico, o alto Orenoco, o noroeste e alto Amazonas. Esse tratamento fúnebre na maior parte era associado com outras práticas funerárias fazendo parte as grandes famílias lingüísticas das terras baixas (Karib, Arawak, Tupi, Tucano, Pano). O rito consistia em reduzir os ossos calcinados do morto a pó, o qual era ingerido em forma de uma bebida entre os parentes mais ou menos próximo. Os ossos eram obtidos geralmente mediante a cremação parcial, ainda podia ser também por decomposição da carne sobre plataforma ou por inumação simples (Chameil, 1997).

A ingestão de cinzas poderia ser imediata ou prolongada durante vários anos; neste último caso o pó dos ossos se conservava em cuias ou cestos funerários. A carne cozida dos defuntos era consumida em pequenos pedaços e os ossos calcinados eram inumados ou mesclados com mel para serem ingeridos por parentes próximos (Chameil, 1997).

O **enterro em plataforma ou aéreo** consistia na exposição dos cadáveres sobre plataformas elevadas. Essa é uma prática muito parecida com a mumificação natural (máximo de putrefação).

4.2. Método de Sepultamento em Poços com Câmara

As informações arqueológicas sobre o método de sepultamento em túmulo de poço com câmara na Amazônia nos levam em direção da dispersão desse método funerário em diferentes áreas da América, prova disso é a existência de registros arqueológicos desde a Mesoamerica até a América do Sul (Meggers, 1966). Todavia, não esqueçamos que o método de sepultamento em túmulo pode ser uma invenção unilinear ou multilinear.

Não podemos afirmar qual a origem do método de sepultamento em poço com câmara, pois, as pesquisas arqueológicas nessa área são incipientes e inconcludentes.

A bibliografia existente registra sepultamentos em tumba com fossa e câmara, no Brasil, na Colômbia, no Equador e no México, e a partir desses dados podemos fazer algumas inferências sobre o padrão de sepultamento nesse tipo de tumba, como também traçar possíveis rotas de migração ou contatos interétnicos,

“As tumbas em fossa aparecem no Equador em torno de 400-500 d.C., no Período de Integração, Império e Conquista. Elas consistem de um pescoço ou fossa vertical de 0,75-1,00 m de profundidade, fechado com laje em torno de 1 m por baixo da superfície. A antecâmara prolongada mede de 2,0-2,5 m de diâmetro no piso, situando-se entre 2,5-4,0 m abaixo da superfície” (Meggers 1966). (Tradução nossa)

Embora comparativamente raras na costa equatoriana, as tumbas em forma de garrafa são encontradas em La Roma e perto de Cerro Jaboncillo, província de Manabí. Contudo, a maior ocorrência de tumbas, na América do Sul, em forma de garrafa ou de tumbas com fossa e câmara está no Valle do Cauca, Colômbia, onde parece que começaram em torno de 400-500 d.C. e continuaram até uns poucos séculos antes do contato europeu (Meggers, 1966) (Figura nº 16).

Datação por C-14 feita em carvão recuperado dentro de urnas dos poços do Sítio Colorados, na Colômbia, Uribe & Dávila (1984), estabeleceram que os assentamentos referentes aos poços colombianos ocorreram no Século XII d.C., conforme registro Beta

4212, que estabeleceu a cronologia de 1.160 ± 60 d.C.. Este resultado veio confirmar a construção dos poços funerários em aproximadamente quatro séculos antes da chegada dos espanhóis.

Corona Núñez (24), *apud* Meggers (1966), relata que as tumbas do oeste do México incluem ambos os tipos, ou seja, tumbas em forma de garrafa e tumba com fossa e câmara lateral. Quanto à forma, medida e proporções são muito semelhantes as tumbas equatorianas.

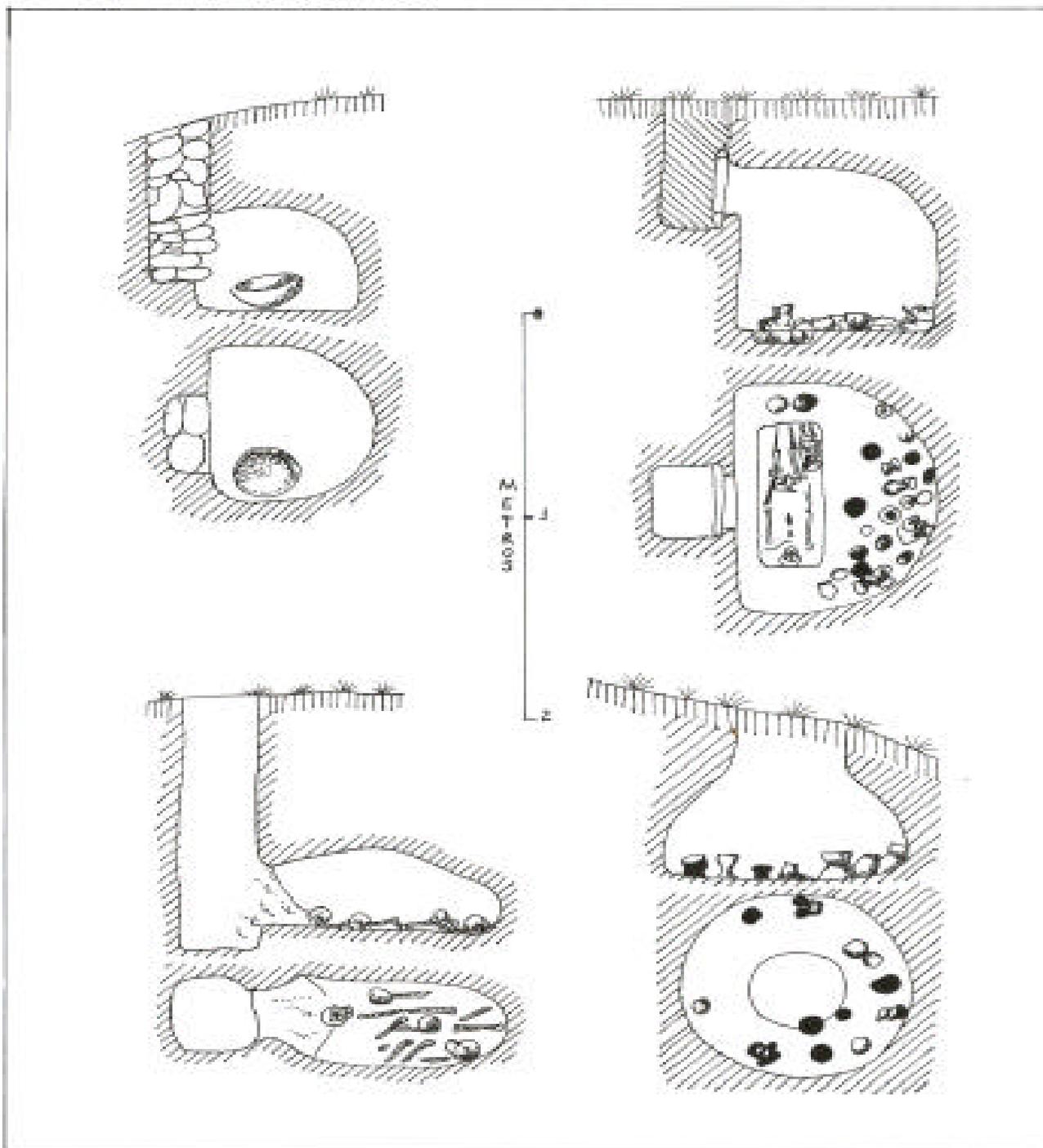
Segundo Reichel-Dolmatoff (1997), subindo o rio Magdalena, na zona de Tamalameque - Colômbia, há um complexo arqueológico espetacular, onde existem grandes cemitérios de urnas antropomorfas, que se estendem até a região de Ocaña. Conforme esse pesquisador, os sítios de Tamalameque estão situados em cima de pequenas elevações e que consistem em poços cilíndricos verticais, de uns três metros de profundidade e um metro de largura, em cujos fundos há câmaras laterais com enterros em urnas.

Podemos observar em Chaumeil (1997) que na pré-história da Amazônia o poço funerário foi utilizado para dois fins diferentes, ou seja, ele era preparado para ser utilizado como sepultamento temporário, onde se depositava o corpo do morto para decompor-se e, também, se utilizava como local de sepultamento permanente, com a deposição dos ossos em vasilhas ou cestos. Temos como exemplo de sepultamento temporário e permanente os antigos Tupinambás que combinavam os dois modos de sepultamento; um direto na terra, o outro em uma urna. No primeiro caso se acondicionava uma câmara funerária para impedir que a terra caísse diretamente sobre o cadáver, recordando assim o princípio do recipiente – urna.

Ainda Chaumeil (1997), os ancestrais do grupo Kaingang (Gê) do Brasil meridional, que enterravam seus mortos em uma espécie de cemitério ajustado por vários túmulos nos quais se acondicionam câmaras funerárias. Esse tipo de sepultamento é registrado desde o Século XVIII, onde os Kaingang depositavam muito esforço nesse tipo de edificação e realizavam visita regular (Figura nº17).

Figura nº16: Tumbas da Colômbia

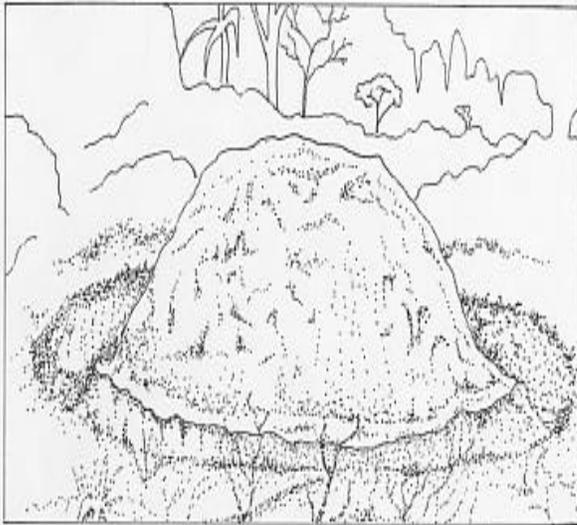
Tumbas com câmara, sul, de Colômbia, também típicas do altiplano do Equador. (Bennett: 1946).



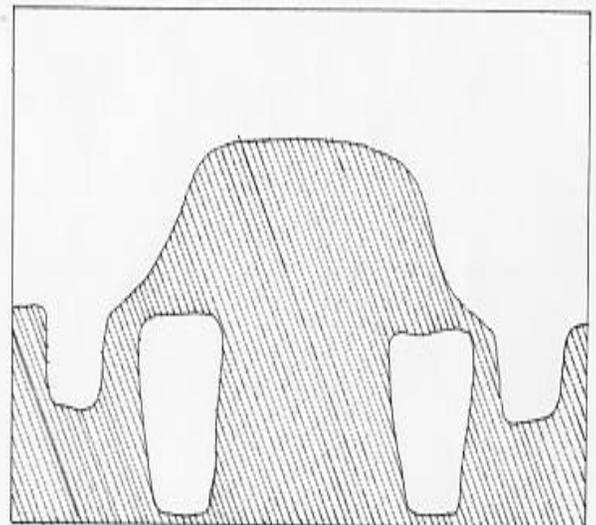
Fonte: Meggers, Betty (1966)

Figura nº17: Sepultamento Kaingang

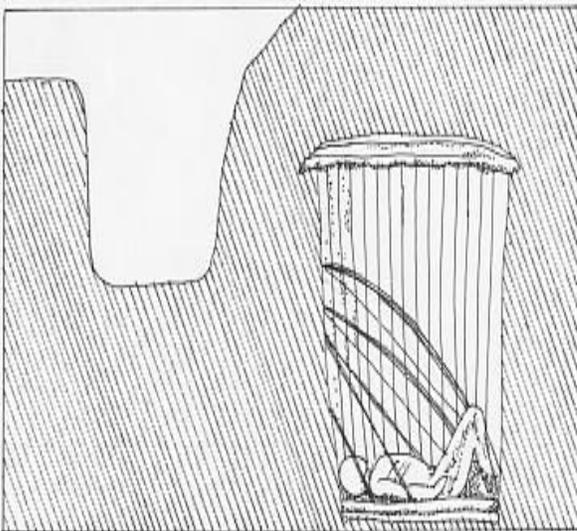
Montículo Funerário Kaingang (Manizier, 1946).



A: vista do montículo pouco antes de sua conclusão.



B: corte longitudinal do montículo mostrando a localização das câmaras funerárias.



C: corte longitudinal da câmara funerária no montículo, com um corpo e objetos que lhe acompanham.

Fonte: Chaumeil, Jean-Pierre (1997)

4.3. O Mobiliário Fúnebre dos Poços Funerários: Traços Estilísticos

Durante a descoberta dos seis poços funerários apresentados nesse trabalho foram encontradas vasilhas cerâmicas com forma, decoração e tamanhos variados e, com representações zoomorfas e antropomorfas.

Constatamos que as urnas e vasos com representações zoomorfas e antropomorfas, não se restringe à Amazônia, constitui-se em elementos recorrentes em outras regiões da América do Sul (Uribe & Dávila, 1984; Meggers, 1966; Evans, 1955).

Segundo Chaumeil (1997), as estátuas e figuras antropomorfas que supostamente representam os mortos eram comum aos Arawak das ilhas e de terra firme na época da conquista. Essa prática seria uma forma de substituir o cadáver durante o ritual funerário. *“Los Uni (Cashibo) del Perú tallan estatuas de madera de tamaño natural que representan a los muertos, com motivo de la ceremonia del final del duelo que se celebra cuando el recuerdo que algunas personas guardan de los difuntos es demasiado intenso.”* (Frank, 1994 *apud* Chaumeil, 1997)

Encontramos em Imbelloni (25), *apud* Uribe & Dávila (1984), um estudo sobre a reprodução da distribuição dos traços antropomorfos no continente sul-americano. Analisando os traços arqueológicos, ele descobre explicitamente às identificações familiares dos traços antropomorfos com o tronco lingüístico Arawak.

Consoante Uribe & Dávila (1984), as peças arqueológicas com representações antropomorfas podem ser encontradas: na província de Carchi e Urcuquí no Equador; nos sítios de Maracá, Miracanguera e Baixo Amazonas no Brasil; Páramo de la Teta e outros sítios da região de Niquitao na cordilheira de Mérida, Venezuela, e por último, aqueles procedentes do vale de Cauca e do vale do Magdalena, Colômbia.

Segundo Evans (1955), depois de estudo comparativo, sugere que as figuras antropomorfas sentadas sobre bancos de argila teriam sua origem comum na região andina da Colômbia, Equador e Venezuela, por causa da concentração dessas figuras nessas áreas e, cada qual apresenta característica peculiar à sua própria área. Ele chega à conclusão que a área andina é fonte do estilo de Maracá no Estado do Amapá (Figura nº13).

Todas as peças da figura nº18 procedem de uma mesma idéia figurativa: trata-se, em todo caso, de figuras humanas sobre um taburete ou banquinho, com ambas mãos sobre os joelhos, com pantorrilhas avolumada pelo uso de “charreteras” amarradas e com a cabeça coberta com um enfeite. É comum a clara representação do sexo, pois, as figuras estão desnudas.

Conforme Imbelloni (1950), referido por Uribe & Dávila (1984), afirma que a origem de tais traços estilísticos (figuras antropomorfas sentadas) é nitidamente andina. Para ele, o núcleo colombiano, fecundíssimo em forma e variações, há deixado testemunho em cinco regiões: o vale do Cauca, o vale do Magdalena, o altiplano de Cundinamarca, o litoral Caribe e as fossas de Tierradentro, San Agustín e Putumayo.

Figura nº18: Peças Antropomorfas Sentadas

FIGURAS SENTADAS DO NORTE DA AMÉRICA DO SUL



Autoria: Adriana Lavoura adaptado a partir de “figuras sedentes del Norte de Suramerica” de Uribe & Dávila, 1984.

Ainda segundo Imbelloni (1950), existe evidências de traço de um ramo estilístico, desprendido dos grandes focos orientais colombianos, cita um regresso em direção à cordilheira de Mérida, em território venezuelano. Por isso, assegura que o tratamento dos braços, pernas, traços faciais e articulações, que distinguem as peças de Maracá e suas dependências, são convenções estabelecidas desde a Colômbia e Venezuela. Ele estabelece certas características no estudo das urnas antropomorfas sentadas.

“A presença de penteado de cabeça é um traço morfológico que mais validez tem para demonstrar a origem dos traços estilísticos (urnas funerárias antropomorfas sentadas) no corredor central dos Andes, pese a encontrar, também, distribuído sobre o delta amazônico. Não obstante, admite que as charreteras, e seu resultante avolumamento da pantorrilha, a conjunção ou soldadura dos membros superiores com os inferiores, e outras características, provenientes da região amazônica” (Uribe & Dávila, 1984). (Tradução nossa)

Imbelloni afirma que o banquinho onde repousam as figuras sentadas da América do Sul é exclusivo do sexo masculino e só em casos excepcionais e duvidoso aparecem associados a personagens femininos (Uribe & Dávila, 1984).

Através de Imbelloni (1950), Métraux (1949) (26), Nordenskiöld (1930) (27), dito por Uribe & Dávila (1984): *“ a literatura arqueológica compreendida entre 1930 e 1950 denota uma tendência a associar o complexo amazônico com o gentílico aruak ou arawak, identificando comumente com os sítios arqueológicos tipo Marajó e Maracá”.* (Tradução nossa)

Esta associação com a família lingüística Arawak deriva, sem dúvida de que esta língua é a mais difundida na América do Sul a partir do Alto Amazonas, pois, sua distribuição está entrecruzada por outras muitas ondas migratórias. Assim, uma nova forma de interpretação dos vestígios se iniciou a partir dos estudos de Paul Rivet (28), o qual baseado nos estudos de Métraux identifica a deformação da pantorrilha, e ocasionalmente do antebraço, com o tronco lingüístico Karib (também representado em numerosas urnas

com figuras antropomorfas sentadas sobre bancos) delimitando seu uso a região geográfica do norte da Amazônia (Uribe & Dávila, 1984).

Estudos posteriores tem ido a esclarecer ainda mais o panorama acerca das populações Karib e suas migrações ao longo da Amazônia, Orenoco, o Caribe e outras regiões do Sul da América. Devemos destacar o estudo de Donald Lathrap, quem revisa cuidadosamente a informação arqueológica proveniente da área Amazônica. Assinala a presença de alguns traços estilísticos e tecnológicos associados com a família Karib que se difundiram gradualmente ao longo das bacias fluviais tropicais durante um período compreendido entre o 500 d.C. e a chegada hispânica.

Para Lathrap, o traço tecnológico que mais sobressai nos artefatos cerâmicos dos grupos Karib é o emprego do tempero de “cauxi”, material extraído de certas esponjas que se desenvolvem na área do Orenoco e da Amazônia.

As informações contidas nos estudos lingüísticos e arqueológicos têm revelado particularmente os processos migratórios karib, pois o estabelecimento definitivo de sua história cultural tem sido dificultado por seus padrões invasores. Este incluía o cativo e conseqüente cruzamento com as mulheres dos povos vencidos; em muitos casos presenciados por espanhóis, a expansão era realizada por jovens guerreiros, enquanto as mulheres permaneciam na comunidade materna, o que dificulta a recriação integral de sua tradição cultural (Steward, 1948 (29); Lathrap, 1970; Rouse, 1948 (30)). A isto obedece, então, a pouca continuidade espacial de seus complexos culturais: com freqüência a fala karib aparece mesclada com a língua dos povos vencidos, e se transmite de um modo incompleto as gerações seguintes; assim mesmo, não se difunde uma tecnologia e um estilo característico da cerâmica karib, pois, esta é uma atividade feminina cujo aprendizado se realiza matrilinearmente (Uribe & Dávila, 1984).

Todavia, uma tradição cultural desenvolvida na bacia fluvial e terras baixas tropicais, os karib se entenderam ao longo das grandes artérias fluviais explorando recursos semelhantes com um mesmo modelo de subsistência que, gradualmente, se particularizaria; sua enorme difusão geográfica se conduziu a cabo com canoas, mobilidade que os permitia sobreviver facilmente em meio a territórios dominados por outros povos não navegantes e atravessar, sem dificuldades, amplo leito fluviais e setores periodicamente inundados (Lathrap, 1970). De fato, a maior parte das terras baixas tropicais estão conectadas por rotas

fluviais e a travessia do lado norte da bacia fluvial amazônica até o litoral caribe foi facilitada pela intercomunicação existente entre os rios Amazonas, Orenoco e Negro (através do Canal de Casiquiare); a partir disso, seus tributários permitem a dispersão das ondas migratórias (Uribe & Dávila, 1984).

CAPÍTULO V

CARACTERIZADORES ÉTNICOS UTILIZADOS NO ESTUDO DOS TÚMULOS EM POÇOS COM CÂMARA LATERAL

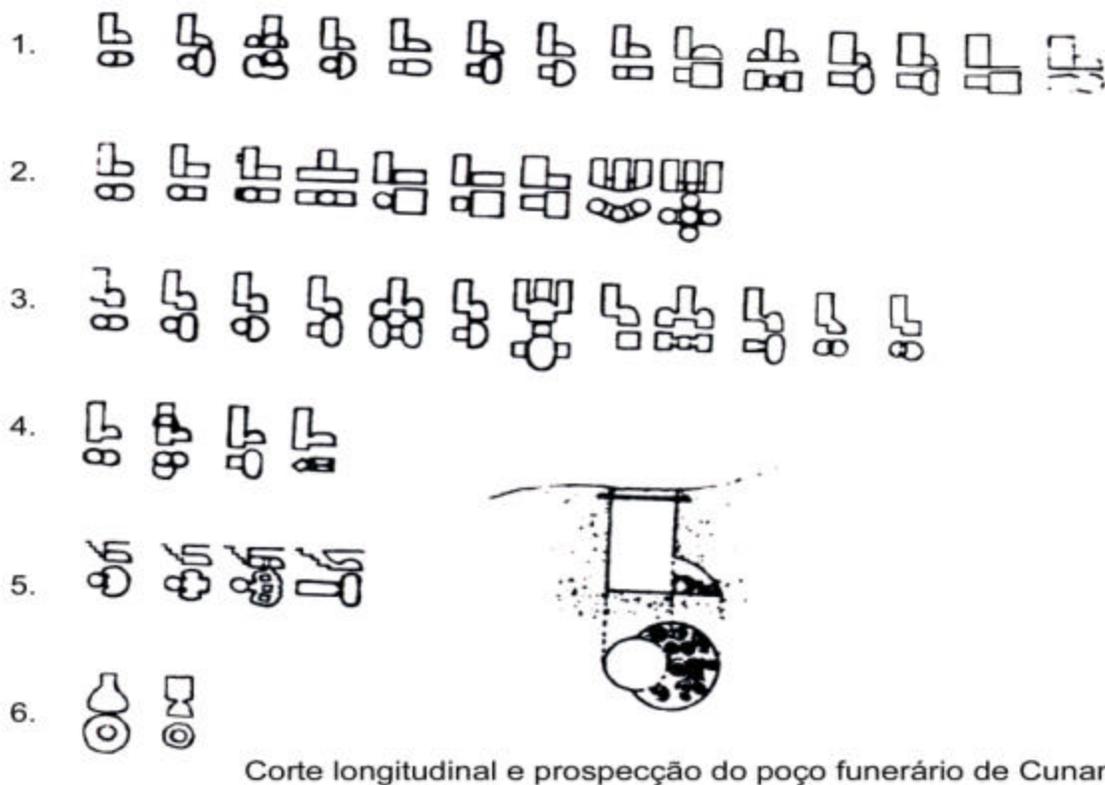
No estudo dos túmulos em poços com câmaras laterais no Amapá, observamos quatro caracterizadores étnicos, ou seja, quatro particularidades culturais dos túmulos pré-históricos que serão descritas nesse capítulo, como: a forma do túmulo, a hierarquia social, os tipos de urnas e o local do sepultamento.

5.1. Forma do Túmulo

“O túmulo em poço, com câmara lateral é uma forma de arquitetura cerimonial subterrânea. Esses túmulos foram escavados em terra ou rochas moles e sua profundidade varia entre 1 e 16 metros” (Long, 1967:73, apud Coiroló, 1997:32)

Long (31) apud Coiroló (1997), fez uma classificação dos túmulos com câmara lateral baseado em artigos publicados para América. Essa classificação estabeleceu seis categorias de túmulos que variam desde túmulos de forma simples com uma só câmara, até túmulos de formas bem complexas (Figura nº 19).

Figura nº19: Tipos e variedades de poços com câmara laterais



Fonte: Coirolo, Alícia Durán et al. (1997:33)

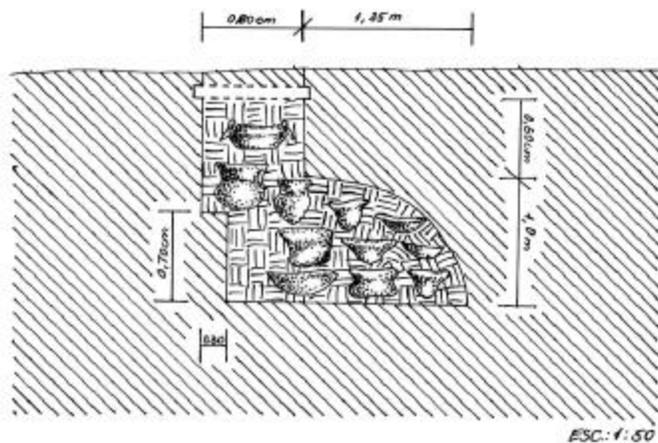
Quatro dos seis túmulos em poços com câmara localizados no Estado do Amapá (Monte Curú I e II, São Francisco e Retiro do Bidú) apresentam a forma simples, com uma só câmara lateral, local este que comprovamos ser utilizado para guardar e proteger as urnas funerárias e peças do ritual funerário.

Essa comprovação foi feita pelas imagens dos poços funerários amapaenses, quase todos com peças na câmara lateral (Figura nº 20). O próprio Goeldi (1905) chama atenção para o papel das câmaras laterais: “*a intenção ligada ao alargamento: era uma medida de providência, querendo evitar a ruína dos vasos por um desmoronamento eventual das partes superiores do poço, especialmente por queda da tampa discoidal*”.

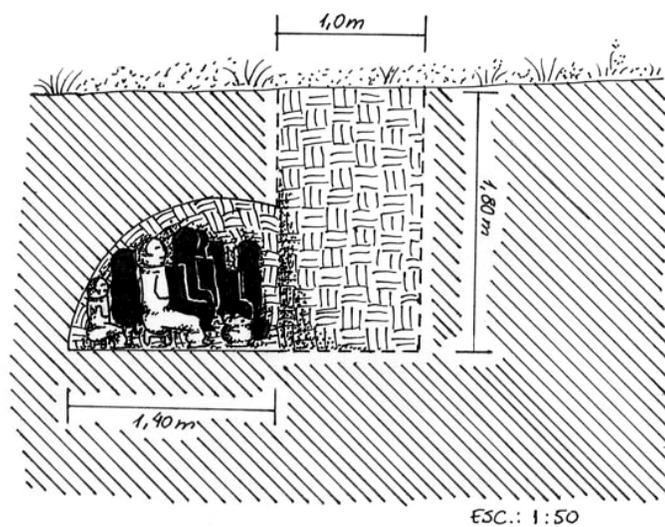
A forma, medida e proporções dos poços funerários com fossa e câmara lateral amapaenses são muito semelhantes às tumbas colombianas que ocorrem nos sítios Colorados e Mayaca (Ver Tabela nº 01).

Figura nº 20: Poços Funerários Amapaenses

a) Sítio S. Francisco



b) Sítio Retiro do Bidú



c) Sítio Monte Curú

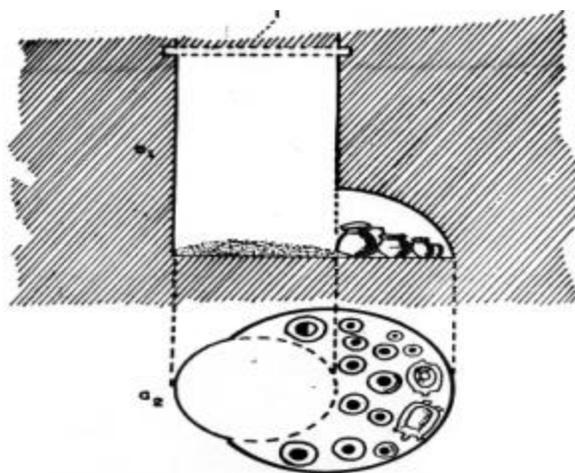


Tabela nº 01: Características dos Túmulos em Poço com Câmara no Norte da América do Sul

PROCEDÊNCIA	Nº	SÍTIO	TIPO	DIÂM. POÇO	PROFUN	DIÂM. CÂMARA	ORIENT. CÂMARA	TIPO ENTERRAM.	ENXOVAL FUNER	URNAS FUNER.	RESTOS ÓSSEOS	LÍTICO	OUTROS
ALTO DE MIRAFLORES-COLÔMBIA	T1	COLORADOS I	POÇO C/CÂMARA	1,50 m	2,10 m	1,80 m	W	SECUND.	COPA BASE	U1 U2 U3	ADULTO INFANT. ADULTO		3 TAMPAS ANTROP.
IDEM	T2	COLORADOS I	POÇO C/CÂMARA	1,46 m	2,14 m	2,08 m	W	SECUND.		U1 U2 U3	ADULTO ADULTO (?)	03 TAMPAS IRREGU LARES	
IDEM	T3	COLORADOS I	POÇO C/CÂMARA	1,50 m	2,20 m	1,80 m	W	(?)		U1	(?)		URNA FRAGMEN. INTENCIO N.
IDEM	T4	COLORADOS I	POÇO C/CÂMARA	1,35 m	2,30 m	1,60 m	W	PRIMÁRIO (?)	-COPA BASE ANULAR -PANELA		(?)		
RIO CUNANI - AMAPÁ - BRASIL	T1	MONTE CURÚ	POÇO C/CÂMARA	1,20 m	2,05 m	0,90 m	W	SECUND.		15 Urnas			FRAGMEN. CERÂMICO
IDEM	T2	MONTE CURÚ	POÇO C/CÂMARA	1,20 m	(?)	(?)	W	SECUND.		3 Urnas			
RIO NOVO - AMAPÁ - BRASIL	T1	S <small>mo</small> FRANCISCO	POÇO C/CÂMARA	0,80 m	1,80 m	1,35 m	(?)	SECUND.		10 Urnas			
RIO CUPIXI - AMAPÁ - BRASIL	T1	RETIRO DO BIDÚ	POÇO C/CÂMARA	(?)	1,80 m	1,40 m	W	SECUND.		14 Urnas			

5.2. Tipos de Urnas Utilizadas

Nos túmulos em poços no Amapá foram encontrados três tipos de urnas funerárias: 1ª) urna antropomorfa sentada em um banco, forma humana (cabeça, tronco e membros) com pintura corporal geométrica - policroma; 2ª) urna com representação antropomorfa, com apliques antropomorfos e adorno zoomorfos com pintura geométrica - policroma e 3ª) urna como mero recipiente de ossos, dotada de apliques zoomorfos e pintura geométrica (Figura nº 21).

Segundo Reichel-Dolmatoff (1997:164) as formas de urnas encontradas nos poços funerários da Colômbia, são duas: 1ª) urna como corpo humano, com cara e às vezes com extremidades e 2ª) urna como mero recipiente de ossos, porém adornado com uma estátua do morto (Figura nº22).

Para Reichel-Dolmatoff, o segundo tipo, pode tratar-se de uma estátua comemorativa ou de uma representação chamanística. Esta última interpretação baseia-se nas seguintes observações: o personagem sentado em um banquinho, em posição rígida, as mãos postas nos joelhos e o corpo e cabeça adornados, é uma imagem hierárquica, é um chamã em atitude ritual, obviamente em um ritual fúnebre.

A utilização do antropomorfismo como estilo decorativo nas urnas funerárias colombianas e amapaenses é uma representação iconográfica que segundo Chaumeil (1997), tem a ver com uma prática comum nos rituais funerários Arawak, na época da conquista, como forma de substituir o cadáver.

Figura nº21: Tipo de Urnas Funerárias dos Poços do Amapá: a) Urna Antropomorfa - Retiro do Bidú (rio Cupixi); b) Representação Antropomorfa - Monte Curú (rio Cunani) e c) Urna Ovoidal c/aplique Zoomorfo - São Francisco (rio Novo).



a)



b)



c)

Figura nº22: Tipo de Urnas Funerárias dos Poços da Colômbia - a) Urna como corpo com cara humana e b) Urna como recipiente de ossos com uma estátua do morto.



a)

Figura 56. Urna
funerária, Ancestral
Moguelo, rio
Magdalena. Museo
del Oro, Bogotá.



b)

Figura 61. Urna funerária Rio de la Magdalena
Colección Arturo Ciro, Honda

5.3. Hierarquia Social nos Túmulos

A hierarquia social presente nos túmulos de poços funerários do Amapá se deduz da análise do padrão funerário do manifesto nas urnas funerárias.

Apenas nas urnas dos poços do Monte Curú - rio Cunani (representação antropomorfa e policroma) e Retiro do Bidú rio Cupixi (antropomorfa e policroma) podemos deduzir a existência ou não de padrão funerário, que demonstre ou não algum tipo de hierarquia social, pois, a análise das urnas funerárias do túmulo em poço do sítio São Francisco ficou comprometida pelo fato de terem sido danificadas ou destruídas suas decorações plásticas, durante ou depois da coleta realizada pelos agricultores que acharam-nas.

Depois de analisarmos as urnas dos dois túmulos em poços supra citados, podemos deduzir que os ossos depositados nas referidas urnas funerárias pertenciam aos chefes temporais (caciques), chefes espirituais (chamas, pajés) e respectivos parentes (esposas, filhos ou filhas, etc.).

Essa dedução baseou-se nas observações: etnográficas e iconográficas presentes nas urnas funerárias.

A dedução etnológica ocorreu com o estudo das urnas encontradas no poço do Retiro do Bidú, as quais representam um personagem sentado em um banco, possivelmente um líder temporal ou espiritual. A relação do banco com o poder temporal ou espiritual é encontrada nos rituais dos Palikus (Aruak), índios do norte do Amapá, os quais destinam bancos estilizados com forma zoomorfa (pássaros) para o chamã (Arnaud, 1984:41) (Figura nº23).

Segundo Guapindaia (2001:493), na literatura etnológica os bancos representam muito mais que simples artefatos destinados ao conforto pessoal, e na definição de Ribeiro (1988) apud Guapindaia (2001:494): “*os bancos destinam-se aos chefes, pajés e visitantes, sendo prerrogativa masculina*”.

Em relação aos túmulos de outras regiões amazônicas cujo enxoval funerário consiste em urnas cuidadosamente decoradas, podemos inferir que eram destinadas a membros destacados da comunidade e não prerrogativa de todos, dado que sempre se trata

de túmulos isolados ou em pequenas agrupações. Não aparecem “campos de urnas” para utilizar a definição europeia dos grandes cemitérios comunitários da Idade do Bronze.

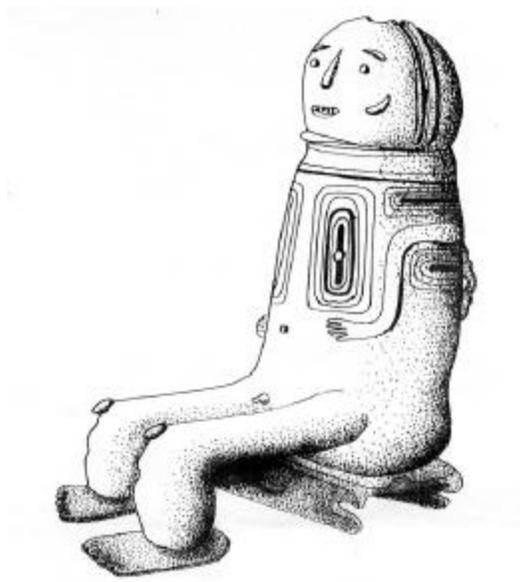
Para Schaan (1999) estudando a cultura marajoara, próxima do Amapá:

“Quando morriam, os chefes e membros das famílias de prestígio tinham seus ossos descarnificados - limpos e tratados -, desarticulados, pintados e dispostos em urnas funerárias ricamente decoradas, cercadas de oferendas e objetos de uso pessoal. Em alguns períodos utilizaram também a cremação”.

Na dedução iconográfica utilizamos como objeto de análise os bancos das urnas antropomorfas do Retiro do Bidú, onde alguns possuem decoração (apliques) de cobras enroladas em cada extremo do banco (Figura nº24).

Os apliques de cobras presentes nos bancos das urnas do Bidú podem ser emblemas clânicos - figura simbólica que identifica um conjunto de famílias que possuem ancestrais comuns - que denotavam posições de prestígio social (Schaan, 1999) (Figura nº25).

Figura nº 23: Urna Antropomorfa do Retiro do Bidú



Autoria: José Limeira

Figura nº 24: Decoração de bancos de urnas do Retiro do Bidú



Autoria: Edinaldo Filho

Figura nº 25: Possível emblema clânico - cobra (Retiro do Bidú)



Autoria: Edinaldo Filho

5.4. Locais dos Sepultamentos

Com o estudo dos locais dos sepultamentos nos cinco poços funerários tivemos como objetivo descobrir onde foram construídos os túmulos de poço pelos grupos pré-históricos, ou seja, dentro ou fora da aldeia.

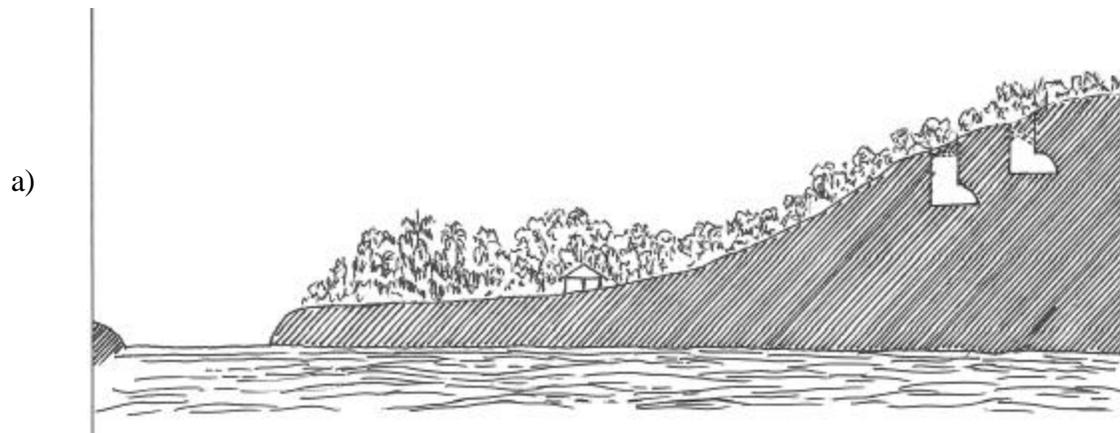
Assim, utilizamos três critérios de análise: 1º) Topografia da área dos sítios arqueológicos, 2º) Distância da água e 3º) Vestígios materiais (cerâmica, lítico) dentro ou próximo da área dos poços funerários.

Tabela nº02: Local do Sepultamento

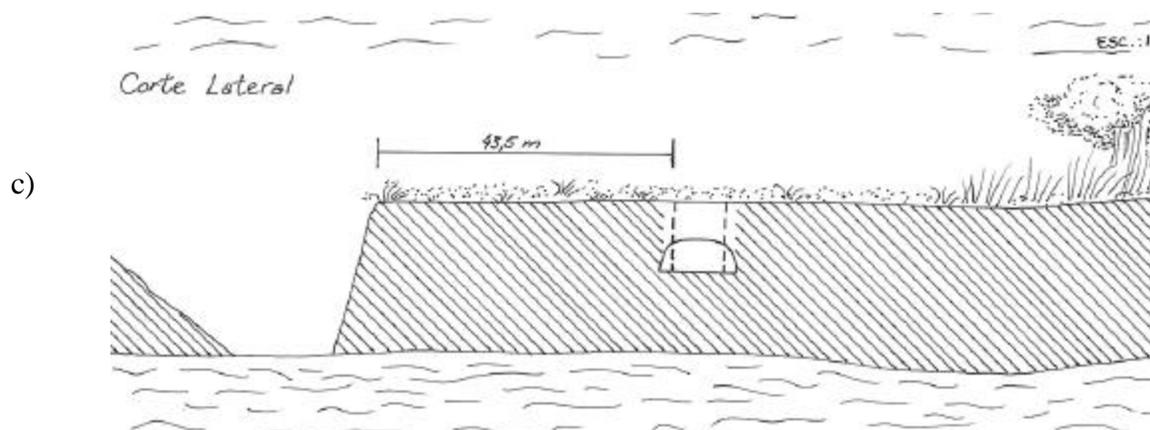
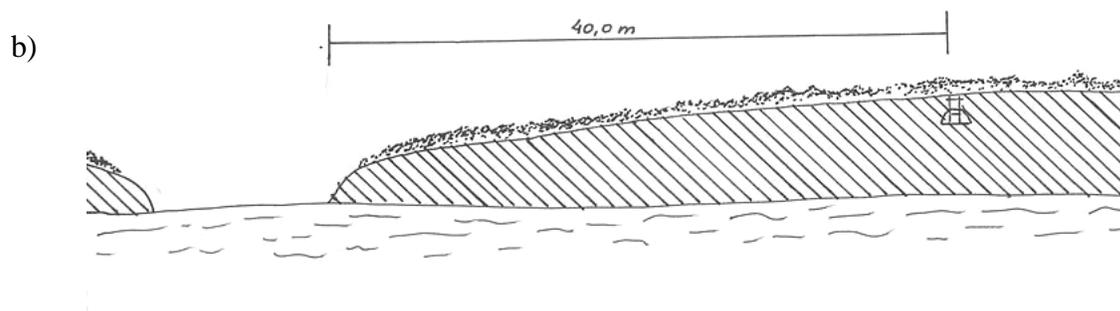
SÍTIO ARQUEOLÓGICO	TIPO DE TOPOGRAFIA	DISTÂNCIA DA ÁGUA	VESTÍGIOS MATERIAIS
AP-CA-10: VILA CUNANI	SOLO ARENO-ARGILOSO E PLANO	(?)	CERÂMICA, LÍTICO
AP-CA-MONTE CURÚ	ENCOSTA	(?)	
AP-CA-13: SÃO FRANCISCO	SOLO ARENO-ARGILOSO E PLANO	40 m	FRAGMENTOS DE CERÂMICA
AP-AR-01: RETIRO DO BIDÚ	SOLO PEDREGOSO (ARENITO E LATERITA) E PLANO	43,5 m	

Nos quatro casos de sepultamentos em poço no Amapá, dois não mostram lugar de habitação e dois apresentam cerâmica/lítico ou cerâmica nas proximidades, o que indicaria que os poços poderiam ser construídos tanto em lugares afastados como perto ou dentro da aldeia (Figura nº26).

Figura nº 26: Imagens dos locais de Sepultamentos: a) Monte Curú,
b) São Francisco e c) Retiro do Bidú



Corte Lateral



CAPÍTULO VI

ANÁLISE DAS PEÇAS CERÂMICAS DO MOBILIÁRIO DOS POÇOS FUNERÁRIOS DO AMAPÁ

O estudo das peças pré-históricas dos poços funerários do Amapá teve por finalidade fornecer subsídios para estabelecer quais foram os tipos de cerâmica localizada dentro dos poços funerários e suas características (forma, decoração e técnica), bem como estabelecer cronologias (absolutas ou relativas). Em suma, nesse capítulo apresentamos a metodologia e os critérios de análise cerâmica empregados.

A descrição dos vasilhames cerâmicos dos poços funerários amapaenses foi feita a partir dos critérios de análise da forma, decoração e tecnologia. Nosso objetivo foi fazer uso da terminologia cerâmica existente na bibliografia especializada (Chmyz, 1976; Rye, 1981; Sherpard, 1985; Alves et al. 1991; Alves et al., 1994; Nascimento e Luna, 1997; Gomes, 2002).

6.1. Características das Peças: Forma, Decoração e Técnica

Metodologia

Para a descrição da cerâmica elaboramos uma ficha contendo itens referentes aos aspectos da pasta e perfil cerâmico, características morfológicas de cada peça e motivos decorativos (Ver anexos p. 95-119).

A ficha apresenta, em primeira instância, os dados da peça, para permitir a perfeita identificação, como: localização da peça, forma de aquisição, data, nome do pesquisador, localização do sítio, tipo de sítio, característica do sítio.

Como se trata de fichas tipológicas, a descrição é feita dos traços gerais - tradição ou horizonte - a que pertence a peça, passando pela Fase, de caráter regional até chegar ao tipo específico de cada peça. Os tipos foram feitos de acordo com as características da cerâmica.

Para a descrição das formas utilizamos Chmyz (1976). Para identificar a forma analisamos as diferentes partes do recipiente, como: tampa, corpo, base, etc.

Forma

O estudo da forma das três coleções cerâmicas dos quatro poços funerários do Amapá foi feito a partir das vasilhas inteiras, vasilhas parcialmente fragmentadas e de grandes fragmentos.

1ª) Coleção: Monte Curú

Na análise da coleção cerâmica do Monte Curú utilizamos a classificação feita por Coirolo (1997).

A coleção foi classificada em duas grandes categorias de formas, os recipientes abertos e os fechados. No interior destas duas grandes categorias determinaram-se seis grupos de formas: Grupo I - Bandeja ou Prato Fundo, Grupo II - Alguidar ou Prato Fundo, Grupo III - Taça, Grupo IV - Moringa, Grupo V - Jarro e Grupo VI - Vaso Antropomorfo (Figura nº27).

Figura nº27: Classificação das formas das peças do Monte Curú

<p>Bandeja ou Prato</p>	
<p>Alguidar ou Prato Fundo</p>	
<p>Taça</p>	
<p>Moringa</p>	
<p>Jarro</p>	
<p>Vaso Antropomorfo</p>	

Fonte: Coirolo, Alicia Duran et al. (1997)

2ª) Coleção: São Francisco

A partir do estudo da coleção São Francisco definiu-se que as cerâmicas apresentam duas formas (1ª Forma: vaso c/ aplique zoomorfo ou simples e 2ª Forma: alguidar ou prato fundo c/aplique zoomorfo ou simples), constatamos que existe um equilíbrio entre as formas (32) (Figura nº28).

3ª) Coleção: Retiro do Bidú

A coleção do Retiro do Bidú foi classificada em dois grupos: Grupo I - Urna Antropomorfa e Grupo II - Vaso com aplique (Coirolo, 1997).

As urnas antropomorfas nesta coleção são de maioria absoluta, existindo apenas uma cerâmica em forma de vaso (Figura nº 29).

Decoração

O estudo da decoração foi realizado a partir da descrição das técnicas decorativas e motivos iconográficos presentes na cerâmica.

O reconhecimento das técnicas decorativas empregadas na confecção dos vasilhames que compõem as três coleções cerâmicas foi feito a partir da observação visual dos efeitos produzidos na superfície cerâmica. Tais técnicas foram divididas em dois tipos: as acromáticas, sem uso da cor; e as cromáticas, envolvendo vários tipos de pintura. A seguir relacionamos os termos por nós utilizados, com base em Chmyz (1976) (Figura nº30).

Técnicas de decoração acromática

Aplicação – resultado da ação de agregar porções modeladas de pasta sobre a superfície ainda plástica de um artefato cerâmico.

Excisão – resultado da ação de remover, com um instrumento, áreas da superfície cerâmica, antes ou depois da queima. Tais porções removidas variam em tamanho, forma e profundidade.

Incisão – resultado da ação de apertar um instrumento na superfície da pasta ainda plástica, produzindo uma linha em baixo-relevo, que pode ter largura, comprimento e profundidade variáveis.

Modelagem – implica a ação de construir formas cerâmicas à mão livre. Embora seja uma técnica de fabricação, esta é empregada também como técnica decorativa na produção de apêndices tridimensionais.

Figura nº28: Peças de cerâmica do poço Svo Francisco

1ª Forma



2ª Forma



Figura nº29: Classificação das Peças do Retiro do Bidú

Grupo I



01



07



02



08



03



09



04



10



11



05



13



06

Grupo II



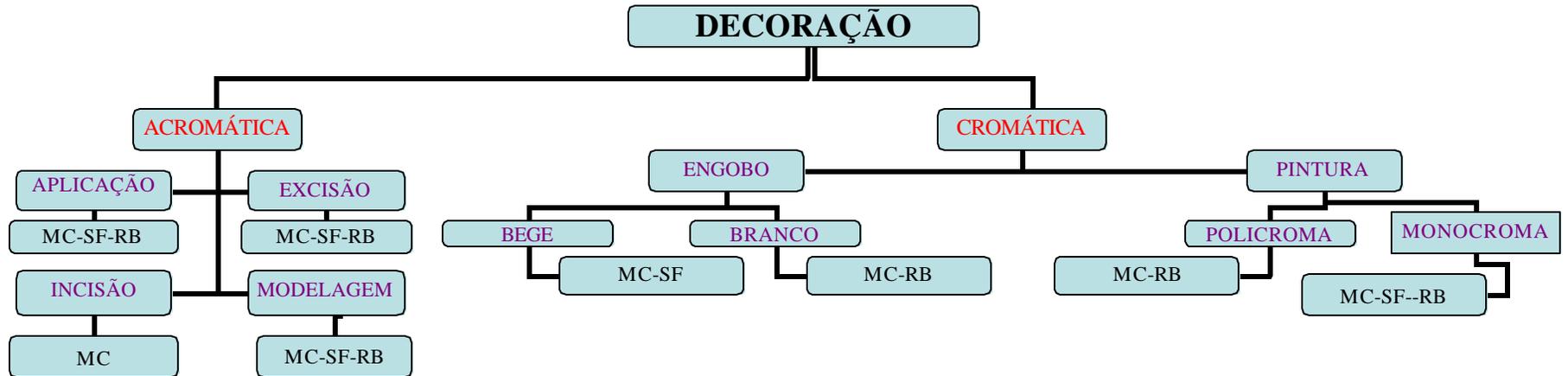
12

Técnicas de decoração cromática

Engobo – Tipo de tratamento que consiste em aplicar, antes da queima, uma camada de barro, mais espessa que o banho, com ou sem pigmentos minerais, na superfície do vasilhame (Chmyz, 1976).

Pintura – técnica que consiste em aplicar pigmentos minerais ou vegetais à superfície cerâmica, ou sobre engobo, antes ou depois da queima. Esta pode estar localizada tanto na superfície externa quanto na interna, distribuída de modo uniforme ou em padrões.

Figura nº30: Descrição da Decoração da Cerâmica dos Poços Funerários Amapaenses



CONVENÇÕES:

MC – MONTE CURÚ
 SF – SÃO FRANCISCO
 RB – RETIRO DO BIDÚ

Técnica

Utilizou-se a análise do perfil cerâmico no estudo das três coleções cerâmicas, como forma de através dos dados obtidos das peças, determinar os indícios tecnológicos e culturais existentes nas cerâmicas funerárias (Ver anexos p.120 -124).

Assim, os aspectos da tecnologia cerâmica observada nas peças cerâmicas referem-se basicamente aos materiais e às técnicas de manufatura. Os termos abaixo relacionados foram utilizados de acordo com as definições encontradas em Chmyz (1976), Rye (1981), Sherpard (1985), Alves et al. (1991), Alves et al. (1994), Nascimento e Luna (1997) e Gomes (2002).

Materiais empregados

Argila – material terroso de granulatura fina, que adquire plasticidade quando misturado com água e constitui a matéria-prima principal na confecção da cerâmica.

Antiplástico – em Chmyz (1976) o termo aparece como sinônimo de tempero. Já em Sherpard (1985) e Rye (1981) antiplástico e tempero têm definições diferentes. Antiplástico, de caráter mais amplo, aparece na literatura, segundo os referidos autores, como sendo relativos a várias classes de materiais não plásticos encontrados na argila, cuja função é impedir o encolhimento excessivo da cerâmica durante os processos de secagem e de queima, reduzindo o risco de rachaduras. No entanto, tempero possui uma conotação cultural mais precisa, pois designa elementos que foram intencionalmente adicionados à argila. Finalmente, o termo por nós empregado foi antiplástico, que, por definição, inclui elementos cuja origem nem sempre pode ser determinada, tais como os minerais que compõem a areia.

Técnicas de manufatura

Acordelamento – técnica de confecção cerâmica que consiste na superposição de roletes de pasta.

Modelagem – técnica que implica a ação de construir formas cerâmicas à mão livre. Esta foi observada na elaboração tanto de vasilhames inteiros, como de elementos decorativos (apêndices).

Os instrumentos empregados na análise do antiplástico foram uma lupa binocular com aumento de quarenta vezes e uma agulha de metal, para facilitar a visualização de certas características físicas de inclusões minerais e vegetais (cariapé). No entanto, as técnicas de manufatura – acordelamento, modelagem – foram inferidas a partir da observação visual dos efeitos produzidos na superfície cerâmica.

Além das técnicas de manufatura, o principal atributo tecnológico observado nas vasilhas das três coleções cerâmicas foi o antiplástico, pois, as variações deste elemento associado às demais características estilísticas, podem fornecer indicações cronológicas e origem da cerâmica.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através do estudo dos túmulos pré-históricos em poço com câmara localizados no Estado do Amapá e suas respectivas cerâmicas funerárias buscou-se descobrir, quem os construiu e quando.

Constatou-se que em todos os poços estudados ocorreu um culto aos mortos onde a construção dessas tumbas de dimensões aproximadas e a colocação ou não das lajes protetoras são testemunhos do esforço feito pelo grupo para proteger os restos mortais dos antepassados.

Por outro lado, os registros arqueológicos comprovam a existência de sepultamentos pré-históricos em poços com câmara em diversas regiões da América, desde o México até o noroeste da Argentina (Coirolo, 1997; Meggers, 1966; Uribe & Dávila, 1984), confirmando, portanto, a dispersão desse método em quase todo o Continente Americano.

Assim, examinando o mapa com a localização dos túmulos de poços funerários na Amazônia, mapa nº05 (p. 27), percebe-se que é na Colômbia que existe a maior concentração de poços com câmara lateral, na América do Sul. No Brasil, essa forma de sepultamento foi pouco utilizada por grupos pré-históricos, pois, somente no Estado do Amapá há registro desse tipo de túmulo.

A partir do mapa nº04 (p. 26), referente às rotas migratórias das culturas pré-históricas amapaenses, elaborado por Evans (1955), somado as semelhanças observadas no estudo dos túmulos em poço colombianos e amapaenses (morfológicas, características do mobiliário funerário), percebe-se que a origem dos grupos pré-históricos autores dos poços com câmara lateral no Estado do Amapá é a mesma atribuída pelos Evans (1955), os quais relacionaram as fases arqueológicas amapaenses: Aristé, Mazagão e Maracá a uma origem andina. Os grupos culturais destas fases arqueológicas utilizaram a via interior e costeira, como igarapés e rios navegáveis para chegar em terras amapaenses.

Através dos registros arqueológicos e etnográficos (Coudreau, 1886; Goeldi, 1905; Evans, 1955; Meggers e Evans, 1957; Hilbert, 1957; Pereira; Kern e Veríssimo,

1986; Coirol, 1997; Chaumeil, 1997) observa-se que a técnica de construção de túmulo em poço com câmara lateral foi difundida e utilizada por grupos culturais da fase arqueológica Aristé e Mazagão, no Estado do Amapá, em período pós-colombiano.

O resultado da análise do perfil cerâmico do mobiliário funerário dos poços de Monte Curú, São Francisco e Retiro do Bidú demonstrou que as peças encontradas no poço funerário do sítio São Francisco possuem características de decoração, aditivo da pasta e oxidação semelhantes com as peças funerárias do poço do sítio do Monte Curú – fase Aristé (Tabela nº03, nº04 e nº05, em anexo, pp.122-124).

Caracterizando-se assim, que os dois grupos pré-históricos possuem características tecnológicas e culturais equivalentes, possivelmente esses indígenas pertenceriam ao mesmo grupo cultural ou fase arqueológica (Aristé), pois, tais semelhanças tecnológicas são constatadas na produção das peças cerâmicas e também na morfologia dos poços e tampas (granito) (Figura nº20 a-c, p. 62). Bem como, os poços estão dentro da área arqueológica da Fase Aristé (Mapa nº03, p. 19).

Quanto à análise das peças funerárias do poço do Retiro do Bidú constatou-se que, elas são completamente distintas das outras encontradas nos outros dois poços (São Francisco e Monte Curú). Diferenças essas, presentes na morfologia, decoração e aditivo da pasta.

Um outra diferença observada foi na estrutura do poço, o qual é diferente dos outros dois poços, pois, não existia tampa e a fossa de acesso B câmara estava completamente enterrada, logo, só existia a câmara lateral protegendo as peças (Figura nº20 b, p. 61).

Contudo, estudando as urnas antropomorfas do Retiro do Bidú, observou-se correspondência com a Fase Mazagão. Entre elas temos: sepultamento secundário, formato das urnas, e o tempero com predominância do cariapé e mica. Há, porém um aspecto que parece não se enquadrar nesta equivalência: a decoração policroma, pois, a fase Mazagão segundo Simões (1972) foi classificada pertencente à Tradição Inciso Ponteadada e não na Tradição Policroma.

Convém considerar, porém, que Pereira; Kern e Veríssimo (1986), no salvamento arqueológico do Sítio AP-MA-03 Pacoval, Macapá-AP, encontraram correspondência não só com a Fase Mazagão (Tradição Inciso Ponteadada), mas também com

a Fase Aristé (Tradição Policroma), pelo fato das peças cerâmicas terem características das duas fases arqueológicas (Figuras nº07 e nº08, p. 38).

Esse fato reforça nossa suposição de que as urnas do Retiro do Bidú são da fase Mazagão, mesmo apresentando uma decoração policroma. Não obstante, no sítio do Pacoval, foi encontrado um poço funerário com duas urnas antropomorfas acompanhadas de dois vasos:

Segundo os operários, teria sido encontrado um grupo de 4 urnas numa escavação de 1,5 x 1,5m das fundações. Destas, uma única permaneceu em depósito no Museu Costa Lima, desconhecido o destino das demais. Trata-se de uma urna antropomorfa com características masculinas. Acompanhavam-na, ainda segundo os operários, uma urna “na forma de vaso, cheia de terra e pratos quebrados” (Pereira; Kern e Veríssimo, 1986).

Uma das urnas antropomorfas encontradas no sítio do Pacoval e uma tampa apresentam correspondência morfológica e tecnológica com as urnas do sítio do Retiro do Bidú (Figura nº07, p. 38).

Assim, constatou-se que o enterramento em túmulo subterrâneo foi uma prática que se espalhou e foi adaptada por diversos grupos que se utilizaram de rituais diversos, pois, constatou-se que outros grupos pré-históricos amapaenses utilizaram o sepultamento em poço com câmara no Amapá, além do grupo da fase Aristé, tendo em vista o sítio do Pacoval, no qual foi encontrado um poço funerário com urnas antropomorfas da fase Mazagão.

Quanto aos rituais funerários, nota-se que os grupos culturais da fase Mazagão e Aristé, praticavam o sepultamento secundário em urnas funerárias, as quais eram depositadas em cavernas e poços com câmara lateral.

Para Evans (1955), o tipo de poço funerário achado por Goeldi (1895), no cemitério de Cunani, foi uma invenção independente, pois, a forma de sepultamento na Colômbia não se parece com a da Fase Aristé. Nessa região praticava-se a forma de

inumação direta e secundária, ao passo que no Amapá os restos da cremação eram colocados numa urna funerária na câmara.

No Capítulo V, deste trabalho, observou-se que a forma de sepultamento em poço com câmara praticada no Amapá e na Colômbia apresentam correspondência na forma do túmulo, tipo de urnas utilizadas, hierarquia social nos túmulos e locais de sepultamentos. Portanto, discordamos com a hipótese de Evans (1955), quanto aos poços construídos no Amapá sejam uma invenção independente.

Considera-se assim, que a construção dos poços funerários amapaenses não foi uma invenção independente, mas uma dispersão dessa forma de sepultamento e conseqüente adaptação à realidade local, tendo em vista, a utilização do sepultamento tanto nos poços como em cavernas.

Nessa linha dedutiva, constatou-se que o sepultamento em túmulos em poço com câmara lateral, não é uma prática exclusiva dos indígenas pré-históricos que viveram na Amazônia Brasileira, haja vista, a correspondência cultural na utilização do antropomorfismo como tipo decorativo nas urnas dos poços colombianos e dos poços amapaenses (Aristé e Mazagão), como também, as semelhanças já apresentadas.

Concomitantemente, à utilização de cavernas para sepultamento, pelos grupos da fase Aristé e Mazagão, o grupo cultural da fase Maracá, que é outro grupo cultural amapaense, utilizou também o sepultamento em cavernas e urnas antropomorfas (Guapindaia, 1997). Contudo, o grupo pré-histórico da fase Maracá, não apresenta correspondência cultural com os outros dois grupos (Aristé e Mazagão) (Evans, 1955).

Por outro lado, observa-se que a difusão do antropomorfismos nas cerâmicas funerárias, foi comum entre os grupos pré-históricos amapaenses. Possivelmente, isso ocorreu pela influência cultural através do comércio ou pelo contato interétnico.

Para Evans (1955), o grupo Maracá, teria influenciado o grupo Mazagão mais diretamente (antropomorfismos) e cujas filiações nos levam para a região noroeste da América do Sul. A origem andina, atribuída ao grupo Maracá, é explicada pela analogia que podemos fazer das figuras antropomorfas sentadas sobre bancos de argila (Figura nº18, p. 55), as quais existem registro arqueológico na Colômbia, Equador, Venezuela e Brasil.

Portanto, o caminho de dispersão dessa prática funerária em poços com câmara lateral, pode ter ocorrido pela via interior da Amazônia Brasileira, conforme dados arqueológicos levantados (Mapas nº04 e nº06, pp. 26-29).

Os túmulos pré-históricos em poço com câmara lateral amapaenses foram construídos por grupos culturais da fase Aristé e Mazagão, durante o período pós-contato, isto é, depois do descobrimento da América.

Possivelmente a mesma forma de sepultamento utilizando-se poços com câmara foi também usada pelos grupos Maracá, além do sepultamento em caverna. Concluimos assim que diferentes grupos étnicos de fases culturais e cronológicas diversas (Tabela nº06, em anexo, p. 125) construíram na Amazônia poços com câmara para enterrar seus defuntos de superior hierarquia, prática que às luzes do atual conhecimento teve suas origens na área andina a partir do Século XII da Era Cristã.

NOTAS

- (1) Os Siriubais e manguezais formam um cinto litorâneo que se estende desde o norte de Macapá até próximo a ponta dos índios já dentro da desembocadura do rio Oiapoque (FAISSOL, 1966).
- (2) Considerando somente a fisionomia, a Floresta de Várzea no Amapá constitui dois aspectos distintos, um correspondente às várzeas dos médios cursos que se originaram da deposição de aluviões; outro, correspondente à várzea dos baixos cursos e que resultam de sedimentação das partículas argilosas levadas ao oceano pelo rio Amazonas e que daí são transportados para aquelas áreas por efeito das marés (FAISSOL, 1966).
- (3) Contrastando com a paisagem florestal, o cerrado do Amapá se distribui segundo uma linha aproximadamente de idade terciária ou quaternária antiga do litoral. A leste, ele é limitado pelos campos inundáveis da região lacustre e a oeste pela hiléia, enquanto ao norte, o estreitamento da área sedimentar antiga impede o seu aparecimento muito ao norte do rio Calçoene.
- (4) A floresta de terra firme recobre cerca de 80% do Estado amapaense (Op. Cit.)
- (5) Este termo foi primeiramente usado por Mário Simões (Barreto, 1992).
- (6) O PRONAPA pretendia promover prospecções e testes (pequenas escavações rápidas) visando elaborar, sem demora, um quadro geral das culturas brasileiras. Este grande projeto de âmbito nacional, agrupou o Museu Paraense Emílio Goeldi e a maior parte dos pesquisadores isolados do sul e do nordeste. Ele foi montado em colaboração com o então Instituto (agora Secretaria) do Patrimônio Histórico e Artístico nacional (SPHAN) e a Smithsonian Institution, norte-americana (Prous, 1992)
- (7) Na época o Amapá não mais pertencia ao Estado do Pará, tornara-se Território Federal em 13.09.1943. Todavia, os pesquisadores do Museu Paraense Emílio Goeldi continuavam a pesquisar em terras amapaenses, bem como, continuavam levando para o acervo do museu, todo e qualquer artefato arqueológico coletado.
Somente a partir de 1953, a situação muda um pouco, com a criação do Museu Territorial do Amapá, e alguns artefatos arqueológicos permanecem na guarda do Museu Amapaense.
- (8) Depois que encerrou o PRONAPA, o Museu Goeldi elaborou um projeto semelhante para a bacia amazônica - PRONAPABA - cujos trabalhos de campo contaram com o financiamento do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico - CNPq - e a Smithsonian Institution e, autorização do IPHAN (Prous, 1992; Simões, 1978).
- (9) Este pesquisador não fazia parte da equipe arqueológica do museu Goeldi.

(10) Anna Roosevelt contesta o determinismo ecológico em sua obra *Arqueologia Amazônica* de 1992.

(11) Tradição Policroma - caracteriza-se pela grande diversidade de técnicas decorativas e, pela complexidade de motivos. Predomina como decoração, a pintura executada em vermelho ou preto sobre engobo – tipo de tratamento, antes da queima, na superfície do vasilhame – branco. Frequentes, também, são as incisões, excisões, acalado sobre superfícies simples ou engobadas de vermelho ou branco, ponteados e modelados (Roosevelt, 1992).

(12) A cremação foi B prática mais comum e também a mais recente. Ocasionalmente eram colocadas nas urnas algumas oferendas (Hilbert, 1957).

(13) Inciso Ponteados – caracteriza-se pela decoração executada através de incisões, predominantemente retilínea e, as vezes, em padrões desenhados em finas linhas paralelas, espaçadas uniformemente e, associadas a ponteados. São frequentes também, modelagens em baixo relevo ou adornos biomorfos sobre a borda ou a parede dos recipientes e a pintura.

(14) O cariapé ou caraipé consiste em uma casca de árvore que contém sílica em percentagem variável. Sua mais freqüente ocorrência é na América Tropical, especialmente no Brasil, e seu uso como tempero, pareceu na região do Baixo Amazonas (Linné, 1925:38-48).

(15) Argila mole.

(16) No sítio Ilha da Terra Preta, num afluente do igarapé do Lago foi achada uma urna antropomorfa com miçangas de vidro enfeitando seus braços, o que levou Aureliano Guedes (1897) a supor uma época pós-colombiana para o sítio-cemitério.

(17) Horticultores - grupos que cultivam raízes, frutos e sementes para complementação de sua dieta, assim como cuidam e fazem reproduzir plantas nativas medicinais e venenosas nos arredores de suas moradias e caminhos por onde circulam (Schaan, 1999).

(18) A datação foi obtida de amostras de carvão, coletadas em um corte estratigráfico realizado num abrigo-sob-rocha, no local conhecido como Buracão do Laranjal, na Região do Maracá, município de Mazagão-AP (Guapindaia & Machado, 1997).

(19) Na época Goeldi era diretor do Museu Paraense e chefiou a expedição científica ao Amapá (Barreto, 1992).

(20) Os sítios arqueológicos descobertos na Colômbia, que possuem as mesmas características dos sítios do Amapá, estão concentrados no rio Magdalena. (Reichel-Domatoff, 1997; Uribe & Dávila, 1984).

- (21) O rio Cupixi é um braço do rio Amapari, que por sua vez é afluente do rio Araguari. (Queiroz & Lacerda, 1998).
- (22) A localização foi feita por Geographic Position System - GPS 12XL Garmin de Navegação.
- (23) Clastres, P. (1980). Mythes et rites des Indiens d'Amérique du Sud, en: Recherches d'anthropologie politique, 59-101, Paris.
- (24) Corona Nuñez, J. (1954). Diferentes tipos de tumbas prehispánicas en Nayarit. *Yan* 3:46-50.
- (25) Imbelloni, J. (1950). La Extraña Terracota de Rurrenabaque (Noroeste de Bolivia) en la Arqueologia de Suramérica. Rama. Instituto de Arqueologia. Vol. III, partes 1-2. Buenos Aires.
- (26) Métraux, A. (1949). Tribes of the Middle and Upper Amazon River, Handbook of South American Indians. Washington.
- (27) Nordenskiöld, E. (1930). L'archéologie du Bassin de l'Amazone. *Ars. Americana*. N° 1. Paris.
- (28) Rivet, Paul (1943-44), La influencia Karib en Colombia. *Revista del Instituto Etnológico Nacional*. Vol. I, Bogotá.
- (29) Steward, Julian (1948). The Circum-Caribbean tribes: an introduction. Handbook of American Indians. Vol 4. Washington.
- (30) Rouse, Inving (1948). The Carib. Handbook of South American Indians. Vol. 4. Washigton.
- (31) Long, S. Formas y distribución de tumbas de pozo con cámara lateral. *Razón y Fábula*, Ed. Univ. De Los Andes, Bogotá, 1967, 1:73-87.
- (32) Usamos como parâmetro a classificação das formas das peças funerárias da coleção Cunani (monte Curú) realizada por Alícia Coirolo (1997).

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

ALVES FILHO, Armando et al. Pontos de história da Amazônia. 2ª ed. Rev. Ampl. Belém: Paka-Tatu, vol. 2, 2000.

ALVES, Cláudia et al. A Cerâmica Pré-Histórica no Brasil: Novas Perspectivas Analíticas. In: CLIO - Série Arqueológica N°7. Universidade Federal de Pernambuco. Recife, Ed. Universitária, 1991. V.1, p. 11-89. il.

ALVES, Cláudia et al. Técnica Cerâmica Pré-Histórica: CLIO - Série Arqueológica N°10. Universidade Federal de Pernambuco. Recife, Ed. Universitária, 1994. V.1, p. 47-59. il.

AGUILLAR, Nelson (org.). Mostra do redescobrimento: arqueologia. Fundação Bienal de São Paulo. - São Paulo: Associação Brasil 500 anos Artes Visuais. 200p. il, 2000.

AMAPÁ. Secretaria de Estado do Planejamento e Coordenação Geral - SEPLAN. Anuário Estatístico do Estado do Amapá: 1998-2000. CD-ROM.

AMAPÁ, Estado do Amapá. Dados sobre o estado do Amapá-Perfil. Disponível em: <http://www.amapa.gov.br/dadosestado-geral.htm>. Acesso em: 23 de fevereiro de 2003.

ARNAUD, Expedito. Os Índios Palikúr do rio Urucaúá - tradição tribal e protestantismo. Belém, Museu Paraense Emílio Goeldi, 1984. 82 p. il. (Publ. Avulsas, 38)

BARRETO, Mauro Viana. História da Pesquisa Arqueológica no Museu Paraense Emílio Goeldi. IN: Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi, série Antropológica. 8(2), 1992.

CHAUMEIL, Jean-Pierre. Entre la memoria y el Olvido: Observaciones sobre los ritos funerarios en las tierras bajas de América del Sur. In: Boletín de Arqueología PUCP. Vol.1. (Separata), 1997.

CHMYZ, Igor (ed.). Terminologia Arqueológica Brasileira para Cerâmica. In: Cadernos de Arqueologia, ano 1, n. 1, Paranaguá, UFRR, 1976.

COIROLO, Alícia Durán et al.. Homenagem a Emílio Augusto Goeldi no Centenário do descobrimento do sítio arqueológico do rio Cunani. In: Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi, série antropológica, v. 13, n. 1, p. 27-66, julho, 1997.

COIROLO, Alícia Durán e NUNES FILHO, Edinaldo Pinheiro. Relatório de Campo sobre o Salvamento arqueológico na região de Calçoene, Amapá. Macapá-AP: Museu Histórico do Amapá Joaquim Caetano da Silva, 24 a 28 Janeiro, 1996.

COUDREAU, Henri Anatole. La France Equinoxiale. 2 livre. Paris. Challamel Ainé, 1886.

D'AQUINO, Gilma Isabel Rego. O Fumo e os Cachimbos Cerâmicos na Pré-história da Amazônia Brasileira: Os “sambaqueiros” de Alenquer e os Tapajó de Santarém. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Pernambuco. Recife. 148p. il, 2001.

EVANS, Clifford. Filiações das Culturas Arqueológicas no Território do Amapá, Brasil. In: Anais do XXXI Congresso Internacional de Americanistas. Vol. 02. Edit. Anhembi – SP, 1955.

EVANS, Clifford & MEGGERS, Betty J. Guia para prospecção arqueológica no Brasil. Série Guias nº2. Museu Paraense Emílio Goeldi, Belém-PA, 1965.

ESTEVES, Antônio R. (1993). A Ocupação da Amazônia. 1ª ed. São Paulo-SP: Brasiliense. Coleção tudo é história.

FAISSOL, Speridião (coord.). Atlas do Amapá. Instituto Regional de Desenvolvimento do Amapá (IRDA) e Conselho Nacional de Geografia (IBGE). Oficina do Serviço Gráfico do IBGE, em Lucas, Rio de Janeiro, GB - Brasil, 1966.

GOELDI, Emílio Augusto (1905). Excavações archeologicas em 1895: As cavernas funerárias artificiaes de Índios extinctos no Rio Cunany (Goanany) e sua cerâmica. 1ª Parte. Museu Paraense de Historia Natural e Ethnographia. Reimpressão da edição de 1900.

GOMES, Denise Maria Cavalcante. Cerâmica Arqueológica da Amazônia: Vasilhames da Coleção Tapajônica MAE-USP. São Paulo: Editora Universitária de São Paulo: Fapesp: Imprensa Oficial do Estado, 2002.

GUAPINDAIA, Vera Lúcia & MACHADO, Ana Lúcia da Costa. O Potencial Arqueológico da Região do Rio Maracá/Igarapé do Lago (AP), p. 67-102, 1997. In: Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi, série Antropológica. Vol. 13 N°01.

HILBERT, Peter Paul. Contribuição a Arqueologia do Amapá: Fase Aristé. In: Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Nova Série. Antropologia. N°01, 1957.

LATHRAP, Donald. The Upper Amazon, Ancient peoples and Places. Trames and Hudson. London, 1970.

LINS, Cristovão. A Jarí e a Amazônia. Rio de Janeiro: DATAFORMA em convênio com a Prefeitura Munic. de Almeirim(PA), 1997.

MARTINS, Gabriela. Pré-história do nordeste do Brasil; prefácio de Niéde Guidon. – Recife: Editora Universitária/UFPE, 1999.

MEGGERS, Betty J. América Pré-histórica; tradução de Eliana Teixeira de Carvalho. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

_____. Amazônia: a ilusão de um paraíso; tradução de Maria Yedda Linhares, apresentação de Darcy Ribeiro. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1977.

_____. Contactos entre las culturas prehistóricas de Mesoamérica y la costa del Ecuador, p. 139-176, 1966. In: Meggers, Betty J. (org.) Evolución y difusión cultural: Enfoques teóricos para la investigación arqueológica. Quito-Ecuador: Ediciones Abya-Yala, N° 57, 1998.

MEGGERS, Betty J. & EVANS, Clifford. Archeological investigations at the mouth of the amazon. Government Printing Office, Washington, 1957.

NASCIMENTO, Ana Lúcia & LUNA, Suely. A Cerâmica arqueológica dos sítios dunares no rio Grande do Norte - Brasil. In: CLIO - Série Arqueológica N°12. Universidade Federal de Pernambuco. Recife, Ed. Universitária, 1997. V.1, p. 27-86. il.

NEVES, Eduardo Góes. Os índios antes de Cabral: arqueologia e história indígena no Brasil. P.171/196. In: A temática indígena na escola: novos subsídios para prof. de 1º e 2º graus; (org) Aracy L. da Silva e Luís Donizete B. Grupioni – Brasília, MEC/MARI/UNESCO, 1995.

PEREIRA, Edithe da S.; KERN, Dirse Clara e VERÍSSIMO, César U. V. Nota sobre o salvamento arqueológico do sítio AP-MA-03: Pacoval, Macapá-AP. In: Arqueologia, Curitiba, 5:55-67, 1986.

PROUS, André. Arqueologia brasileira. Brasília, DF: Editora Universitária de Brasília, 1992.

QUEIROZ, Brasilina e LACERDA, Adervan Dias. Relatório de campo sobre o Salvamento de urnas funerárias do sítio “Retiro do Bidú” Cupixí-AP. Macapá-AP: Museu Histórico do Amapá Joaquim Caetano da Silva, 31 de agosto, 1998.

REICHEL-DOLMATOFF, Gerardo . Arqueología de Colombia. 2ª ed. BogotáColombia: Imprenta Nacional de Colombia, 1997.

ROOSEVELT, Anna Curtenius. Arqueologia amazônica. P.53/86. In: CUNHA, Emanuela Carneiro da. (org.). História dos Índios no Brasil. São Paulo: Companhia das Letras: FAPESP, 1992.

_____. Sociedades pré-históricas do amazonas brasileiro. In: BRASIL: Nas Vésperas do Mundo Moderno. Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, 1992.

_____. Determinismo ecológico na interpretação do desenvolvimento social indígena da Amazônia. In: Origens, adaptações e diversidade biológica do homem nativo da Amazônia; (org). Walter A. Neves. Belém: MPEG/CNPq/SCT/PR, 1991.

RYE, Owen S. Pottery Technology. Taraxacum, Washington, 1981.

SARNEY, José e COSTA, Pedro. Amapá: a terra onde o Brasil começa. Brasília: Senado Federal. Conselho Editorial, 1999. 270 p.: il., fot. (2ª edição)- (Coleção Brasil 500 anos)

SCHAAN, Denise Pahl. Cultura Marajoara. In: Arte da Terra: resgate da Cultura Material e Iconográfica do Pará. Belém: Edição SEBRAE, 1999. 66 p, il.

SHEPARD, Anna O. Ceramics for the Archaeologist. Washington, D.C., Carnegie Institution of Whashington, 12 th ed., 1985.

SIMÕES, Mário F.. Índice das Fases arqueológicas brasileiras: 1950 – 1971. Publicações Avulsas N°18. Museu Paraense Emílio Goeldi. Belém-Pará 1972.

SIMÕES, Mário F. & ARAUJO-COSTA, Fernanda. Áreas da Amazônia legal brasileira para pesquisa e cadastro de sítios arqueológicos. Publicações Avulsas N° 30. Museu Paraense Emílio Goeldi. Belém-Pará, 1978.

URBAN, Greg. A história da cultura brasileira Segundo as línguas nativas. P.87/102. In: CUNHA, Emanuela Carneiro da. (org.). História dos Índios no Brasil. São Paulo: Companhia das Letras: FAPESP, 1992.

URIBE, Carlos Castaño y Dávila, Carmen Lucía. Investigación Arqueológica en el Magdalena Medio, Sitios Colorados y Mayaca. Bogotá-Colombia: Fundación de Investigaciones Arqueológicas Nacionales, 1984.

ANEXOS

FICHAS DE ANÁLISE DAS PEÇAS
CERÂMICAS
AP-CA-13
POÇO FUNERÁRIO
SÃO FRANCISCO

FICHA DE ANÁLISE DE CERÂMICA ARQUEOLÓGICA

Nº DE REGISTRO DE TOMBO: 001 (Prov.)
LIVRO Nº: FLS:
DATA:

LOCALIZAÇÃO DA PEÇA: Reserva do Museu Histórico do Amapá Joaquim Caetano da Silva

01. FORMA DE AQUISIÇÃO:

DOAÇÃO () COMPRA ()
PERMUTA () OUTROS ()
ESCAVAÇÃO () PROSPECÇÃO (X)

01.01. DATA DA AQUISIÇÃO: 1996

01.02. NOME DO PESQUISADOR (A): Alícia Durán Coirolo e Edinaldo Pinheiro Nunes Filho

02. NOME DO SÍTIO: AP-CA-13: São Francisco

02.01. LOCALIZAÇÃO DO SÍTIO: Margem Direita do Rio Novo -Município de Calçoene - Retiro São Francisco

03. TIPO DE SÍTIO ARQUEOLÓGICO: Cemitério Fechado

04. CARACTERÍSTICAS DO SÍTIO ARQUEOLÓGICO: Poço Funerário com fossa e câmara, lacrado com tampa de granito.

05. TRADIÇÃO: Policroma

06. FASE ARQUEOLÓGICA: Aristé

07. TIPO DE PEÇA: Urna Funerária

08. CONTEÚDO DA PEÇA: Óssos

09. COR DA PEÇA: Marron

10. ALTURA TOTAL DA PEÇA: 24,0 cm

11. DIÂMETRO MÁXIMO: 49,0 cm

12. DIÂMETRO DA BOCA:

13. SEXO:

14. FORMA DA PEÇA: Elipsoidal

14.1. TIPO DE LÁBIO: Arredondado

15.2. ESPESSURA DA PEÇA: 7,0 mm

15.3. BOCA: (X) CONSTRITA
() AMPLIADA

15.4. CONTORNO DA PEÇA: Composto

15.5. TIPO DE BORDA: Introvertida

15.6. TIPO DE BASE: Convexa

15.7. TIPO DE DECORAÇÃO: Pintura Vermelha no bojo.

15.8. ENGOBO: Bege

15.9. TIPO DE ADORNO:

15.10. DEFORMAÇÕES:

15.11. OBSERVAÇÕES: A peça está fragmentada e apresenta vestígios de adorno no bojo.(existe fragmentos da peça)

16. PERFIL CERÂMICO:

16.1. TEMPERO: Caco moído, cariapé.

16.2. TRATAM. DE SUPERF. EXTERNA: alisado, engobo bege e pintura vermelha no bojo.

16.3. TRATAM. DE SUPERF. INTERNA: alisado

16.4. OXIDAÇÃO: incompleta

16.5. TÉCNICA DE MANUFATURA: acordelado

16.6. OBSERVAÇÃO: Presença de areia na argila



FICHA DE ANÁLISE DE CERÂMICA ARQUEOLÓGICA

Nº DE REGISTRO DE TOMBO: 002 (Prov.)
LIVRO Nº: FLS:
DATA:

LOCALIZAÇÃO DA PEÇA: Reserva do Museu Histórico do Amapá Joaquim Caetano da Silva

01. FORMA DE AQUISIÇÃO:

DOAÇÃO () COMPRA ()
PERMUTA () OUTROS ()
ESCAVAÇÃO () PROSPECÇÃO (X)

01.01. DATA DA AQUISIÇÃO: 1996

01.02. NOME DO PESQUISADOR (A): Alcía Durán Coirolo e Edinaldo Pinheiro Nunes Filho

02. NOME DO SÍTIO: AP-CA-13: São Francisco

02.01. LOCALIZAÇÃO DO SÍTIO: Margem Direita do Rio Novo -Município de Calçoene - Retiro São Francisco

03. TIPO DE SÍTIO ARQUEOLÓGICO: Cemitério Fechado

04. CARACTERÍSTICAS DO SÍTIO ARQUEOLÓGICO: Poço Funerário com fossa e câmara, lacrado com tampa de granito.

05. TRADIÇÃO: Policroma

06. FASE ARQUEOLÓGICA: Aristé

07. TIPO DE PEÇA: Urna Funerária

08. CONTEÚDO DA PEÇA: Óssos

09. COR DA PEÇA: Marron

10. ALTURA TOTAL DA PEÇA: 27,5 cm

11. DIÂMETRO MÁXIMO: 61,0 cm

12. DIÂMETRO DA BOCA: 40,0 CM

13. SEXO:

14. FORMA DA PEÇA: Elipsoidal

14.1. TIPO DE LÁBIO: Arredondado

15.2. ESPESSURA DA PEÇA: 8,0 mm

15.3. BOCA: (X) CONSTRITA
() AMPLIADA

15.4. CONTORNO DA PEÇA: Composto

15.5. TIPO DE BORDA: Introvertida

15.6. TIPO DE BASE: Plana

15.7. TIPO DE DECORAÇÃO: Pintura Vermelha com desenhos geométricos na borda.

15.8. ENGOBO: Bege

15.9. TIPO DE ADORNO: Zoomorfo (preguiça)

15.10. DEFORMAÇÕES:

15.11. OBSERVAÇÕES: A peça está inteira.

16. PERFIL CERÂMICO:

16.1. TEMPERO:

16.2. TRATAM. DE SUPERF. EXTERNA: alisado, engobo bege e pintura vermelha.

16.3. TRATAM. DE SUPERF. INTERNA: alisado c/ pintura vermelha no fundo.

16.4. OXIDAÇÃO: incompleta

16.5. TÉCNICA DE MANUFATURA: acordelado

16.6. OBSERVAÇÃO:



FICHA DE ANÁLISE DE CERÂMICA ARQUEOLÓGICA

Nº DE REGISTRO DE TOMBO: 003 (Prov.)
LIVRO Nº: FLS:
DATA:

LOCALIZAÇÃO DA PEÇA: Reserva do Museu
Histórico do Amapá Joaquim Caetano da Silva

01. FORMA DE AQUISIÇÃO:

DOAÇÃO () COMPRA ()
PERMUTA () OUTROS ()
ESCAVAÇÃO () PROSPECÇÃO (X)

01.01. DATA DA AQUISIÇÃO: 1996

01.02. NOME DO PESQUISADOR (A): Alícia
Durán Coirolo e Edinaldo Pinheiro Nunes Filho

02. NOME DO SÍTIO: AP-CA-13: São
Francisco

02.01. LOCALIZAÇÃO DO SÍTIO: Margem
Direita do Rio Novo -Município de Calçoene -
Retiro São Francisco

03. TIPO DE SÍTIO ARQUEOLÓGICO:
Cemitério Fechado

04. CARACTERÍSTICAS DO SÍTIO
ARQUEOLÓGICO: Poço Funerário com fossa e
câmara, lacrado com tampa de granito.

05. TRADIÇÃO: Policroma

06. FASE ARQUEOLÓGICA: Aristé

07. TIPO DE PEÇA: Urna Funerária

08. CONTEÚDO DA PEÇA: Óssos

09. COR DA PEÇA: Marron

10. ALTURA TOTAL DA PEÇA: 26,0 cm

11. DIÂMETRO MÁXIMO: 37,0 cm

12. DIÂMETRO DA BOCA: 30,0 CM

13. SEXO:

14. FORMA DA PEÇA: Elipsoidal

14.1. TIPO DE LÁBIO: Arredondado

15.2. ESPESSURA DA PEÇA: 7,0 mm

15.3. BOCA: (X) CONSTRITA
() AMPLIADA

15.4. CONTORNO DA PEÇA: Composto

15.5. TIPO DE BORDA: Extrovertida

15.6. TIPO DE BASE: Convexa

15.7. TIPO DE DECORAÇÃO: Pintura Vermelha
na borda.

15.8. ENGOBO: Bege

15.9. TIPO DE ADORNO:

15.10. DEFORMAÇÕES:

15.11. OBSERVAÇÕES: Peça restaurada (não
existe fragmentos)

16. PERFIL CERÂMICO:

16.1. TEMPERO: Caco moído, cariapé.

16.2. TRATAM. DE SUPERF. EXTERNA:
alisado, engobo bege e pintura vermelha na borda.

16.3. TRATAM. DE SUPERF. INTERNA: alisado

16.4. OXIDAÇÃO: incompleta

16.5. TÉCNICA DE MANUFATURA: acordelado

16.6. OBSERVAÇÃO:



FICHA DE ANÁLISE DE CERÂMICA ARQUEOLÓGICA

Nº DE REGISTRO DE TOMBO: 004 (Prov.)
LIVRO Nº: FLS:
DATA:

LOCALIZAÇÃO DA PEÇA: Reserva do Museu
Histórico do Amapá Joaquim Caetano da Silva

01. FORMA DE AQUISIÇÃO:

DOAÇÃO () COMPRA ()
PERMUTA () OUTROS ()
ESCAVAÇÃO () PROSPECÇÃO (X)

01.01. DATA DA AQUISIÇÃO: 1996

01.02. NOME DO PESQUISADOR (A): Alícia
Durán Coirolo e Edinaldo Pinheiro Nunes Filho

02. NOME DO SÍTIO: AP-CA-13: São Francisco

02.01. LOCALIZAÇÃO DO SÍTIO: Margem
Direita do Rio Novo -Município de Calçoene -
Retiro São Francisco

03. TIPO DE SÍTIO ARQUEOLÓGICO:
Cemitério Fechado

04. CARACTERÍSTICAS DO SÍTIO
ARQUEOLÓGICO: Poço Funerário com fossa e
câmara, lacrado com tampa de granito.

05. TRADIÇÃO: Policroma

06. FASE ARQUEOLÓGICA: Aristé

07. TIPO DE PEÇA: Urna Funerária

08. CONTEÚDO DA PEÇA: Óssos

09. COR DA PEÇA: Marron

10. ALTURA TOTAL DA PEÇA: 23,0 cm

11. DIÂMETRO MÁXIMO: 30,0 cm

12. DIÂMETRO DA BOCA: 27,0 CM

13. SEXO:

14. FORMA DA PEÇA: Esferoidal

14.1. TIPO DE LÁBIO: Arredondado

15.2. ESPESSURA DA PEÇA: 7,0 mm

15.3. BOCA: (X) CONSTRITA
() AMPLIADA

5.4. CONTORNO DA PEÇA: Composto

15.5. TIPO DE BORDA: Extrovertida

15.6. TIPO DE BASE: Convexa

15.7. TIPO DE DECORAÇÃO:

15.8. ENGOBO: Bege

15.9. TIPO DE ADORNO:

15.10. DEFORMAÇÕES:

15.11. OBSERVAÇÕES: Peça restaurada (não
existe fragmentos)

16. PERFIL CERÂMICO:

16.1. TEMPERO: Caco moído, cariapé.

16.2. TRATAM. DE SUPERF. EXTERNA:
alisado, engobo bege.

16.3. TRATAM. DE SUPERF. INTERNA:
alisado

16.4. OXIDAÇÃO: incompleta

16.5. TÉCNICA DE MANUFATURA:
acordelado

16.6. OBSERVAÇÃO:



FICHA DE ANÁLISE DE CERÂMICA ARQUEOLÓGICA

Nº DE REGISTRO DE TOMBO: 005 (Prov.)
 LIVRO Nº: FLS:
 DATA:

LOCALIZAÇÃO DA PEÇA: Reserva do Museu
 Histórico do Amapá Joaquim Caetano da Silva

01. FORMA DE AQUISIÇÃO:

DOAÇÃO () COMPRA ()
 PERMUTA () OUTROS ()
 ESCAVAÇÃO () PROSPECÇÃO (X)

01.01. DATA DA AQUISIÇÃO: 1996

01.02. NOME DO PESQUISADOR (A): Alícia
 Durán Coirolo e Edinaldo Pinheiro Nunes Filho

02. NOME DO SÍTIO: AP-CA-13: São
 Francisco

02.01. LOCALIZAÇÃO DO SÍTIO: Margem
 Direita do Rio Novo -Município de Calçoene -
 Retiro São Francisco

03. TIPO DE SÍTIO ARQUEOLÓGICO:
 Cemitério Fechado

04. CARACTERÍSTICAS DO SÍTIO
 ARQUEOLÓGICO: Poço Funerário com fossa e
 câmara, lacrado com tampa de granito.

05. TRADIÇÃO: Policroma

06. FASE ARQUEOLÓGICA: Aristé

07. TIPO DE PEÇA: Urna Funerária

08. CONTEÚDO DA PEÇA: Óssos

09. COR DA PEÇA: Marron

10. ALTURA TOTAL DA PEÇA: 14,0 cm

11. DIÂMETRO MÁXIMO: 31,5 cm

12. DIÂMETRO DA BOCA: 24,0 CM

13. SEXO:

14. FORMA DA PEÇA: Elipsoidal

14.1. TIPO DE LÁBIO: Arredondado

15.2. ESPESSURA DA PEÇA: 7,0 mm

15.3. BOCA: (X) CONSTRITA
 () AMPLIADA

15.4. CONTORNO DA PEÇA: Composto

15.5. TIPO DE BORDA: Entrovertida

15.6. TIPO DE BASE: Convexa

15.7. TIPO DE DECORAÇÃO: Pintura Vermelha
 na borda

15.8. ENGOBO: Bege

15.9. TIPO DE ADORNO: Geométrico (Alça
 c/furo)

15.10. DEFORMAÇÕES: Peça restaurada (existe
 fragmentos)

15.11. OBSERVAÇÕES: Peça restaurada (não
 existe fragmentos)

16. PERFIL CERÂMICO:

16.1. TEMPERO: Caco moído, cariapé.

16.2. TRATAM. DE SUPERF. EXTERNA:
 alisado, engobo bege e pintura vermelha na borda.

16.3. TRATAM. DE SUPERF. INTERNA: alisado

16.4. OXIDAÇÃO: incompleta

16.5. TÉCNICA DE MANUFATURA: acordelado

16.6. OBSERVAÇÃO:



FICHA DE ANÁLISE DE CERÂMICA ARQUEOLÓGICA

Nº DE REGISTRO DE TOMBO: 006 (Prov.)
 LIVRO Nº: FLS:
 DATA:

LOCALIZAÇÃO DA PEÇA: Reserva do Museu Histórico do Amapá Joaquim Caetano da Silva

01. FORMA DE AQUISIÇÃO:

DOAÇÃO () COMPRA ()
 PERMUTA () OUTROS ()
 ESCAVAÇÃO () PROSPECÇÃO (X)

01.01. DATA DA AQUISIÇÃO: 1996

01.02. NOME DO PESQUISADOR (A): Alícia Durán Coirolo e Edinaldo Pinheiro Nunes Filho

02. NOME DO SÍTIO: AP-CA-13: São Francisco

02.01. LOCALIZAÇÃO DO SÍTIO: Margem Direita do Rio Novo -Município de Calçoene - Retiro São Francisco

03. TIPO DE SÍTIO ARQUEOLÓGICO: Cemitério Fechado

04. CARACTERÍSTICAS DO SÍTIO ARQUEOLÓGICO: Poço Funerário com fossa e câmara, lacrado com tampa de granito.

05. TRADIÇÃO: Policroma

06. FASE ARQUEOLÓGICA: Aristé

07. TIPO DE PEÇA: Urna Funerária

08. CONTEÚDO DA PEÇA: Óssos

09. COR DA PEÇA: Marron

10. ALTURA TOTAL DA PEÇA: 23,5 cm

11. DIÂMETRO MÁXIMO: 42,0 cm

12. DIÂMETRO DA BOCA: 35,0 CM

13. SEXO:

14. FORMA DA PEÇA: Elipsoidal

14.1. TIPO DE LÁBIO: Arredondado

15.2. ESPESSURA DA PEÇA: 8,0 mm

15.3. BOCA: (X) CONSTRITA
 () AMPLIADA

15.4. CONTORNO DA PEÇA: Simples

15.5. TIPO DE BORDA: Introvertida

15.6. TIPO DE BASE: Convexa

15.7. TIPO DE DECORAÇÃO: Adorno e pintura Vermelha na borda.

15.8. ENGOBO: Bege

15.9. TIPO DE ADORNO: Zoomorfo (macaco)

15.10. DEFORMAÇÕES

15.11. OBSERVAÇÕES: Peça restaurada (existe fragmentos)

16. PERFIL CERÂMICO:

16.1. TEMPERO: Caco moído, cariapé.

16.2. TRATAM. DE SUPERF. EXTERNA: alisado, engobo bege e pintura vermelha na borda.

16.3. TRATAM. DE SUPERF. INTERNA: alisado

16.4. OXIDAÇÃO: incompleta

16.5. TÉCNICA DE MANUFATURA: acordelado

16.6. OBSERVAÇÃO:



FICHA DE ANÁLISE DE CERÂMICA ARQUEOLÓGICA

Nº DE REGISTRO D ETOMBO: 007 (Prov.)
LIVRO Nº: FLS:
DATA:

LOCALIZAÇÃO DA PEÇA: Reserva do Museu Histórico do Amapá Joaquim Caetano da Silva

01. FORMA DE AQUISIÇÃO:

DOAÇÃO () COMPRA ()
PERMUTA () OUTROS ()
ESCAVAÇÃO () PROSPECÇÃO (X)

01.01. DATA DA AQUISIÇÃO: 1996

01.02. NOME DO PESQUISADOR (A): Alícia Durán Coirolo e Edinaldo Pinheiro Nunes Filho

02. NOME DO SÍTIO: AP-CA-13: São Francisco

02.01. LOCALIZAÇÃO DO SÍTIO: Margem Direita do Rio Novo -Município de Calçoene - Retiro São Francisco

03. TIPO DE SÍTIO ARQUEOLÓGICO: Cemitério Fechado

04. CARACTERÍSTICAS DO SÍTIO ARQUEOLÓGICO: Poço Funerário com fossa e câmara, lacrado com tampa de granito.

05. TRADIÇÃO: Policroma

06. FASE ARQUEOLÓGICA: Aristé

07. TIPO DE PEÇA: Urna Funerária

08. CONTEÚDO DA PEÇA: Óssos

09. COR DA PEÇA: Marron

10. ALTURA TOTAL DA PEÇA: 26,0 cm

11. DIÂMETRO MÁXIMO: 41,0 cm

12. DIÂMETRO DA BOCA: 40,0 CM

13. SEXO:

14. FORMA DA PEÇA: Esferoidal

14.1. TIPO DE LÁBIO: Arredondado

15.2. ESPESSURA DA PEÇA: 7,0 mm

15.3. BOCA: (X) CONSTRITA
() AMPLIADA

15.4. CONTORNO DA PEÇA: Composto

15.5. TIPO DE BORDA: Extrovertida

15.6. TIPO DE BASE: Convexa

15.7. TIPO DE DECORAÇÃO: Incisão na borda (Linha).

15.8. ENGOBO: Bege

15.9. TIPO DE ADORNO:

15.10. DEFORMAÇÕES

15.11. OBSERVAÇÕES: Existem rachaduras na borda (Não existe fragmentos)

16. PERFIL CERÂMICO:

16.1. TEMPERO:

16.2. TRATAM. DE SUPERF. EXTERNA: alisado, engobo bege e incisão.

16.3. TRATAM. DE SUPERF. INTERNA: alisado

16.4. OXIDAÇÃO: incompleta

16.5. TÉCNICA DE MANUFATURA: Acordelado

16.6. OBSERVAÇÃO:



FICHA DE ANÁLISE DE CERÂMICA ARQUEOLÓGICA

Nº DE REGISTRO DE TOMBO: 2806 (MPEG)
LIVRO Nº: FLS:
DATA:

LOCALIZAÇÃO DA PEÇA: Reserva do Museu
Histórico do Amapá Joaquim Caetano da Silva

- Nº08 (Prov.)
01. FORMA DE AQUISIÇÃO:
- DOAÇÃO () COMPRA ()
PERMUTA () OUTROS ()
ESCAVAÇÃO () PROSPECÇÃO (X)
- 01.01. DATA DA AQUISIÇÃO: 1996
- 01.02. NOME DO PESQUISADOR (A): Alcía Durán Coirolo e Edinaldo Pinheiro Nunes Filho
02. NOME DO SÍTIO: AP-CA-13: São Francisco
- 02.01. LOCALIZAÇÃO DO SÍTIO: Margem Direita do Rio Novo -Município de Calçoene - Retiro São Francisco
03. TIPO DE SÍTIO ARQUEOLÓGICO: Cemitério Fechado
04. CARACTERÍSTICAS DO SÍTIO ARQUEOLÓGICO: Poço Funerário com fossa e câmara, lacrado com tampa de granito.
05. TRADIÇÃO: Policroma
06. FASE ARQUEOLÓGICA: Aristé
07. TIPO DE PEÇA: Urna Funerária
08. CONTEÚDO DA PEÇA: Óssos
09. COR DA PEÇA: Marron
10. ALTURA TOTAL DA PEÇA: 31,5 cm
11. DIÂMETRO MÁXIMO: 38,0 cm
12. DIÂMETRO DA BOCA: 30,0 cm
13. DIÂMETRO DA BASE: 14,0 cm
- 14. FORMA DA PEÇA:** Esferoidal
- 14.1. TIPO DE LÁBIO: Plano
- 15.2. ESPESSURA DA PEÇA: 6,0-8,0 mm
- 15.3. BOCA: (X) CONSTRITA
() AMPLIADA

- 15.4. CONTORNO DA PEÇA: Composto
- 15.5. TIPO DE BORDA: Extrovertida
- 15.6. TIPO DE BASE: Plana
- 15.7. TIPO DE DECORAÇÃO: Pintura Vermelha e Apliques (asas no bojo-altura 8,6 cm)
- 15.8. ENGOBO: Bege
- 15.9. TIPO DE ADORNO:
- 15.10. DEFORMAÇÕES
- 15.11. OBSERVAÇÕES: Peça fragmentada

16. PERFIL CERÂMICO:

- 16.1. TEMPERO:
- 16.2. TRATAM. DE SUPERF. EXTERNA: alisado com pintura vermelha.
- 16.3. TRATAM. DE SUPERF. INTERNA: alisado
- 16.4. OXIDAÇÃO: Completa
- 16.5. TÉCNICA DE MANUFATURA: Acordelado/alisado.
- 16.6. OBSERVAÇÃO: O vasilhame possui 02 orifícios feitos propositalmente; sendo: um na base (2,0 cm X 3,0 cm) e outro do lado da parede (4,0 cm de diâmetro).



FICHA DE ANÁLISE DE CERÂMICA ARQUEOLÓGICA

Nº DE REGISTRO DE TOMBO: 2805 (MPEG)
LIVRO Nº: FLS:
DATA:

LOCALIZAÇÃO DA PEÇA: Reserva do Museu Histórico do Amapá Joaquim Caetano da Silva

Nº09 (Prov.)

01. FORMA DE AQUISIÇÃO:

DOAÇÃO () COMPRA ()
PERMUTA () OUTROS ()
ESCAVAÇÃO () PROSPECÇÃO (X)

01.01. DATA DA AQUISIÇÃO: 1996

01.02. NOME DO PESQUISADOR (A): Alcía Durán Coirolo e Edinaldo Pinheiro Nunes Filho

02. NOME DO SÍTIO: AP-CA-13: São Francisco

02.01. LOCALIZAÇÃO DO SÍTIO: Margem Direita do Rio Novo -Município de Calçoene - Retiro São Francisco

03. TIPO DE SÍTIO ARQUEOLÓGICO: Cemitério Fechado

04. CARACTERÍSTICAS DO SÍTIO ARQUEOLÓGICO: Poço Funerário com fossa e câmara, lacrado com tampa de granito.

05. TRADIÇÃO: Policroma

06. FASE ARQUEOLÓGICA: Aristé

07. TIPO DE PEÇA: Urna Funerária (?)

08. CONTEÚDO DA PEÇA: (?)

09. COR DA PEÇA: Marron

10. ALTURA TOTAL DA PEÇA: 21,0 cm
C/Alça – 24,5 cm

11. DIÂMETRO MÁXIMO: 46,0 cm

12. DIÂMETRO DA BOCA: 32,0 X 25,0 cm

13. DIÂMETRO DA BASE: 29,0 X 18,0 cm

14. FORMA DA PEÇA: Elipsoidal

14.1. TIPO DE LÁBIO: Plano

15.2. ESPESSURA DA PEÇA: 0,7-1,3 cm

15.3. BOCA: (X) CONSTRITA
() AMPLIADA

15.4. CONTORNO DA PEÇA: Composto

15.5. TIPO DE BORDA: Introvertida

15.6. TIPO DE BASE: Plana

15.7. TIPO DE DECORAÇÃO: Pintura Vermelha e Apliques (asas zoomorfas no bojo)

15.8. ENGOBO: Bege

15.9. TIPO DE ADORNO: Aplique zoomorfo

15.10. DEFORMAÇÕES:

15.11. OBSERVAÇÕES: Peça sem um dos apliques (Asas)

16. PERFIL CERÂMICO:

16.1. TEMPERO: Cariapé, areia e caco moído.

16.2. TRATAM. DE SUPERF. EXTERNA: alisado com pintura vermelha na borda.

16.3. TRATAM. DE SUPERF. INTERNA: alisado

16.4. OXIDAÇÃO: Completa

16.5. TÉCNICA DE MANUFATURA: Acordelado/alisado.

16.6. OBSERVAÇÃO:



FICHA DE ANÁLISE DE CERÂMICA ARQUEOLÓGICA

Nº DE REGISTRO DE TOMBO: 2833 (MPEG)
LIVRO Nº: FLS:
DATA:

LOCALIZAÇÃO DA PEÇA: Reserva do Museu Histórico do Amapá Joaquim Caetano da Silva

Nº 10 (Prov.)
01. FORMA DE AQUISIÇÃO:

DOAÇÃO () COMPRA ()
PERMUTA () OUTROS ()
ESCAVAÇÃO () PROSPECÇÃO (X)

01.01. DATA DA AQUISIÇÃO: 1996

01.02. NOME DO PESQUISADOR (A): Alícia Durán Coirolo e Edinaldo Pinheiro Nunes Filho

02. NOME DO SÍTIO: AP-CA-13: São Francisco

02.01. LOCALIZAÇÃO DO SÍTIO: Margem Direita do Rio Novo -Município de Calçoene - Retiro São Francisco

03. TIPO DE SÍTIO ARQUEOLÓGICO: Cemitério Fechado

04. CARACTERÍSTICAS DO SÍTIO ARQUEOLÓGICO: Poço Funerário com fossa e câmara, lacrado com tampa de granito.

05. TRADIÇÃO: Policroma

06. FASE ARQUEOLÓGICA: Aristé

07. TIPO DE PEÇA: Urna Funerária (?)

08. CONTEÚDO DA PEÇA: (?)

09. COR DA PEÇA: Marron

10. ALTURA TOTAL DA PEÇA: 17,5 cm X 19,0 cm

11. DIÂMETRO MÁXIMO: 28,0 cm

12. DIÂMETRO DA BOCA: 17,0 cm

13. DIÂMETRO DA BASE: 11,0 cm

14. FORMA DA PEÇA: Esferoidal

14.1. TIPO DE LÁBIO: Plano

15.2. ESPESSURA DA PEÇA: 0,6 cm

15.3. BOCA: (X) CONSTRITA
() AMPLIADA

15.4. CONTORNO DA PEÇA: Composto

15.5. TIPO DE BORDA: Direta

15.6. TIPO DE BASE: Plana

15.7. TIPO DE DECORAÇÃO: Pintura Vermelha borda e bojo.

15.8. ENGOBO: Bege

15.9. TIPO DE ADORNO:

15.10. DEFORMAÇÕES:

15.11. OBSERVAÇÕES: Peça fragmentada e restaurada na base, bojo e borda.

16. PERFIL CERÂMICO:

16.1. TEMPERO: Areia.

16.2. TRATAM. DE SUPERF. EXTERNA: alisado com pintura vermelha na borda.

16.3. TRATAM. DE SUPERF. INTERNA: alisado

16.4. OXIDAÇÃO: Completa

16.5. TÉCNICA DE MANUFATURA: Acordelado/alisado.

16.6. OBSERVAÇÃO: Peça restaurada.



**FICHAS DE ANÁLISE DAS PEÇAS
CERÂMICAS
AP-AR-01
POÇO FUNERÁRIO
RETIRO DO BIDÚ**

FICHA DE ANÁLISE DE CERÂMICA FUNERÁRIA

Nº DA PEÇA: 01



01. FORMA DE AQUISIÇÃO:

DOAÇÃO () COMPRA ()
 PERMUTA () OUTROS ()
 ESCAVAÇÃO () PROSPECÇÃO (X)

01.01. DATA DA AQUISIÇÃO: 1998

01.02. NOME DO PESQUISADOR(A): Brasilina Queiroz e Adervan Dias Lacerda

02. NOME DO SÍTIO: AP-AR-01: Retiro do Bidú

02.1. LOCALIZAÇÃO DO SÍTIO: Margem Esquerda do Rio Cupixi - Município de Porto Grande

03. TIPO DE SÍTIO ARQUEOLÓGICO: Cemitério Fechado

04. CARACTERÍSTICAS DO SÍTIO ARQUEOLÓGICO: Túmulo Subterrâneo com Câmara sem Tampa.

05. TRADIÇÃO: Policroma

06. FASE ARQUEOLÓGICA: Mazagão

07. TIPO DE URNA: Antropomorfa

08. FORMA DA URNA: Cilíndrica (Representando um ser humano sentado)

09. CONTEÚDO DA URNA: Óssos

10. COR DA URNA: Vermelha

11. ALTURA TOTAL DA URNA: 63,0 cm

12. DIÂMETRO MÁXIMO: 27,0 cm

13. COMPRIMENTO DA PEÇA C/ EXTENSÃO DAS PERNAS: 46,0 cm

14. DIÂMETRO DA BOCA: 18,0 cm

15. SEXO: Masculino

15. FORMA DA TAMPA: Arredondada

15.1. ALTURA MÁXIMA: 16,0 cm

15.2. DIÂMETRO MÁXIMO: 19,0 cm

15.3. ESPESSURA DA TAMPA: 9-10 mm

15.4. DECORAÇÃO: Engobo branco c/ linhas finas de cor vermelha formando desenhos geométricos e pintura de cor preta contornando as orelhas, nariz.

15.5. DEFORMAÇÕES: Queixo proeminente

15.6. TIPO DE ADORNO: Antropomorfo (Representação da cabeça humana)

LOCALIZAÇÃO DA URNA: Reserva Técnica do Museu Histórico do Amapá Joaquim C. da Silva

15.7. OBSERVAÇÕES: Hum orifício no topo com 4,0 mm e seis orifícios pequenos na base p/prender a tampa no corpo.

16. CORPO: Cilíndrico

16.1. DECORAÇÃO: Linhas finas e grossas de cor preta formando desenhos geométricos, apliques (representando braços, mãos, umbigo, mamilos, pernas, pés c/dedos, coluna vertebral, órgão sexual)

16.2. ENGOBO: Branco

16.3. BORDA: Direta

16.4. LÁBIO: Apontado

16.5. POSIÇÃO DAS PERNAS: Flexionada à 90°

16.6. POSIÇÃO DO BRAÇO: Sobre o abdome

16.7. ESPESSURA: 10,0 mm

16.8. DEFORMAÇÕES: Nas pernas c/ panturrilha deformada.

16.9. OBSERVAÇÕES: Seis orifícios pequenos na borda p/prender a tampa.

17. BANCO: Retangular

17.1. COMPRIMENTO: 30,0 cm

17.2. LARGURA: 16,0 cm

17.3. ALTURA: 8,0 cm

17.4. TIPO DE ADORNO:

17.5. DECORAÇÃO: Cavidade em forma de lua na frente e atrás do banco

18. PERFIL CERÂMICO:

18.1. ADITIVO: Cariapé, mica, areia e seixo (2,0-9,0 mm)

18.2. TRATAM. DE SUPERF. EXTERNA: Alisado c/ engobo, pintura

18.3. TRATAM. DE SUPERF. INTERNA: Alisado

18.4. OXIDAÇÃO: Incompleta

18.5. TÉCNICA DE MANUFATURA: Acordelado

18.6. OBSERVAÇÃO:

19. OBSERVAÇÕES GERAIS: A peça foi restaurada.

FICHA DE ANÁLISE DE CERÂMICA FUNERÁRIA

Nº DA PEÇA: 02



LOCALIZAÇÃO DA URNA: Reserva Técnica do Museu Histórico do Amapá Joaquim C. da Silva

01. FORMA DE AQUISIÇÃO:

DOAÇÃO () COMPRA ()
PERMUTA () OUTROS ()
ESCAVAÇÃO () PROSPECÇÃO (X)

01.01. DATA DA AQUISIÇÃO: 1998

01.02. NOME DO PESQUISADOR(A): Brasilina Queiroz e Adervan Dias Lacerda

02. NOME DO SÍTIO: AP-AR-01: Retiro do Bidú

02.1.LOCALIZAÇÃO DO SÍTIO: Margem Esquerda do Rio Cupixi - Município de Porto Grande

03. TIPO DE SÍTIO ARQUEOLÓGICO: Cemitério Fechado

04. CARACTERÍSTICAS DO SÍTIO ARQUEOLÓGICO: Túmulo Subterrâneo com Câmara sem Tampa.

05. TRADIÇÃO: Policroma

06. FASE ARQUEOLÓGICA: Mazagão

07. TIPO DE URNA: Antropomorfa

08. FORMA DA URNA: Cilíndrica (Representando um ser humano sentado)

09. CONTEÚDO DA URNA: Óssos

10. COR DA URNA: Vermelha

11. ALTURA TOTAL DA URNA: 45,0 cm

12. DIÂMETRO MÁXIMO: 44,0 cm
MÍNIMO: 26,0 cm

13. COMPRIMENTO DA PEÇA C/ EXTENSÃO DAS PERNAS: 46,0 cm

14. DIÂMETRO DA BOCA: 17,0 cm

15. SEXO: Feminino

15. FORMA DA TAMPA:

15.1. ALTURA MÁXIMA:

15.2. DIÂMETRO MÁXIMO:

15.3. ESPESSURA DA TAMPA:

15.4. DECORAÇÃO:

15.5. DEFORMAÇÕES:

15.6.TIPO DE ADORNO:

15.7. OBSERVAÇÕES:

16. CORPO: Cilíndrico

16.1. DECORAÇÃO: Linhas finas e grossas de cor preta formando desenhos geométricos, apliques (representando braços, mãos, umbigo, mamilos, pernas, pés c/dedos, coluna vertebral, órgão sexual)

16.2. ENGOBO: Branco

16.3. BORDA: Direta

16.4. LÁBIO: Apontado

16.5. POSIÇÃO DAS PERNAS: Flexionada à 80°

16.6. POSIÇÃO DO BRAÇO: Sobre o abdome

16.7. ESPESSURA: 8,0 - 9,0 mm

16.8. DEFORMAÇÕES: Nas pernas c/ panturrilha deformada.

16.9. OBSERVAÇÕES: cinco orifícios pequenos na borda p/prender a tampa.

17. BANCO: Retangular

17.1.COMPRIMENTO: 25,0 cm

17.2. LARGURA: 12,0 cm

17.3. ALTURA: 5,0 cm

17.4. TIPO DE ADORNO:

17.5.DECORAÇÃO:

18. PERFIL CERÂMICO:

18.1. ADITIVO: Cariapé, mica e areia

18.2. TRATAM. DE SUPERF. EXTERNA: Alisado c/ engobo, pintura

18.3. TRATAM. DE SUPERF. INTERNA: Alisado

18.4. OXIDAÇÃO: Completa

18.5. TÉCNICA DE MANUFATURA: Acordelado

18.6. OBSERVAÇÃO:

19. OBSERVAÇÕES GERAIS: A peça está fragmentada.

FICHA DE ANÁLISE DE CERÂMICA FUNERÁRIA

Nº DA PEÇA: 03

**01. FORMA DE AQUISIÇÃO:**

DOAÇÃO () COMPRA ()
 PERMUTA () OUTROS ()
 ESCAVAÇÃO () PROSPECÇÃO (X)

01.01. DATA DA AQUISIÇÃO: 1998

01.02. NOME DO PESQUISADOR(A): Brasilina Queiroz e Adervan Dias Lacerda

02. NOME DO SÍTIO: AP-AR-01: Retiro do Bidú

02.1.LOCALIZAÇÃO DO SÍTIO: Margem Esquerda do Rio Cupixi - Município de Porto Grande

03. TIPO DE SÍTIO ARQUEOLÓGICO: Cemitério Fechado

04. CARACTERÍSTICAS DO SÍTIO ARQUEOLÓGICO: Túmulo Subterrâneo com Câmara sem Tampa.

05. TRADIÇÃO: Policroma

06. FASE ARQUEOLÓGICA: Mazagão

07. TIPO DE URNA: Antropomorfa

08. FORMA DA URNA: Cilíndrica (Representando um ser humano sentado)

09. CONTEÚDO DA URNA: Óssos

10. COR DA URNA: Marron

11. ALTURA TOTAL DA URNA: 51,0 cm

12. DIÂMETRO MÁXIMO: 36,0 cm
MÍNIMO: 29,0 cm

13. COMPRIMENTO DA PEÇA C/ EXTENSÃO DAS PERNAS: 32,0 cm

14. DIÂMETRO DA BOCA: 15,0 cm

15. SEXO: Masculino

15. FORMA DA TAMPA:

15.1. ALTURA MÁXIMA:

15.2. DIÂMETRO MÁXIMO:

15.3. ESPESSURA DA TAMPA:

15.4. DECORAÇÃO:

15.5. DEFORMAÇÕES:

15.6. TIPO DE ADORNO:

15.7. OBSERVAÇÕES:

16. CORPO: Cilíndrico

LOCALIZAÇÃO DA URNA: Reserva Técnica do Museu Histórico do Amapá Joaquim C. da Silva

16.1. DECORAÇÃO: Linhas finas e grossas de cor preta formando desenhos geométricos, apliques (representando braços, mãos, umbigo, mamilos, pernas, pés c/dedos, coluna vertebral, órgão sexual)

16.2. ENGOBO: Branco

16.3. BORDA: Direta

16.4. LÁBIO: Arredondado

16.5. POSIÇÃO DAS PERNAS: Flexionada à 90°

16.6. POSIÇÃO DO BRAÇO: Sobre o abdome

16.7. ESPESSURA: 8,0 - 9,0 mm

16.8. DEFORMAÇÕES: Nas pernas c/ panturrilha deformada.

16.9. OBSERVAÇÕES: Existem na borda dois orifícios pequenos p/ prender a tampa.

17. BANCO: Retangular

17.1. COMPRIMENTO: 29,0 cm

17.2. LARGURA: 15,0 cm

17.3. ALTURA: 9,5 cm

17.4. TIPO DE ADORNO: Zoomorfo (cobra)-possíveis emblemas clânicos (figura simbólica que identifica um conjunto de famílias que possuem ancestrais comuns)

17.5. DECORAÇÃO: Aplicada (apliques)

18. PERFIL CERÂMICO:

18.1. ADITIVO: Cariapé, mica e areia

18.2. TRATAM. DE SUPERF. EXTERNA: Alisado c/ engobo, pintura

18.3. TRATAM. DE SUPERF. INTERNA: Alisado

18.4. OXIDAÇÃO: Incompleta

18.5. TÉCNICA DE MANUFATURA: Acordelado

18.6. OBSERVAÇÃO:

19. OBSERVAÇÕES GERAIS: A peça está fragmentada.

FICHA DE ANÁLISE DE CERÂMICA FUNERÁRIA

Nº DA PEÇA: 04



01. FORMA DE AQUISIÇÃO:

DOAÇÃO () COMPRA ()
 PERMUTA () OUTROS ()
 ESCAVAÇÃO () PROSPECÇÃO (X)

01.01. DATA DA AQUISIÇÃO: 1998

01.02. NOME DO PESQUISADOR(A): Brasilina Queiroz e Adervan Dias Lacerda

02. NOME DO SÍTIO: AP-AR-01: Retiro do Bidú

02.1.LOCALIZAÇÃO DO SÍTIO: Margem Esquerda do Rio Cupixi - Município de Porto Grande

03. TIPO DE SÍTIO ARQUEOLÓGICO: Cemitério Fechado

04. CARACTERÍSTICAS DO SÍTIO ARQUEOLÓGICO: Túmulo Subterrâneo com Câmara sem Tampa.

05. TRADIÇÃO: Policroma

06. FASE ARQUEOLÓGICA: Mazagão

07. TIPO DE URNA: Antropomorfa

08. FORMA DA URNA: Cilíndrica (Representando um ser humano sentado)

09. CONTEÚDO DA URNA: Óssos

10. COR DA URNA: Vermelha

11. ALTURA TOTAL DA URNA: 46,0 cm

12. DIÂMETRO MÁXIMO: 23,5 cm
 MÍNIMO: 20,0 cm

13. COMPRIMENTO DA PEÇA C/ EXTENSÃO DAS PERNAS: 37,0 cm

14. DIÂMETRO DA BOCA: 17,0 - 16,0 cm

15. SEXO: Feminino

15. FORMA DA TAMPA:

15.1. ALTURA MÁXIMA:

15.2. DIÂMETRO MÁXIMO:

15.3. ESPESSURA DA TAMPA:

15.4. DECORAÇÃO:

15.5. DEFORMAÇÕES:

15.6.TIPO DE ADORNO:

15.7. OBSERVAÇÕES:

LOCALIZAÇÃO DA URNA: Reserva Técnica do Museu Histórico do Amapá Joaquim C. da Silva

16. CORPO: Cilíndrico

16.1. DECORAÇÃO: Linhas finas e grossas de cor preta formando desenhos geométricos, apliques (representando braços, mãos, umbigo, mamilos, pernas, pés c/dedos, coluna vertebral, órgão sexual)

16.2. ENGOBO: Branco

16.3. BORDA: Não têm

16.4. LÁBIO: Não têm

16.5. POSIÇÃO DAS PERNAS: Flexionada à 80°

16.6. POSIÇÃO DO BRAÇO: Sobre o abdome

16.7. ESPESSURA: 10,0 mm

16.8. DEFORMAÇÕES: Nas pernas c/ panturrilha deformada.

16.9. OBSERVAÇÕES: O corpo não têm borda.

17. BANCO: Retangular

17.1.COMPRIMENTO: 27,0 cm

17.2. LARGURA: 10,0 cm

17.3. ALTURA: 6,0 cm

17.4. TIPO DE ADORNO:

17.5.DECORAÇÃO:

18. PERFIL CERÂMICO:

18.1. ADITIVO: Cariapé, areia

18.2. TRATAM. DE SUPERF. EXTERNA: Alisado c/ engobo, pintura

18.3. TRATAM. DE SUPERF. INTERNA: Alisado

18.4. OXIDAÇÃO: Completa

18.5. TÉCNICA DE MANUFATURA: Acordelado

18.6. OBSERVAÇÃO:

19. OBSERVAÇÕES GERAIS: A peça está fragmentada.

FICHA DE ANÁLISE DE CERÂMICA FUNERÁRIA

Nº DA PEÇA: 05



LOCALIZAÇÃO DA URNA: Reserva Técnica do Museu Histórico do Amapá Joaquim C. da Silva

01. FORMA DE AQUISIÇÃO:

DOAÇÃO () COMPRA ()
 PERMUTA () OUTROS ()
 ESCAVAÇÃO () PROSPECÇÃO (X)

01.01. DATA DA AQUISIÇÃO: 1998

01.02. NOME DO PESQUISADOR(A): Brasilina Queiroz e Adervan Dias Lacerda

02. NOME DO SÍTIO: AP-AR-01: Retiro do Bidú

02.1. LOCALIZAÇÃO DO SÍTIO: Margem Esquerda do Rio Cupixi - Município de Porto Grande

03. TIPO DE SÍTIO ARQUEOLÓGICO: Cemitério Fechado

04. CARACTERÍSTICAS DO SÍTIO ARQUEOLÓGICO: Túmulo Subterrâneo com Câmara sem Tampa.

05. TRADIÇÃO: Policroma

06. FASE ARQUEOLÓGICA: Mazagão

07. TIPO DE URNA: Antropomorfa

08. FORMA DA URNA: Cilíndrica (Representando um ser humano sentado)

09. CONTEÚDO DA URNA: Óssos

10. COR DA URNA: Vermelha

11. ALTURA TOTAL DA URNA: 46,0 cm

12. DIÂMETRO MÁXIMO: 43,0 cm
 MÍNIMO: 30,0 cm

13. COMPRIMENTO DA PEÇA C/ EXTENSÃO DAS PERNAS: 41,0 cm

14. DIÂMETRO DA BOCA: 18,0 - 17,0 cm

15. SEXO: Masculino

15. FORMA DA TAMPA:

15.1. ALTURA MÁXIMA:

15.2. DIÂMETRO MÁXIMO:

15.3. ESPESSURA DA TAMPA:

15.4. DECORAÇÃO:

15.5. DEFORMAÇÕES:

15.6. TIPO DE ADORNO:

15.7. OBSERVAÇÕES:

16. CORPO: Cilíndrico

16.1. DECORAÇÃO: Linhas finas e grossas de cor preta formando desenhos geométricos, apliques (representando braços, mãos, umbigo, mamilos, pernas, pés c/dedos, coluna vertebral, órgão sexual)

16.2. ENGOBO: Branco

16.3. BORDA: Direta

16.4. LÁBIO: Plano

16.5. POSIÇÃO DAS PERNAS: Flexionada à 90°

16.6. POSIÇÃO DO BRAÇO: Sobre o abdome

16.7. ESPESSURA: 8,0 mm

16.8. DEFORMAÇÕES: Nas pernas c/ panturrilha deformada.

16.9. OBSERVAÇÕES: Borda Fragmentada

17. BANCO: Retangular

17.1. COMPRIMENTO: 25,0 cm

17.2. LARGURA: 12,0 cm

17.3. ALTURA: 8,0 cm

17.4. TIPO DE ADORNO:

17.5. DECORAÇÃO:

18. PERFIL CERÂMICO:

18.1. ADITIVO: Cariapé, areia, mica

18.2. TRATAM. DE SUPERF. EXTERNA: Alisado c/ engobo, pintura

18.3. TRATAM. DE SUPERF. INTERNA: Alisado

18.4. OXIDAÇÃO: Incompleta

18.5. TÉCNICA DE MANUFATURA: Acordelado

18.6. OBSERVAÇÃO:

19. OBSERVAÇÕES GERAIS: A peça está fragmentada.

FICHA DE ANÁLISE DE CERÂMICA FUNERÁRIA

Nº DA PEÇA: 06



01. FORMA DE AQUISIÇÃO:
DOAÇÃO () COMPRA ()
PERMUTA () OUTROS ()
ESCAVAÇÃO () PROSPECÇÃO (X)

01.01. DATA DA AQUISIÇÃO: 1998

01.02. NOME DO PESQUISADOR(A): Brasilina Queiroz e Adervan Dias Lacerda

02. NOME DO SÍTIO: AP-AR-01: Retiro do Bidú

02.1.LOCALIZAÇÃO DO SÍTIO: Margem Esquerda do Rio Cupixi - Município de Porto Grande

03. TIPO DE SÍTIO ARQUEOLÓGICO: Cemitério Fechado

04. CARACTERÍSTICAS DO SÍTIO ARQUEOLÓGICO: Túmulo Subterrâneo com Câmara sem Tampa.

05. TRADIÇÃO: Policroma

06. FASE ARQUEOLÓGICA: Mazagão

07. TIPO DE URNA: Antropomorfa

08. FORMA DA URNA: Cilíndrica (Representando um ser humano sentado)

09. CONTEÚDO DA URNA: Óssos

10. COR DA URNA: Vermelha

11. ALTURA TOTAL DA URNA: 39,0 cm

12. DIÂMETRO MÁXIMO: 27,0 cm
DIÂMETRO MÍNIMO: 25,0 cm

13. COMPRIMENTO DA PEÇA C/ EXTENSÃO DAS PERNAS: 42,0 cm

14. DIÂMETRO DA BOCA: Não Têm

15. SEXO: Indefinido

15. FORMA DA TAMPA: Não Têm

15.1. ALTURA MÁXIMA:

15.2. DIÂMETRO MÁXIMO:

15.3. ESPESSURA DA TAMPA:

15.4. DECORAÇÃO:

15.5. DEFORMAÇÕES:

LOCALIZAÇÃO DA URNA: Reserva Técnica do Museu Histórico do Amapá Joaquim C. da Silva

15.6.TIPO DE ADORNO:

15.7. OBSERVAÇÕES:

16. CORPO: Cilíndrico

16.1. DECORAÇÃO: apliques (representando braços, mãos, umbigo, mamilos, pernas,, coluna vertebral)

16.2. ENGOBO: Branco

16.3. BORDA: Não Têm

16.4. LÁBIO: Não Têm

16.5. POSIÇÃO DAS PERNAS: Flexionada à 90°

16.6. POSIÇÃO DO BRAÇO: Sobre o abdome

16.7. ESPESSURA: 9,0-10,0 mm

16.8. DEFORMAÇÕES: Nas pernas c/ panturrilha deformada.

16.9. OBSERVAÇÕES: Corpo parcialmente fragmentado

17. BANCO: Não Têm

17.1.COMPRIMENTO:

17.2. LARGURA:

17.3. ALTURA:

17.4. TIPO DE ADORNO:

17.5.DECORAÇÃO:

18. PERFIL CERÂMICO:

18.1. ADITIVO: Cariapé, mica, areia, seixo(2,0-9,0 mm)

18.2. TRATAM. DE SUPERF. EXTERNA: Alisado c/ engobo

18.3. TRATAM. DE SUPERF. INTERNA: Alisado

18.4. OXIDAÇÃO: Incompleta

18.5. TÉCNICA DE MANUFATURA: Acordelado

18.6. OBSERVAÇÃO:

19. OBSERVAÇÕES GERAIS: A peça está fragmentada, faltando banco.

FICHA DE ANÁLISE DE CERÂMICA FUNERÁRIA

Nº DA PEÇA: 07



LOCALIZAÇÃO DA URNA: Reserva Técnica do Museu Histórico do Amapá Joaquim C. da Silva

01. FORMA DE AQUISIÇÃO:

DOAÇÃO () COMPRA ()

PERMUTA () OUTROS ()

ESCAVAÇÃO () PROSPECÇÃO (X)

01.01. DATA DA AQUISIÇÃO: 1998

01.02. NOME DO PESQUISADOR(A): Brasilina Queiroz e Adervan Dias Lacerda

02. NOME DO SÍTIO: AP-AR-01: Retiro do Bidú

02.1.LOCALIZAÇÃO DO SÍTIO: Margem Esquerda do Rio Cupixi - Município de Porto Grande

03. TIPO DE SÍTIO ARQUEOLÓGICO: Cemitério Fechado

04. CARACTERÍSTICAS DO SÍTIO ARQUEOLÓGICO: Túmulo Subterrâneo com Câmara sem Tampa.

05. TRADIÇÃO: Policroma

06. FASE ARQUEOLÓGICA: Mazagão

07. TIPO DE URNA: Antropomorfa

08. FORMA DA URNA: Cilíndrica (Representando um ser humano sentado)

09. CONTEÚDO DA URNA: Óssos

10. COR DA URNA: Vermelha

11. ALTURA TOTAL DA URNA: 47,5 cm

12. DIÂMETRO MÁXIMO: 28,5 cm

DIÂMETRO MÍNIMO: 26,0 cm

13. COMPRIMENTO DA PEÇA C/ EXTENSÃO DAS PERNAS: Não Têm

14. DIÂMETRO DA BOCA: Não Têm

15. SEXO: Masculino

15. FORMA DA TAMPA: Não Têm

15.1. ALTURA MÁXIMA:

15.2. DIÂMETRO MÁXIMO:

15.3. ESPESSURA DA TAMPA:

15.4. DECORAÇÃO:

15.5. DEFORMAÇÕES:

15.6.TIPO DE ADORNO:

15.7. OBSERVAÇÕES:

16. CORPO: Cilíndrico

16.1. DECORAÇÃO: Linhas finas e grossas de cor preta formando desenhos geométricos, apliques (representando braços, mãos, umbigo, mamilos, coluna vertebral, órgão sexual)

16.2. ENGOBO: Branco

16.3. BORDA: Direta

16.4. LÁBIO: Arredondado

16.5. POSIÇÃO DAS PERNAS: Não Têm

16.6. POSIÇÃO DO BRAÇO: Sobre o abdome

16.7. ESPESSURA: 10,0 mm

16.8. DEFORMAÇÕES:

16.9. OBSERVAÇÕES: Corpo parcialmente fragmentado

17. BANCO: Retangular

17.1.COMPRIMENTO: 30,0 cm

17.2. LARGURA: 16,0 cm

17.3. ALTURA: 5,0 cm

17.4. TIPO DE ADORNO:

17.5.DECORAÇÃO: Duas cavidades circulares, uma em cada perna do banco.

18. PERFIL CERÂMICO:

18.1. ADITIVO: Cariapé, mica, areia, seixo(2,0-5,0 mm)

18.2. TRATAM. DE SUPERF. EXTERNA: Alisado, engobo e pintura

18.3. TRATAM. DE SUPERF. INTERNA: Alisado

18.4. OXIDAÇÃO: Incompleta

18.5. TÉCNICA DE MANUFATURA: Acordelado

18.6. OBSERVAÇÃO:

19. OBSERVAÇÕES GERAIS: A peça está fragmentada, faltando pernas.

FICHA DE ANÁLISE DE CERÂMICA FUNERÁRIA

Nº DA PEÇA: 08



LOCALIZAÇÃO DA URNA: Reserva Técnica do Museu Histórico do Amapá Joaquim C. da Silva

01. FORMA DE AQUISIÇÃO:

DOAÇÃO () COMPRA ()
PERMUTA () OUTROS ()
ESCAVAÇÃO () PROSPECÇÃO (X)

01.01. DATA DA AQUISIÇÃO: 1998

01.02. NOME DO PESQUISADOR(A): Brasilina Queiroz e Adervan Dias Lacerda

02. NOME DO SÍTIO: AP-AR-01: Retiro do Bidú

02.1.LOCALIZAÇÃO DO SÍTIO: Margem Esquerda do Rio Cupixi - Município de Porto Grande

03. TIPO DE SÍTIO ARQUEOLÓGICO: Cemitério Fechado

04. CARACTERÍSTICAS DO SÍTIO ARQUEOLÓGICO: Túmulo Subterrâneo com Câmara sem Tampa.

05. TRADIÇÃO: Policroma

06. FASE ARQUEOLÓGICA: Mazagão

07. TIPO DE URNA: Antropomorfa

08. FORMA DA URNA: Cilíndrica (Representando um ser humano sentado)

09. CONTEÚDO DA URNA: Óssos

10. COR DA URNA: Vermelha

11. ALTURA TOTAL DA URNA:

12. DIÂMETRO MÁXIMO:
DIÂMETRO MÍNIMO:

13. COMPRIMENTO DA PEÇA C/ EXTENSÃO DAS PERNAS:

14. DIÂMETRO DA BOCA:

15. SEXO:

15. FORMA DA TAMPA: Não Têm

15.1. ALTURA MÁXIMA:

15.2. DIÂMETRO MÁXIMO:

15.3. ESPESSURA DA TAMPA:

15.4. DECORAÇÃO:

15.5. DEFORMAÇÕES:

15.6.TIPO DE ADORNO:

15.7. OBSERVAÇÕES:

16. CORPO: Cilíndrico

16.1. DECORAÇÃO:

16.2. ENGOBO: Branco

16.3. BORDA:

16.4. LÁBIO:

16.5. POSIÇÃO DAS PERNAS: Não Têm

16.6. POSIÇÃO DO BRAÇO:

16.7. ESPESSURA: 10,0 mm

16.8. DEFORMAÇÕES:

16.9. OBSERVAÇÕES: Corpo muito fragmentado, existindo somente parte do bojo.

17. BANCO: Retangular

17.1.COMPRIMENTO: 32,0 cm

17.2. LARGURA: 15,0 cm

17.3. ALTURA: 8,0 cm

17.4. TIPO DE ADORNO:

17.5.DECORAÇÃO: Duas incisões em forma de cruz, uma em cada perna do banco.

18. PERFIL CERÂMICO:

18.1. ADITIVO: Cariapé, areia, seixo(2,0-5,0 mm)

18.2. TRATAM. DE SUPERF. EXTERNA: Alisado, engobo

18.3. TRATAM. DE SUPERF. INTERNA: Alisado

18.4. OXIDAÇÃO: Incompleta

18.5. TÉCNICA DE MANUFATURA: Acordelado

18.6. OBSERVAÇÃO:

19. OBSERVAÇÕES GERAIS: A peça está fragmentada, faltando: parte do corpo e pernas.

FICHA DE ANÁLISE DE CERÂMICA FUNERÁRIA

Nº DA PEÇA: 09



LOCALIZAÇÃO DA URNA: Reserva Técnica do Museu Histórico do Amapá Joaquim C. da Silva

01. FORMA DE AQUISIÇÃO:

DOAÇÃO () COMPRA ()

PERMUTA () OUTROS ()

ESCAVAÇÃO () PROSPECÇÃO (X)

01.01. DATA DA AQUISIÇÃO: 1998

01.02. NOME DO PESQUISADOR(A): Brasilina Queiroz e Adervan Dias Lacerda

02. NOME DO SÍTIO: AP-AR-01: Retiro do Bidú

02.1. LOCALIZAÇÃO DO SÍTIO: Margem Esquerda do Rio Cupixi - Município de Porto Grande

03. TIPO DE SÍTIO ARQUEOLÓGICO: Cemitério Fechado

04. CARACTERÍSTICAS DO SÍTIO ARQUEOLÓGICO: Túmulo Subterrâneo com Câmara sem Tampa.

05. TRADIÇÃO: Policroma

06. FASE ARQUEOLÓGICA: Mazagão

07. TIPO DE URNA: Antropomorfa

08. FORMA DA URNA: Cilíndrica (Representando um ser humano sentado)

09. CONTEÚDO DA URNA: Óssos

10. COR DA URNA: Vermelha

11. ALTURA TOTAL DA URNA: 36,0 cm

12. DIÂMETRO MÁXIMO: 20,5 cm
MÍNIMO: 19,0 cm

13. COMPRIMENTO DA PEÇA C/ EXTENSÃO DAS PERNAS: 34,0 cm

14. DIÂMETRO DA BOCA: 13,0 cm

15. SEXO: Feminino

15. FORMA DA TAMPA:

15.1. ALTURA MÁXIMA:

15.2. DIÂMETRO MÁXIMO:

15.3. ESPESSURA DA TAMPA:

15.4. DECORAÇÃO:

15.5. DEFORMAÇÕES:

15.6. TIPO DE ADORNO:

15.7. OBSERVAÇÕES:

16. CORPO: Cilíndrico

16.1. DECORAÇÃO: Apliques (representando braços, mãos, umbigo, mamilos, pernas, pés c/dedos, coluna vertebral, órgão sexual)

16.2. ENGOBO: Branco

16.3. BORDA: Extrovertida

16.4. LÁBIO: Arredondado

16.5. POSIÇÃO DAS PERNAS: Flexionada à 80°

16.6. POSIÇÃO DO BRAÇO: Sobre o abdome

16.7. ESPESSURA: 10,0 mm

16.8. DEFORMAÇÕES: Nas pernas c/ panturrilha deformada.

16.9. OBSERVAÇÕES: Corpo fragmentado

17. BANCO: Retangular

17.1. COMPRIMENTO: 26,0 cm

17.2. LARGURA: 14,5 cm

17.3. ALTURA: 6,0 cm

17.4. TIPO DE ADORNO: geométrico (quatro pontos redondos em relevo - dois de cada lado da perna; duas cavidades curvilinhas - uma de cada lado da perna)

17.5. DECORAÇÃO: Aplicada

18. PERFIL CERÂMICO:

18.1. ADITIVO: Cariapé, areia, mica

18.2. TRATAM. DE SUPERF. EXTERNA: Alisado c/ engobo

18.3. TRATAM. DE SUPERF. INTERNA: Alisado

18.4. OXIDAÇÃO: Incompleta

18.5. TÉCNICA DE MANUFATURA: Acordelado

18.6. OBSERVAÇÃO:

19. OBSERVAÇÕES GERAIS: A peça está fragmentada.

FICHA DE ANÁLISE DE CERÂMICA FUNERÁRIA

Nº DA PEÇA:10



01. FORMA DE AQUISIÇÃO:

DOAÇÃO () COMPRA ()

PERMUTA () OUTROS ()

ESCAVAÇÃO () PROSPECÇÃO (X)

01.01. DATA DA AQUISIÇÃO: 1998

01.02. NOME DO PESQUISADOR(A): Brasilina Queiroz e Adervan Dias Lacerda

02. NOME DO SÍTIO: AP-AR-01: Retiro do Bidú

02.1.LOCALIZAÇÃO DO SÍTIO: Margem Esquerda do Rio Cupixi - Município de Porto Grande

03. TIPO DE SÍTIO ARQUEOLÓGICO: Cemitério Fechado

04. CARACTERÍSTICAS DO SÍTIO ARQUEOLÓGICO: Túmulo Subterrâneo com Câmara sem Tampa.

05. TRADIÇÃO: Policroma

06. FASE ARQUEOLÓGICA: Mazagão

07. TIPO DE URNA: Antropomorfa

08. FORMA DA URNA: Cilíndrica (Representando um ser humano sentado)

09. CONTEÚDO DA URNA: Óssos

10. COR DA URNA: Vermelha

11. ALTURA TOTAL DA URNA:

12. DIÂMETRO MÁXIMO:

DIÂMETRO MÍNIMO:

13. COMPRIMENTO DA PEÇA C/ EXTENSÃO DAS PERNAS:

14. DIÂMETRO DA BOCA: 10,0 cm

15. SEXO: Indefinido

15. FORMA DA TAMPA: Não Têm

15.1. ALTURA MÁXIMA:

15.2. DIÂMETRO MÁXIMO:

15.3. ESPESSURA DA TAMPA:

15.4. DECORAÇÃO:

15.5. DEFORMAÇÕES:

15.6.TIPO DE ADORNO:

15.7. OBSERVAÇÕES:

LOCALIZAÇÃO DA URNA: Reserva Técnica do Museu Histórico do Amapá Joaquim C. da Silva

16. CORPO: Cilíndrico

16.1. DECORAÇÃO: Apliques (representando braços, mãos, umbigo, mamilos, coluna vertebral)

16.2. ENGOBO: Branco

16.3. BORDA: Extrovertida

16.4. LÁBIO: Arredondado

16.5. POSIÇÃO DAS PERNAS: Não Têm

16.6. POSIÇÃO DO BRAÇO: Sobre o abdome

16.7. ESPESSURA: 9,0-10,0 mm

16.8. DEFORMAÇÕES:

16.9. OBSERVAÇÕES: Corpo parcialmente fragmentado; existem três orifícios na borda.

17. BANCO: Não Têm

17.1.COMPRIMENTO:

17.2. LARGURA:

17.3. ALTURA:

17.4. TIPO DE ADORNO:

17.5.DECORAÇÃO:

18. PERFIL CERÂMICO:

18.1. ADITIVO: Cariapé, areia, seixo(2,0-6,0 mm)

18.2. TRATAM. DE SUPERF. EXTERNA: Alisado, engobo

18.3. TRATAM. DE SUPERF. INTERNA: Alisado

18.4. OXIDAÇÃO: Incompleta

18.5. TÉCNICA DE MANUFATURA: Acordelado

18.6. OBSERVAÇÃO:

19. OBSERVAÇÕES GERAIS: A peça está fragmentada, sem banco e pernas.

FICHA DE ANÁLISE DE CERÂMICA FUNERÁRIA

Nº DA PEÇA:11



01. FORMA DE AQUISIÇÃO:

DOAÇÃO () COMPRA ()

PERMUTA () OUTROS ()

ESCAVAÇÃO () PROSPECÇÃO (X)

01.01. DATA DA AQUISIÇÃO: 1998

01.02. NOME DO PESQUISADOR(A): Brasilina Queiroz e Adervan Dias Lacerda

02. NOME DO SÍTIO: AP-AR-01: Retiro do Bidú

02.1.LOCALIZAÇÃO DO SÍTIO: Margem Esquerda do Rio Cupixi - Município de Porto Grande

03. TIPO DE SÍTIO ARQUEOLÓGICO: Cemitério Fechado

04. CARACTERÍSTICAS DO SÍTIO ARQUEOLÓGICO: Túmulo Subterrâneo com Câmara sem Tampa.

05. TRADIÇÃO: Policroma

06. FASE ARQUEOLÓGICA: Mazagão

07. TIPO DE URNA: Antropomorfa

08. FORMA DA URNA: Cilíndrica (Representando um ser humano sentado)

09. CONTEÚDO DA URNA: Óssos

10. COR DA URNA: Vermelha

11. ALTURA TOTAL DA URNA: 44,0 cm

12. DIÂMETRO MÁXIMO:

DIÂMETRO MÍNIMO:

13. COMPRIMENTO DA PEÇA C/ EXTENSÃO DAS PERNAS: 34,0 cm

14. DIÂMETRO DA BOCA: Não Têm

15. SEXO: Masculino

15. FORMA DA TAMPA: Não Têm

15.1. ALTURA MÁXIMA:

15.2. DIÂMETRO MÁXIMO:

15.3. ESPESSURA DA TAMPA:

15.4. DECORAÇÃO:

15.5. DEFORMAÇÕES:

15.6.TIPO DE ADORNO:

15.7. OBSERVAÇÕES:

LOCALIZAÇÃO DA URNA: Reserva Técnica do Museu Histórico do Amapá Joaquim C. da Silva

16. CORPO: Cilíndrico

16.1. DECORAÇÃO: Linhas finas e grossas de cor preta formando desenhos geométricos, apliques (representando braços, mãos, umbigo, mamilos, pernas, coluna vertebral, órgão sexual)

16.2. ENGOBO: Branco

16.3. BORDA: Extrovertida

16.4. LÁBIO: Plano

16.5. POSIÇÃO DAS PERNAS: Flexionada à 90°

16.6. POSIÇÃO DO BRAÇO: Sobre o abdome

16.7. ESPESSURA: 10,0 mm

16.8. DEFORMAÇÕES: Nas pernas c/ panturrilha deformada

16.9. OBSERVAÇÕES: Corpo parcialmente fragmentado

17. BANCO: Não Têm

17.1.COMPRIMENTO:

17.2. LARGURA:

17.3. ALTURA:

17.4. TIPO DE ADORNO:

17.5.DECORAÇÃO:

18. PERFIL CERÂMICO:

18.1. ADITIVO: Cariapé, areia, seixo(2,0-5,0 mm)

18.2. TRATAM. DE SUPERF. EXTERNA: Alisado, engobo e pintura

18.3. TRATAM. DE SUPERF. INTERNA: Alisado

18.4. OXIDAÇÃO: Completa

18.5. TÉCNICA DE MANUFATURA: Acordelado

18.6. OBSERVAÇÃO:

19. OBSERVAÇÕES GERAIS: A peça está fragmentada, faltando parte da borda, banco.

FICHA DE ANÁLISE DE CERÂMICA

Nº DA PEÇA: 12



LOCALIZAÇÃO DA PEÇA: Reserva Técnica do Museu Histórico do Amapá Joaquim C. da Silva

01. FORMA DE AQUISIÇÃO:

DOAÇÃO () COMPRA ()
 PERMUTA () OUTROS ()
 ESCAVAÇÃO () PROSPECÇÃO (X)

01.01. DATA DA AQUISIÇÃO: 1998

01.2. NOME DO PESQUISADOR (A): Brasilina Queiroz e Adervan Lacerda

02. NOME DO SÍTIO: AP-AR-01: Retiro do Bidú

02.1. LOCALIZAÇÃO DO SÍTIO: Margem Esquerda do rio Cupixi - Município de Porto Grande - Retiro do Bidú.

03. TIPO DE SÍTIO ARQUEOLÓGICO: Cemitério Fechado

04. CARACTERÍSTICAS DE SÍTIO: Túmulo Subterrâneo com Câmara sem Tampa.

05. TRADIÇÃO: Policroma

06. FASE ARQUEOLÓGICA: Mazagão

07. TIPO DE PEÇA: Vasilhame

08. CONTEÚDO DA PEÇA:

09. COR DA PEÇA: Vermelha

10. ALTURA TOTAL DA PEÇA: 20,5 cm

11. DIÂMETRO MÁXIMO: 20,0 cm

12. DIÂMETRO DA BOCA: 13,0 cm

12.1. FORMA DA BOCA: Circular

13. SEXO:

14. FORMA DA PEÇA: Arredondada

14.1. TIPO DE LÁBIO: Arredondado

15.2. ESPESSURA DA PEÇA: 4,0 mm

15.3. BOCA: (X) CONSTRITA () AMPLIADA

15.4. CONTORNO DA PEÇA: Composto

15.5. TIPO DE BORDA: Direta

15.6. TIPO DE BASE: Plana

15.7. TIPO DE DECORAÇÃO: Aplique na borda (representação de uma boca, dois olhos e contorno de um rosto ?)

15.8. ENGOBO: Branco

15.9. TIPO DE ADORNO: Aplicado

15.10. DEFORMAÇÕES:

15.11. OBSERVAÇÕES: Peça com fragmentação na borda.

16. PERFIL CERÂMICO:

16.1. TEMPERO: Cariapé

16.2. TRATAM. DE SUPERF. EXTERNA: Engobo, alisado

16.3. TRATAM. DE SUPERF. INTERNA: Alisado

16.4. OXIDAÇÃO: Incompleta

16.5. TÉCNICA DE MANUFATURA: Acordelada

16.6. OBSERVAÇÃO:

FICHA DE ANÁLISE DE CERÂMICA FUNERÁRIA

Nº DA PEÇA:13



01. FORMA DE AQUISIÇÃO:
 DOAÇÃO () COMPRA ()
 PERMUTA () OUTROS ()
 ESCAVAÇÃO () PROSPECÇÃO (X)
- 01.01. DATA DA AQUISIÇÃO: 1998
- 01.02. NOME DO PESQUISADOR(A): Brasilina Queiroz e Adervan Dias Lacerda
02. NOME DO SÍTIO: AP-AR-01: Retiro do Bidú
- 02.1.LOCALIZAÇÃO DO SÍTIO: Margem Esquerda do Rio Cupixi - Município de Porto Grande
03. TIPO DE SÍTIO ARQUEOLÓGICO: Cemitério Fechado
04. CARACTERÍSTICAS DO SÍTIO ARQUEOLÓGICO: Túmulo Subterrâneo com Câmara sem Tampa.
05. TRADIÇÃO: Policroma
06. FASE ARQUEOLÓGICA: Mazagão
07. TIPO DE URNA: Antropomorfa
08. FORMA DA URNA: Cilíndrica (Representando um ser humano sentado)
09. CONTEÚDO DA URNA: Óssos
10. COR DA URNA: Vermelha
11. ALTURA TOTAL DA URNA:
12. DIÂMETRO MÁXIMO:
 DIÂMETRO MÍNIMO:
13. COMPRIMENTO DA PEÇA C/ EXTENSÃO DAS PERNAS:
14. DIÂMETRO DA BOCA: Não Têm
15. SEXO: Indefinido
- 15. FORMA DA TAMPA:** Não Têm
- 15.1. ALTURA MÁXIMA:
- 15.2. DIÂMETRO MÁXIMO:
- 15.3. ESPESSURA DA TAMPA:
- 15.4. DECORAÇÃO:
- 15.5. DEFORMAÇÕES:

LOCALIZAÇÃO DA URNA: Reserva Técnica do Museu Histórico do Amapá Joaquim C. da Silva

15.6.TIPO DE ADORNO:

15.7. OBSERVAÇÕES:

16. CORPO: Cilíndrico

16.1. DECORAÇÃO: Linhas finas e grossas de cor preta formando desenhos geométricos, apliques (representando braços, umbigo)

16.2. ENGOBO: Branco

16.3. BORDA:

16.4. LÁBIO:

16.5. POSIÇÃO DAS PERNAS:

16.6. POSIÇÃO DO BRAÇO: Sobre o abdome

16.7. ESPESSURA: 10,0 mm

16.8. DEFORMAÇÕES: Nas pernas c/ panturrilha deformada

16.9. OBSERVAÇÕES: Corpo completamente fragmentado

17. BANCO: Não Têm

17.1.COMPRIMENTO:

17.2. LARGURA:

17.3. ALTURA:

17.4. TIPO DE ADORNO:

17.5.DECORAÇÃO:

18. PERFIL CERÂMICO:

18.1. ADITIVO: Cariapé, areia, seixo(2,0-9,0 mm)

18.2. TRATAM. DE SUPERF. EXTERNA: Alisado, engobo e pintura

18.3. TRATAM. DE SUPERF. INTERNA: Alisado

18.4. OXIDAÇÃO: Completa

18.5. TÉCNICA DE MANUFATURA: Acordelado

18.6. OBSERVAÇÃO:

19. OBSERVAÇÕES GERAIS: A peça está fragmentada, existindo só frente do corpo.

TABELAS DE ANÁLISE DO
PERFIL CERÂMICO DAS PEÇAS
DOS POÇOS FUNERÁRIOS
AMAPAENSES

Tabela nº03: Análise do Perfil Cerâmico das Peças Funerárias do Monte Curú (AP-CA-10)

URNA Nº	ADITIVO	TSE*	TSI*	OXIDAÇÃO	OBSERVAÇÃO
01 229MPEG	(?)	Engobo bege e pintura vermelha	Engobo bege + pintura vermelha	Completa	Perfil simples, borda direta, apliques zoomorfos, fundo apresenta 24 perfurações de 4 mm/diam.
02 230MPEG	(?)	Engobo bege + pintura vermelha + apêndice zoomorfos + incisões	Engobo bege + pintura vermelha	Completa	Perfil composto, borda direta, apliques zoomorfos, base plana, fundo apres. 28 perfurações de 4 mm/diam.
03 236MPEG	(?)	Alisado+eng.branco + pint. vermelha	alisada+eng.bege	Incompleta	Perfil composto, borda inclinada externamente, base plana.
04 232 MPEG	(?)	Engobo + pintura + apliques zoomorfos + incisão	alisada	completa	perfil composto, borda inclinada externamente, fundo apresenta 7 perfurações de 4/9 mm/diam.
05 235MPEG	(?)	Engobada c/pintura vermelha + apliques zoomorfos	alisada	incompleta	Perfil composto, borda inclianda internamente,apêndice zoomorfos (4 asas), o recipiente continha ossos humanos.
06 23 MPEG	(?)	Alisada + incisão e excisão (borda)	alisada	completa	Perfil composto, borda direta, base convexa.
07 240MPEG	(?)	Alisada + incisão + apliq. Roletes	alisada	completa	Perfil simples, borda direta, base convexa.
08 233MPEG	(?)	Engobo bege + pintura vermelha	alisada + engobo	completa	Perfil composto, borda convexa inclinada internamente, base plana, fundo tem três perfurações de 5 mm/diam.
09 237MPEG	(?)	Engobo bege + pintura vermelha + apliques modelados	alisada + engobo bege	completa	Perfil composto, borda cilíndrica incompleta, base plana.
10 241MPEG	(?)	Alisada + engobo bege + pintura vermelha	alisada + engobo bege	completa	Perfil composto, borda inclinada externamente, base plana, fundo apresenta 3 perfurações de 6 mm/diam.

11 231MPEG	(?)	Engobada + pintura vermelha	alisada	incompleta	Perfil composto c/dupla carena, borda direta/vertical, base plana, o vaso cont. quant. insign. de terra e ossos.
12 245MPEG	(?)	Engobada + pintura policroma + incisão + apliques antropomorfos	alisada + engobada	incompleta	Perfil composto, borda composta, base plana, a urna funer. cont. restos ósseos e apresentava 8 perfurações no fundo.
13 242MPEG	(?)	Engobo bege + pintura vermelha + apliques antropomorfos	alisada	incompleta	Perfil composto, borda inclinada externamente, base plana, fundo apresentava 6 perfurações de 7 mm/diam.
14 244MPEG	(?)	Engobo bege + pintura vermelha + incisão	alisada + engobo bege	completa	Perfil composto, borda composta, base plana, a peça apresenta 3 perfurações no fundo, de 8 mm/diam.
15 234MPEG	(?)	Alisada + engobo + pintura policroma + apêndices + incisão	alisada	completa	Perfil composto, borda inclinada externamente, o fundo tem dez perfurações de 2 mm/diam.
16 238MPEG	(?)	Alisada + engobo bege + pintura vermelha + apliques modelados	alisada + engobo vermelho	completa	Perfil Composto, borda direta, base plana, a peça apresenta 5 perfurações na base de 8 mm/diam.
17					A peça não foi cadastrada no MPEG.
18					A peça não foi cadastrada no MPEG

* TSE - TRATAMENTO DE SUPERFÍCIE EXTERNO

* TSI - TRATAMENTO DE SUPERFÍCIE INTERNO

Tabela nº04: Análise do Perfil Cerâmico das Peças Funerárias do São Francisco - rio Novo (AP-CA-13)

URNA Nº	ADITIVO	TSE*	TSI*	OXIDAÇÃO	OBSERVAÇÃO
01	Cariapé, areia e caco moído	Engobo bege, alisado e pintura	Alisado	Incompleta	Vestígios de adorno no bojo.
02	(?)	Engobo bege, alisado e pintura	Alisado	(?)	Adorno zoomorfo no bojo
03	Cariapé + caco moído	Engobo bege, alisado e pintura	Alisado	Incompleta	
04	Cariapé + caco moído	Engobo bege e alisado	Alisado	Incompleta	
05	Cariapé + caco moído	Engobo bege, alisado e pintura	Alisado	Incompleta	Adorno geométrico (alça c/furo)
06	Cariapé + caco moído	Engobo bege, alisado e pintura	Alisado	Incompleta	Adorno zoomorfo no bojo
07	(?)	Engobo bege, alisado e incisão	Alisado	Incompleta	Apliques no bojo (asas)
08	(?)	Engobo bege, alisado e pintura	Alisado	Completa	O vasilhame possui 2 orifícios feitos propositalmente.
09	Cariapé, areia e caco moído	Engobo bege, alisado e pintura	Alisado	Completa	Aplique zoomorfo no bojo (asas)
10	Areia	Engobo bege, alisado e pintura	Alisado	Completa	

* TSE - TRATAMENTO DE SUPERFÍCIE EXTERNO

* TSI - TRATAMENTO DE SUPERFÍCIE INTERNO

Tabela nº05: Análise do Perfil Cerâmico das Urnas do Bidú - Cupixi (AP-AR-01)

URNA Nº	ADITIVO	TSE*	TSI*	OXIDAÇÃO	OBSERVAÇÃO
01	Cariapé	Engobo branco, alisado e pintura	Alisado	Incompleta	Presença de areia e seixo (2,0-9,0 mm) na argila
02	Cariapé + mica	Engobo branco, alisado e pintura	Alisado	Completa	Presença de areia na argila
03	Cariapé + mica	Engobo branco, alisado e pintura	Alisado	Incompleta	Presença de magnetita na argila
04	Cariapé	Engobo branco, alisado e pintura	Alisado	Incompleta	Presença de areia na argila
05	Cariapé + mica	Engobo branco, alisado e pintura	Alisado	Incompleta	Presença de areia na argila
06	Cariapé + mica	Engobo branco e alisado	Alisado	Incompleta	Presença de areia e seixo (2,0-9,0 mm) na argila
07	Cariapé + mica	Engobo branco, alisado e pintura	Alisado	Incompleta	Presença de areia e seixo (2,0-5,0 mm) na argila
08	Cariapé	Engobo branco e alisado	Alisado	Incompleta	Presença de areia e seixo (2,0-5,0 mm) na argila
09	Cariapé + mica	Engobo branco e alisado	Alisado	Incompleta	Presença de areia na argila
10	Cariapé	Engobo branco e alisado	Alisado	Incompleta	Presença de areia e seixo (2,0-6,0 mm) na argila
11	Cariapé	Engobo branco, alisado e pintura	Alisado	Completa	Presença de areia, seixo (2,0-5,0 mm) na argila
12	Cariapé	Engobo branco e alisado	Alisado	Incompleta	
13	Cariapé	Engobo branco, alisado e pintura	Alisado	Completa	Presença de areia e seixo (2,0-9,0 mm) na argila

* TSE - TRATAMENTO DE SUPERFÍCIE EXTERNO

* TSI - TRATAMENTO DE SUPERFÍCIE INTERNO

Tabela nº06: Cronologia dos Sítios Arqueológicos na Amazônia

SÍTIO ARQUEOLÓGICO	LOCAL DE ORIGEM	DATAÇÃO OBTIDA	TIPO DE DATAÇÃO	LABORATÓRIO	NÚMERO DA DATAÇÃO
MARACÁ	AMAPÁ-BRASIL	1.500 d.C.	RELATIVA		
MONTE CURÚ-CUNANI	AMAPÁ-BRASIL	1.500 d.C.	RELATIVA		
COLORADO	RIO MAGDALENA-COLOMBIA	1.160 \pm 60 d.C.	ABSOLUTA/ RADIOCARBONO	BETA ANALYTIC INC.	Beta 4212 Colorados I
SÃO FRANCISCO - RIO NOVO	AMAPÁ-BRASIL	1.500 d.C.	RELATIVA		
RETIRO DO BIDÚ	AMAPÁ-BRASIL	1.500 d.C.	RELATIVA		

